



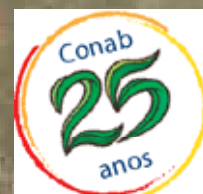
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 3 - Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2015**



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Lineu Olímpio de Souza

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Roberto Naves e Siqueira

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Giovanna Freitas de Castro (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 3 -Terceiro levantamento | **DEZEMBRO 2015**

Monitoramento agrícola – Cultivos de inverno (safra 2015) e de verão (safra 2015/16)

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 3- Safra 2015/16 - Terceiro levantamento, Brasília, p. 1-152, dezembro 2015.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

João Marcelo Brito Alves (Geint)

Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)

João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)

Leonardo Amazonas (Geole -soja)

Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)

Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)

André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)

Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)

Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 08



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 15



5. Estimativa de produção ----- 17



6. Crédito rural ----- 20



7. Monitoramento agrícola -----44



8. Análise das culturas----- 62

8.1. Culturas de verão----- 62

8.2. Culturas de inverno ----- 115



9. Balanço de oferta e demanda----- 129



10. Preços ----- 131



11. Câmbio ----- 139



12. Exportação e importação ----- 141





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 211 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 1,5% em relação à safra anterior.

A área plantada prevista ficará entre 58,6 milhões de hectares, crescimento previsto de 1,1% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pela redução de área na Bahia, segundo maior estado produtor.

Amendoim: a estimativa é de redução da área em relação a 2014/15, porém com aumento da produção, fomentada pelo aumento de produtividade.

Arroz: há perspectivas de pequena redução de área, produtividade e produção.

Feijão: aumento da produção e produtividade do feijão primeira safra, mesmo com uma leve redução de área.

Mamona: estimativa de aumento na produção, área plantada e produtividade.

Milho: perspectiva de redução na área plantada e produção de milho primeira safra em comparação com 2014/15.

Soja: projeção de crescimento na produção e na produtividade, podendo atingir 102,5 milhões de toneladas.

Safra inverno 2015

Aveia: significativo aumento de área e produção total, mesmo com queda na produtividade média.

Canola: mesmo com redução de área, a produção será significativamente superior à safra anterior.

Centeio: redução de área e produtividade, que resulta em redução de 17,1% na produção.

Cevada: redução de área plantada e produtividade, que resulta em uma produção menor que à safra passada. Problemas com qualidade do cereal.

Trigo: a produção será menor que a safra 2014. Redução de área plantada e fatores climáticos foram prejudiciais à cultura. Muitos problemas com a qualidade do produto e perda de rendimento.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o acompanhamento da safra brasileira de grãos, procura oferecer informações e conhecimentos contextualmente relevantes para todos os agentes que estão envolvidos com os desafios da agricultura, da segurança alimentar e nutricional e do abastecimento.

O relatório foi construído de maneira a registrar e indicar variáveis que podem auxiliar na compreensão dos resultados da safra de grãos e que se inserem como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

A Conab, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, a pesquisa subjetiva de campo, além de outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse relatório, que aborda a intenção de plantio da safra de verão e avaliação das culturas de inverno, que se encontram na fase final de colheita, consta os resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia no território nacional, indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, bem como informes da situação climática, o acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado

das culturas pesquisadas.

É importante realçar que, a Companhia tem a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos, com o envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados ora divulgados devem ser regis-

trados como esforço e colaboração de profissionais autônomos e técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Agradecemos pela indispensável participação de todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,6 MILHÕES DE HECTARES)

A estimativa neste levantamento é que a área plantada com grãos alcance 58,6 milhões de hectares na safra 2015/16, o que representa crescimento de 1,1% em relação à área cultivada na safra 2014/15, que totalizou 57,9 milhões de hectares (Tabela 1). Vale ressaltar que essa área equivale a áreas de primeira, segunda e terceira safras, além das culturas de inverno. Se levarmos em consideração apenas a área efetivamente cultivada, a estimativa é de 43,3 milhões de hectares, visto que 15,2 milhões de hectares restantes são culturas sobrepostas à área de total (Gráfico 1).

A cultura da soja, responsável mais de 55% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento na área cultivada com a oleaginosa de 3,4% (1,1 milhão de hectares). O algodão apresenta redução de 1,6% (15,6 mil hectares), reflexo da opção pelo plantio de soja na Bahia, segundo maior produtor do país. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução de 6,7% na área (413,6 mil hectares), a ser cultivada com soja. O feijão primeira safra apresenta redução de 2,1% (21,9 mil hectares).

Esta é a terceira previsão para a safra 2015/16. Apenas as culturas de primeira safra tiveram o plantio iniciado, que se estenderá até dezembro. As culturas de inverno estão na fase final de colheita. Para as culturas de segunda safra o plantio se iniciará a partir de janeiro.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b) ¹	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	952,2	960,6	(1,6)	(15,6)
AMENDOIM TOTAL	108,9	107,0	106,6	(2,1)	(2,3)
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	95,8	95,6	(2,1)	(2,1)
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	11,2	11,0	(1,8)	(0,2)
ARROZ	2.295,1	2.191,8	2.207,0	(3,8)	(88,1)
FEIJÃO TOTAL	3.051,0	3.029,9	3.029,1	(0,7)	(21,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.048,9	1.031,3	(2,1)	(21,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.318,3	1.318,5	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	679,3	662,7	679,3	-	-
GIRASSOL	111,5	110,7	111,5	-	-
MAMONA	82,1	128,4	128,4	56,4	46,3
MILHO TOTAL	15.692,9	15.259,0	15.279,3	(2,6)	(413,6)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.708,4	5.728,7	(6,7)	(413,6)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.550,6	9.550,6	-	-
SOJA	32.092,9	33.041,0	33.189,0	3,4	1.096,1
SORGO	722,6	722,6	736,8	2,0	14,2
SUBTOTAL	55.133,2	55.542,5	55.748,3	1,1	615,1
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b) ¹	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	190,0	189,5	-	-
CANOLA	44,4	43,1	44,4	-	-
CENTEIO	1,7	1,8	1,7	-	-
CEVADA	102,4	105,0	102,4	-	-
TRIGO	2.446,6	2.500,1	2.446,6	-	-
TRITICALE	21,5	22,0	21,5	-	-
SUBTOTAL	2.806,1	2.862,0	2.806,1	-	-
BRASIL	57.939,3	58.404,5	58.554,4	1,1	615,1

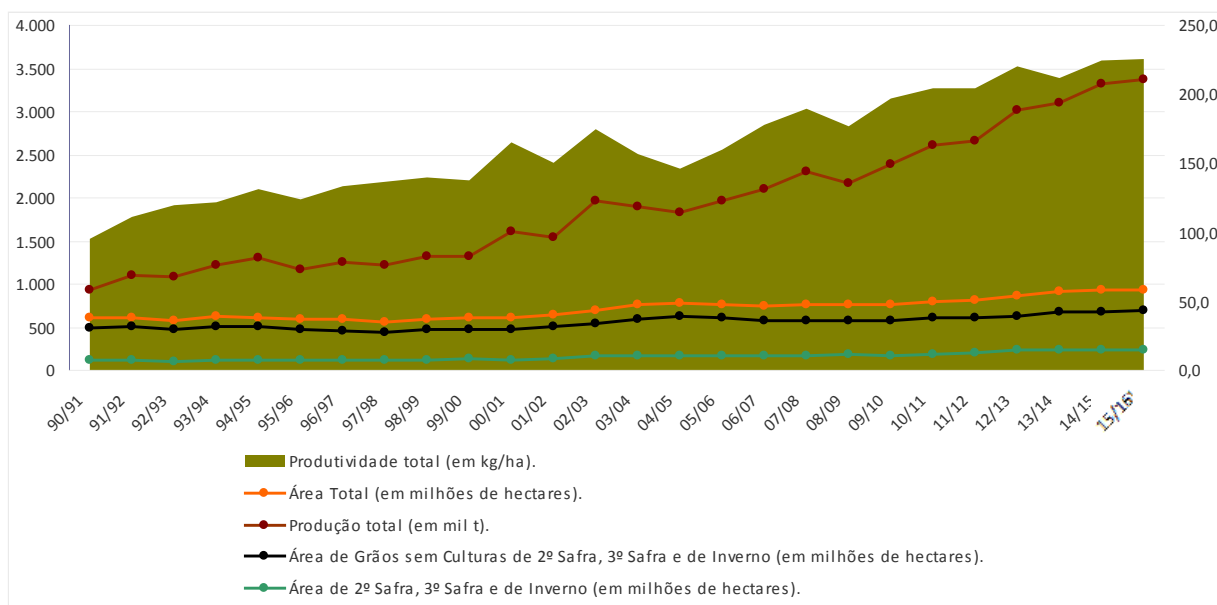
Legenda: (1) Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.

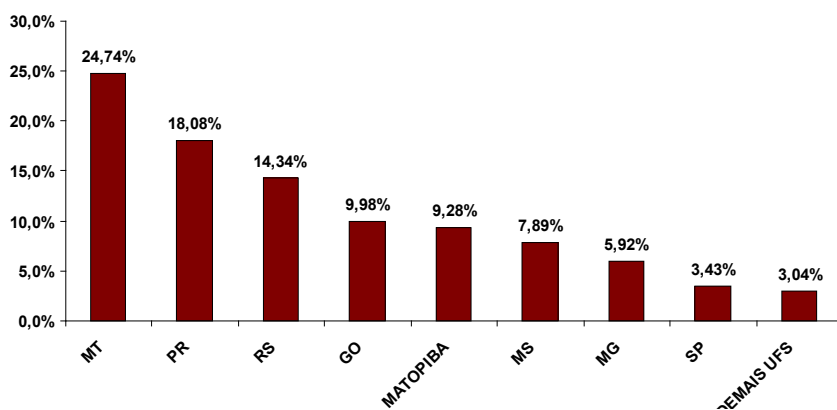


Gráfico 1 – Área, produtividade, produção total de grãos (absoluto)



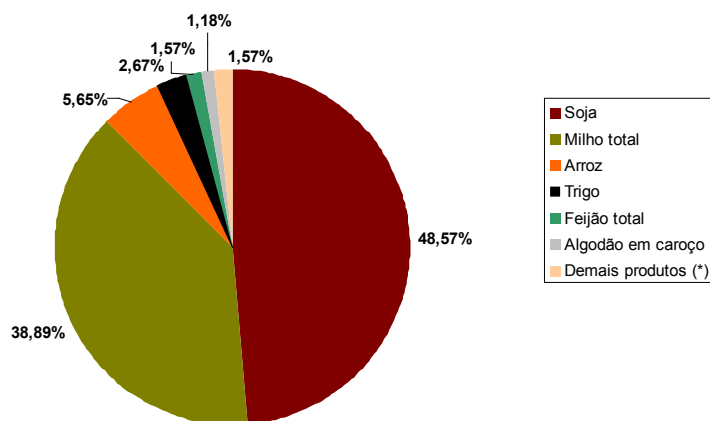
Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Brasil - Produção total por unidade da federação



Fonte: Conab.

Gráfico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto



Fonte: Conab.





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utiliza de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontra em fase de plantio, tendo em vista que ainda são escassas as informações de campo. Com o plantio finalizado, é levado em consideração as informações de produtividade apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado desses estudos auxilia na redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é que a produtividade seja levemente superior à safra passada.

A estimativa é que a safra de soja alcance produtividades superiores à safra passada em todos os estados produtores. As condições climáticas são favoráveis a esta cultura e, apesar do atraso do plantio em algumas regiões, não há impacto na produtividade.

O milho primeira safra teve problemas pontuais na safra anterior em parte da Região Centro-Oeste e Sudeste. Também houve queda de produtividade em alguns estados do Nordeste (CE, RN, PB e PE) onde a escassez hídrica afetou-a negativamente. No restante do país houve normalidade nas produtividades alcançadas. Para esta safra a expectativa é de retomada das produtividades normais e, no âmbito geral, é semelhante à safra anterior.

Para o algodão, cultura altamente tecnicizada no país, a estimativa é que a produtividade seja semelhante à safra anterior, na qual a cultura não teve problemas no seu desenvolvimento e o país teve produtividade média recorde.

O feijão primeira safra teve problemas na safra anterior, tendo em vista que a cultura possui ciclo curto e sofreu com veranicos durante o desenvolvimento e chuva na colheita em parte das regiões produtoras. A expectativa é de produtividade dentro da normali-

dade, por isso a recuperação de 5% na produtividade.

Para as culturas de segunda e terceira safras, tendo em vista que o plantio inicia em janeiro e abril, respectivamente, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b)	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.361	2.351	(2,3)	(55,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.553	1.565	(2,2)	(36,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.228	3.320	4,3	137,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.325	3.429	4,9	161,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.353	5.402	(0,3)	(17,0)
FEIJÃO TOTAL	1.020	1.079	1.095	7,3	74,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.134	1.132	5,3	57,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	847	964	964	13,8	117,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.271	1.222	1.292	1,7	21,2
GIRASSOL	1.374	1.609	1.613	17,4	239,2
MAMONA	573	183	728	27,1	155,3
MILHO TOTAL	5.396	5.368	5.370	(0,5)	(26,0)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.791	4.797	(2,1)	(100,5)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.713	5.713	(0,1)	(2,9)
SOJA	2.999	3.087	3.087	2,9	88,3
SORGO	2.844	2.695	2.664	(6,3)	(180,4)
SUBTOTAL	3.653	3.668	3.670	0,5	17,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b) ¹	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	2.101	1.853	-	-
CANOLA	1.236	1.258	1.236	-	-
CENTEIO	1.706	2.000	1.706	-	-
CEVADA	2.585	2.777	2.585	-	-
TRIGO	2.302	2.492	2.302	-	-
TRITICALE	2.647	2.664	2.647	-	-
SUBTOTAL	2.267	2.459	2.267	-	-
BRASIL ⁽²⁾	3.586	3.609	3.603	0,5	17,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (211 MILHÕES DE TONELADAS)

A produção estimada para a safra 2015/16 é 2,11 milhões de toneladas, aumento de até 1,5% (Tabela 2). Esse resultado representa um aumento na produção de 3,9 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15 (207,8 milhões de toneladas).

A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 6,2 milhões de toneladas, estimada em 102,5 milhões de toneladas. Os ganhos de área e produtividade da cultura refletem num aumento de 6,5% na produção total do país.

Para o milho primeira e o algodão a estimativa é de queda na produção total, impulsionada pela redução na área plantada.

A recuperação das produtividades de feijão reflete em aumento da produção, apesar da queda na área plantada do país.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b) ³	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.248,7	2.258,2	(3,8)	(90,4)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.479,0	1.503,1	(3,8)	(59,7)
AMENDOIM TOTAL	346,8	345,4	353,8	2,0	7,0
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	318,5	327,7	2,6	8,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	26,9	26,1	(5,1)	(1,4)
ARROZ	12.436,1	11.733,3	11.921,3	(4,1)	(514,8)
FEIJÃO TOTAL	3.112,2	3.270,4	3.316,5	6,6	204,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.189,3	1.167,1	3,1	35,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.117,1	1.271,4	1.271,6	13,8	154,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	863,4	809,7	877,8	1,7	14,4
GIRASSOL	153,2	178,2	179,8	17,4	26,6
MAMONA	47,0	93,5	93,5	98,9	46,5
MILHO TOTAL	84.672,4	81.909,8	82.043,6	(3,1)	(2.628,8)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	27.347,0	27.480,6	(8,6)	(2.601,4)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	54.562,8	54.562,8	(0,1)	(27,7)
SOJA	96.242,6	101.997,1	102.459,1	6,5	6.216,5
SORGO	2.055,3	1.947,3	1.962,8	(4,5)	(92,5)
SUBTOTAL	201.414,2	203.723,6	204.588,4	1,6	3.174,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Nov 2015 (b) ¹	Dez/2015 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	399,2	351,2	-	-
CANOLA	54,9	54,2	54,9	-	-
CENTEIO	2,9	3,6	2,9	-	-
CEVADA	264,7	291,6	264,7	-	-
TRIGO	5.632,1	6.230,0	5.632,1	-	-
TRITICALE	56,9	58,6	56,9	-	-
SUBTOTAL	6.362,7	7.037,2	6.362,7	-	-
BRASIL ²	207.776,9	210.760,8	210.951,1	1,5	3.174,2

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma; (3) Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.550,4	2,4	3.211	3.240	0,9	7.993,8	8.262,6	3,4
RR	44,7	63,2	41,4	3.886	3.638	(6,4)	173,7	229,9	32,4
RO	463,3	472,8	2,1	3.295	3.419	3,8	1.526,8	1.616,6	5,9
AC	55,5	52,9	(4,7)	1.953	1.989	1,8	108,4	105,2	(3,0)
AM	24,4	24,4	-	2.148	2.221	3,4	52,4	54,2	3,4
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	648,9	-	2.947	2.990	1,5	1.912,3	1.940,5	1,5
TO	1.248,0	1.283,2	2,8	3.378	3.360	(0,5)	4.215,8	4.311,4	2,3
NORDESTE	8.120,7	8.335,3	2,6	2.049	2.085	1,8	16.643,2	17.377,8	4,4
MA	1.728,7	1.733,1	0,3	2.392	2.473	3,4	4.134,2	4.285,2	3,7
PI	1.410,6	1.437,3	1,9	2.222	2.268	2,1	3.134,3	3.259,4	4,0
CE	907,7	907,7	-	336	447	33,2	304,8	406,1	33,2
RN	59,3	59,3	-	373	454	21,6	22,1	26,9	21,7
PB	122,9	122,9	-	299	389	30,1	36,8	47,8	29,9
PE	460,1	460,1	-	320	399	24,6	147,4	183,5	24,5
AL	79,9	79,9	-	841	755	(10,3)	67,2	60,3	(10,3)
SE	214,8	214,8	-	3.389	3.901	15,1	728,0	838,0	15,1
BA	3.136,7	3.320,2	5,9	2.572	2.491	(3,1)	8.068,4	8.270,6	2,5
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.233,8	1,6	3.855	3.905	1,3	88.167,1	90.738,2	2,9
MT	13.586,9	13.778,8	1,4	3.803	3.789	(0,4)	51.670,2	52.203,0	1,0
MS	4.043,7	4.139,0	2,4	4.150	4.021	(3,1)	16.782,4	16.641,8	(0,8)
GO	5.100,4	5.173,6	1,4	3.718	4.068	9,4	18.961,2	21.046,1	11,0
DF	142,4	142,4	-	5.290	5.950	12,5	753,3	847,3	12,5
SUDESTE	5.116,3	5.096,5	(0,4)	3.763	3.880	3,1	19.254,3	19.776,8	2,7
MG	3.238,1	3.208,3	(0,9)	3.649	3.892	6,7	11.815,7	12.487,7	5,7
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	3,7	(22,9)	1.875	1.865	(0,5)	9,0	6,9	(23,3)
SP	1.840,9	1.854,8	0,8	4.016	3.899	(2,9)	7.393,7	7.231,3	(2,2)
SUL	19.339,1	19.338,4	-	3.915	3.868	(1,2)	75.718,5	74.795,8	(1,2)
PR	9.583,5	9.629,8	0,5	3.928	3.961	0,8	37.643,8	38.142,8	1,3
SC	1.300,8	1.286,4	(1,1)	4.942	4.973	0,6	6.429,2	6.397,8	(0,5)
RS	8.454,8	8.422,2	(0,4)	3.743	3.592	(4,0)	31.645,5	30.255,2	(4,4)
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.885,7	2,6	2.322	2.355	1,4	24.637,0	25.640,4	4,1
CENTRO-SUL	47.328,8	47.668,7	0,7	3.870	3.887	0,4	183.139,9	185.310,8	1,2
BRASIL	57.939,3	58.554,4	1,1	3.586	3.603	0,5	207.776,9	210.951,2	1,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.





6. CRÉDITO RURAL

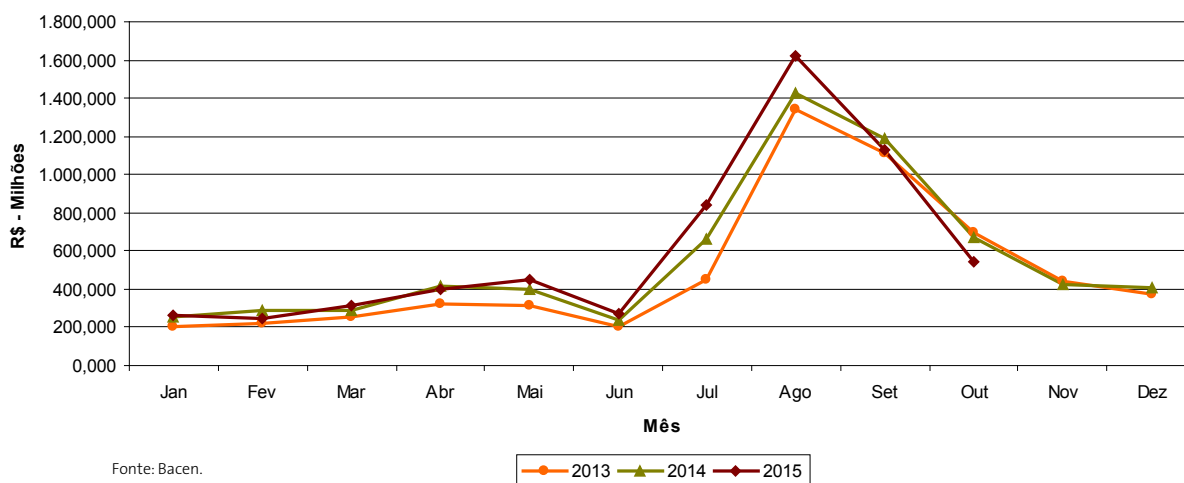
As informações do crédito rural são parte do processo de acompanhamento da escolha do produtor para o plantio da safra 2015/16. A Conab utiliza a comparação entre os anos de 2013 a 2015 (outubro) para amplitude de análise.

Deve-se ressaltar que a Conab se pauta nas informações do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo acesso final foi em 06 de novembro de 2015. Como é de conhecimento amplo, o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

A análise utiliza os financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e financiamento sem vínculo a programa específico. O período compreende de janeiro de 2013 a outubro de 2015 (último mês com dados disponíveis) para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

No Gráfico 4 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a outubro de 2015 para o Pronaf.

Gráfico 4 – Pronaf - Crédito

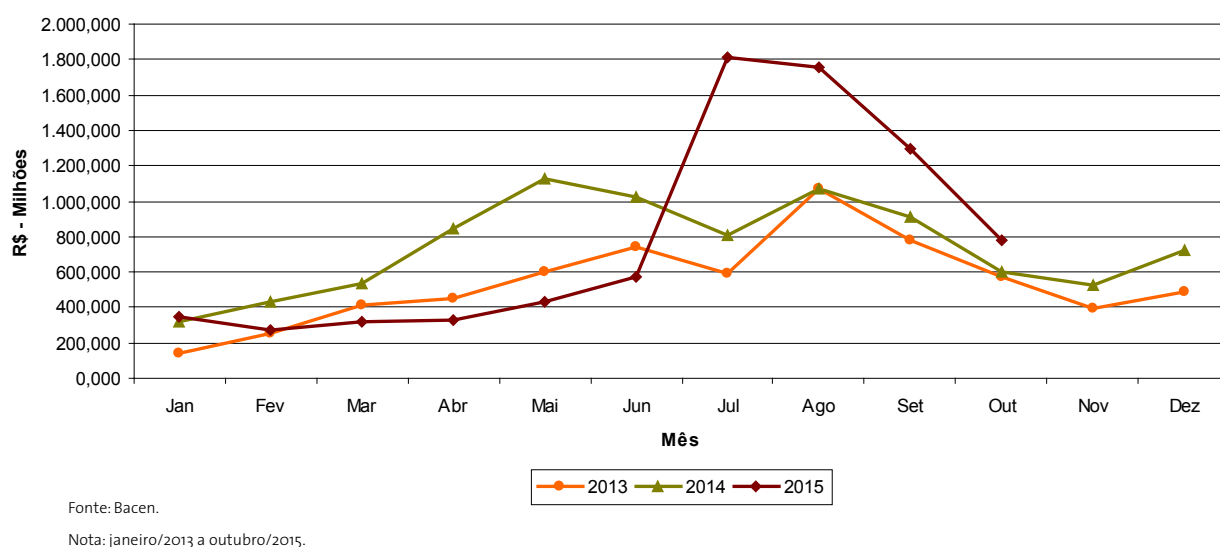


O comportamento do crédito na linha do Pronaf manteve-se semelhante no período sob análise. A curva descendente a partir de agosto tem relação com o uso do crédito com vistas à compra de insumos para o plantio. No ano de 2015 percebe-se o maior uso do

crédito do que nos anos anteriores.

No Gráfico 5 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a outubro de 2015 para o Pronamp.

Gráfico 5 – Pronamp - Crédito



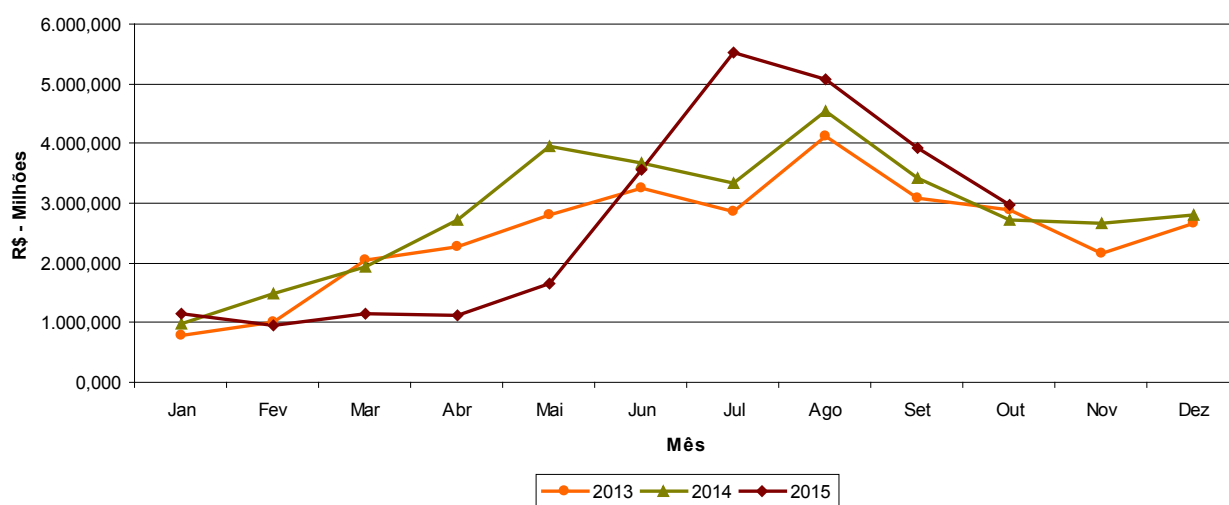
O uso dos recursos do Pronamp em 2015 é superior do que nos anos de 2013 e 2014. O crescimento dessa linha de crédito já era observado em 2014, quando comparada a 2013. O comportamento que se observa é de que, diferente dos anos anteriores, os recursos estão mais utilizados a partir de julho de 2015. A linha descendente demonstra que o pico do crédito já ocor-

reu e que os insumos para o plantio podem ter sido concentrados em pequeno espaço de tempo.

No Gráfico 6 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a setembro de 2015 para o tipo de financiamento sem vínculo a programa específico.



Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

No ano de 2015 o aumento no uso do crédito se destaca de julho até outubro, se comparado com os anos de 2013 e 2014. A queda na utilização do crédito segue o comportamento dos anos anteriores.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.

6.1. ARROZ

A Tabela 5 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,097
Sem Vinc. Espec.	6,086	17,154	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	38,588	26,769		
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	121,583	61,830		
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	217,593	148,361		
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	377,764	236,960		

Fonte: Bacen.

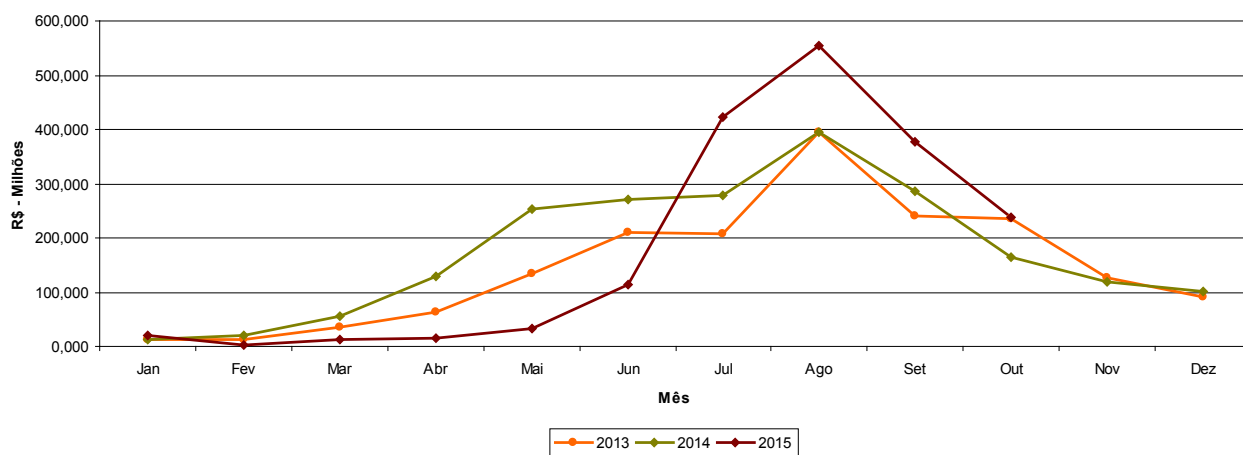
Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Os Gráficos 7, 8, 9 e 10 apresentam o total dos valores disponibilizados para o produto e os valores aporta-

dos pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

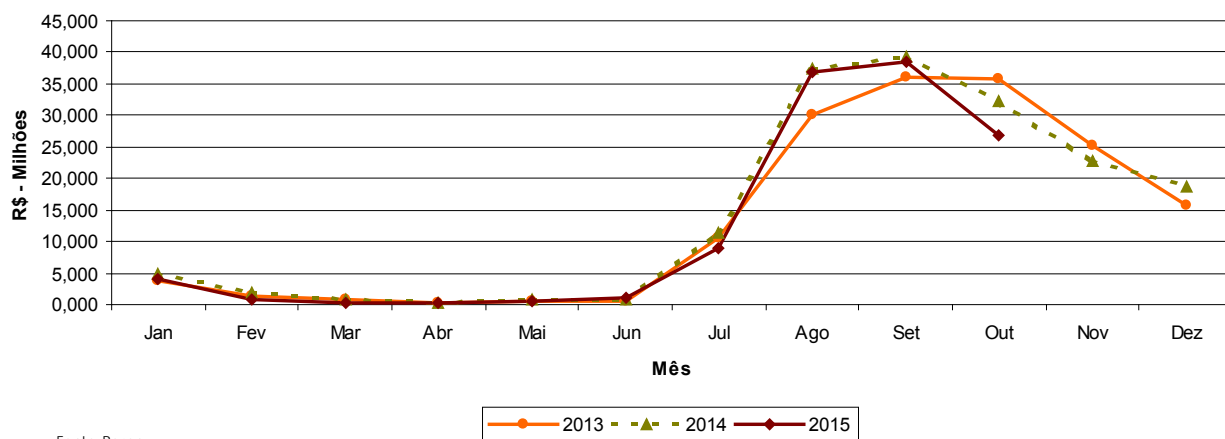
Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

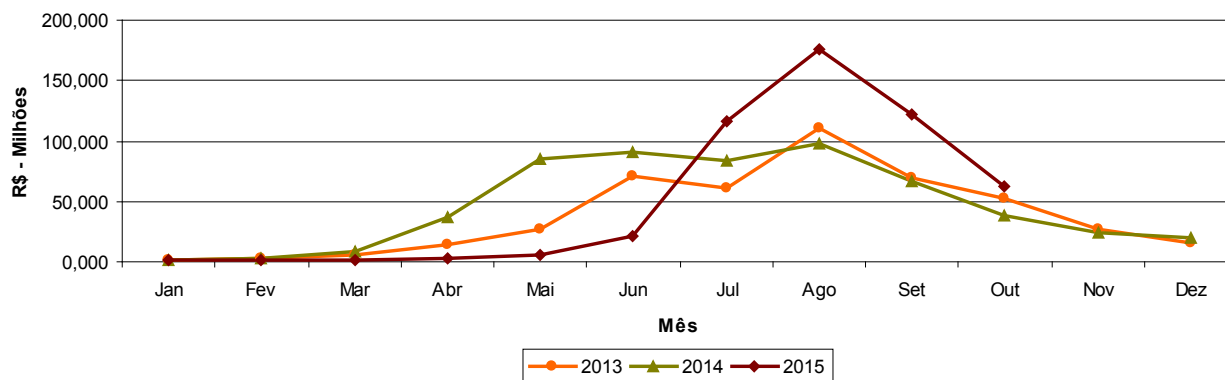
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 9 – Arroz – Pronamp – Crédito

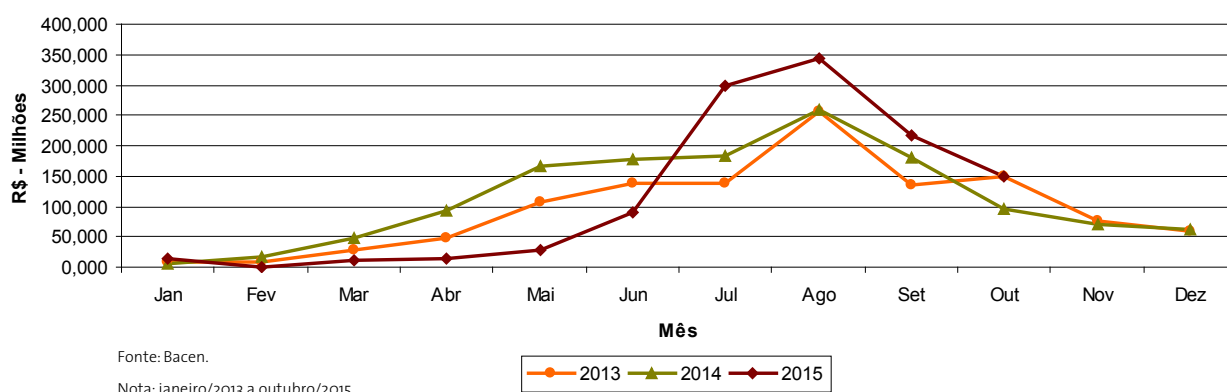


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Gráfico 10 – Arroz – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Percebe-se que o crédito de janeiro a junho de 2015 foi inferior, se comparado com o mesmo período de 2014 e 2013, porém em julho e agosto observa-se aumento do valor disponibilizado em 2015, em relação aos anos anteriores, sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. No Pronaf o aporte em 2015 permanece relativamente idêntico ao observado em 2014. A redução do crédito a partir de

setembro pode ser considerada normal em virtude do pico do acesso nos dois meses anteriores e do início de plantio nas principais regiões produtoras.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703
NORTE	1,371	2,040	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324		
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,804	3,020		
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,792	9,997		
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425		
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	358,739	219,194		
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	377,764	236,960		

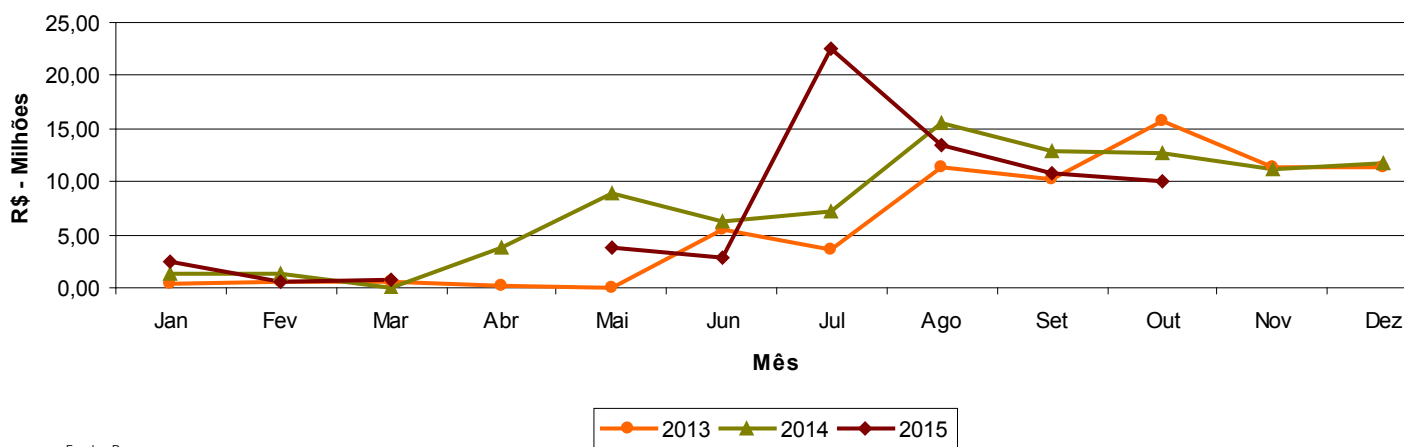
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Os Gráficos 11 a 15 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras para o arroz.

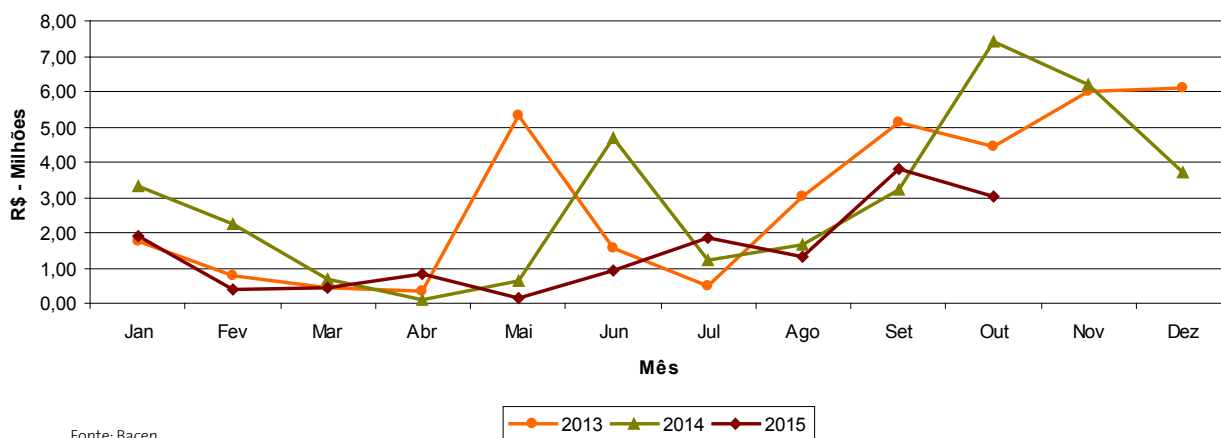
Gráfico 11 – Arroz – Norte - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

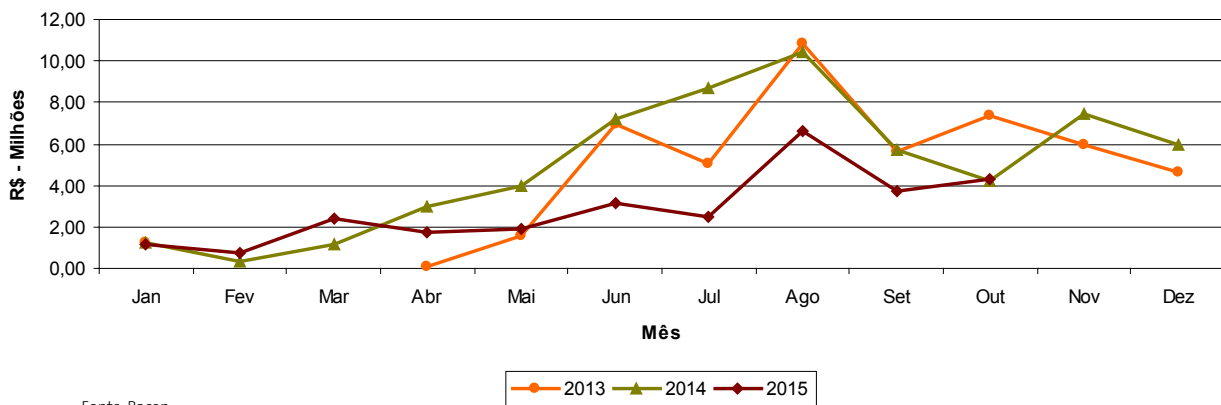
Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015..

Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito

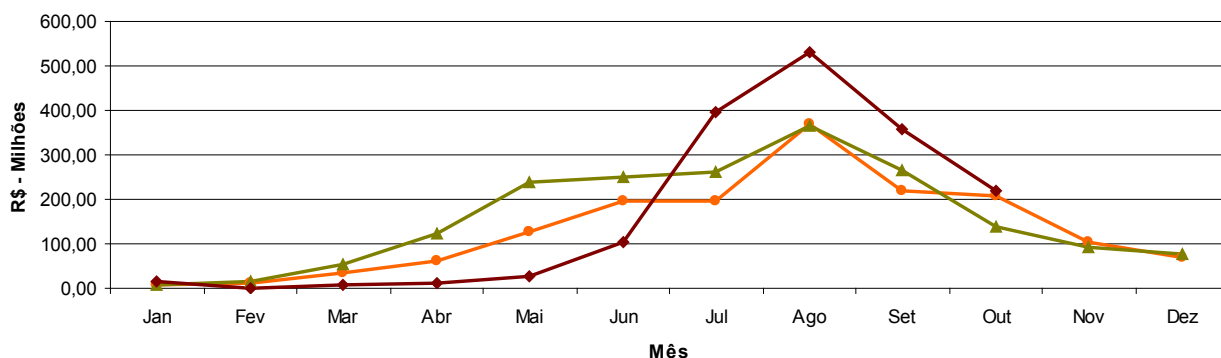


Fonte: Bacen..

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



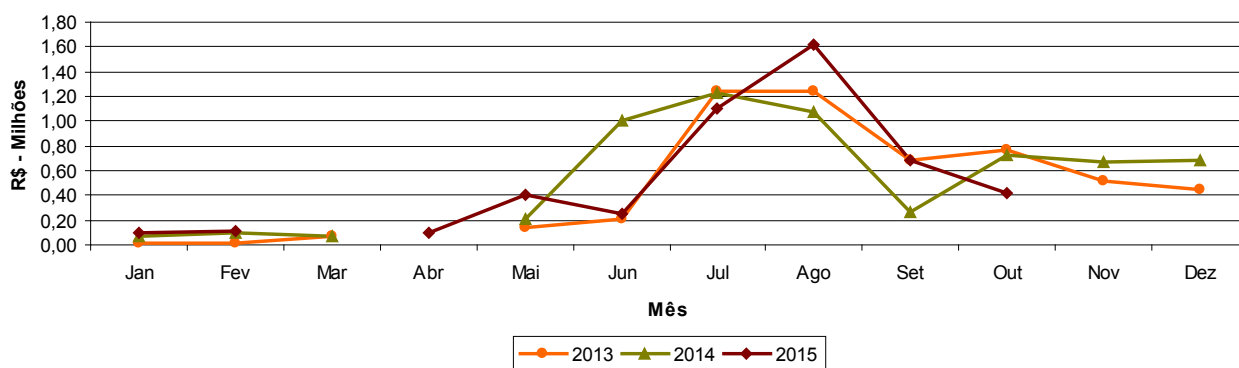
Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

A produção de arroz se concentra na Região Sul e o calendário de plantio, no Brasil, tem seu início em setembro e se estende até dezembro. A utilização do crédito, na maioria das regiões a partir de junho está compatível com o processo de produção. A disponi-

bilidade de crédito para a Região Sul é maior que em outras regiões, o que é compreensível por ser a maior produtora de arroz. Nas demais regiões observa-se a redução na utilização do crédito em relação aos anos anteriores.



6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

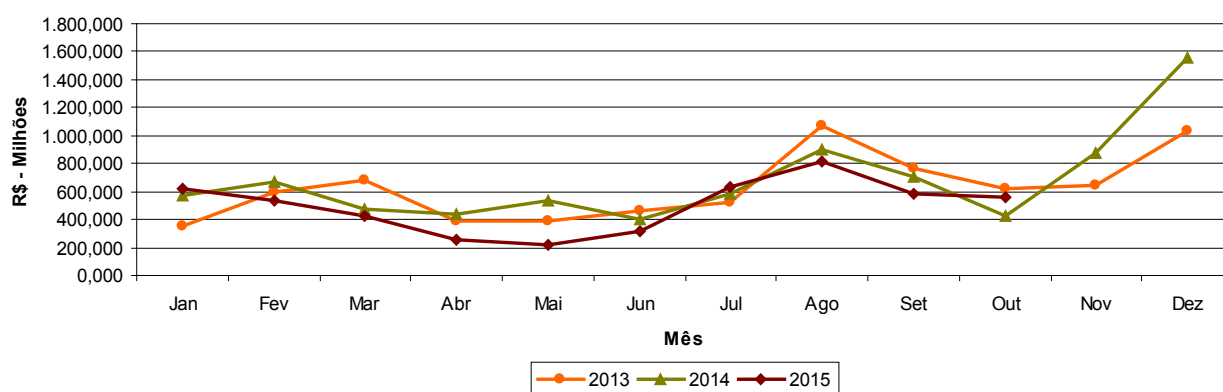
2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	94,760	110,327	64,880	29,528	27,278	7,913	129,519	476,370	367,179	192,774	93,984	99,481
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,513	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,702	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,290	218,811	645,995	1.088,766
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	253,641	119,092		
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	81,255	74,848		
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	245,744	360,966		
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	580,640	554,906		

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Os Gráficos 16, 17, 18 e 19 apresentam para o produto milho, o total dos valores disponibilizados os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 16 – Milho – Total de investimentos

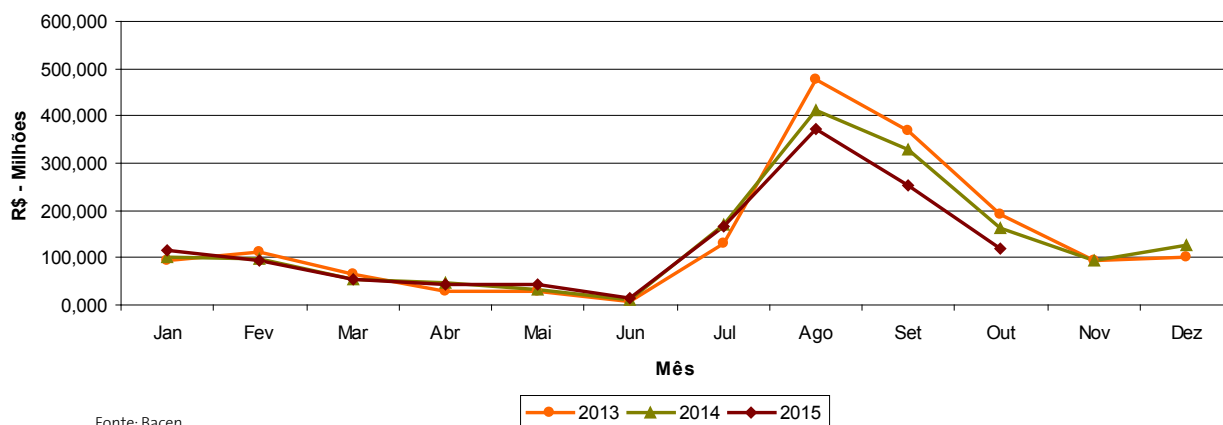


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



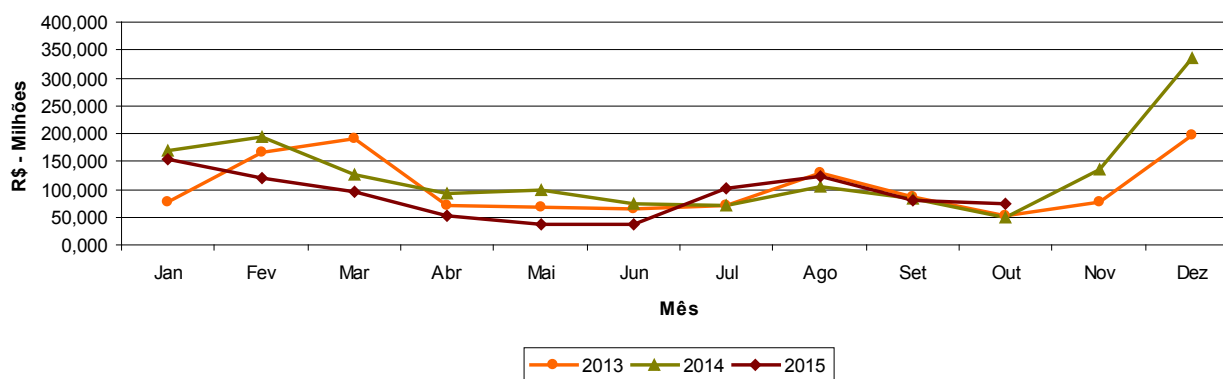
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

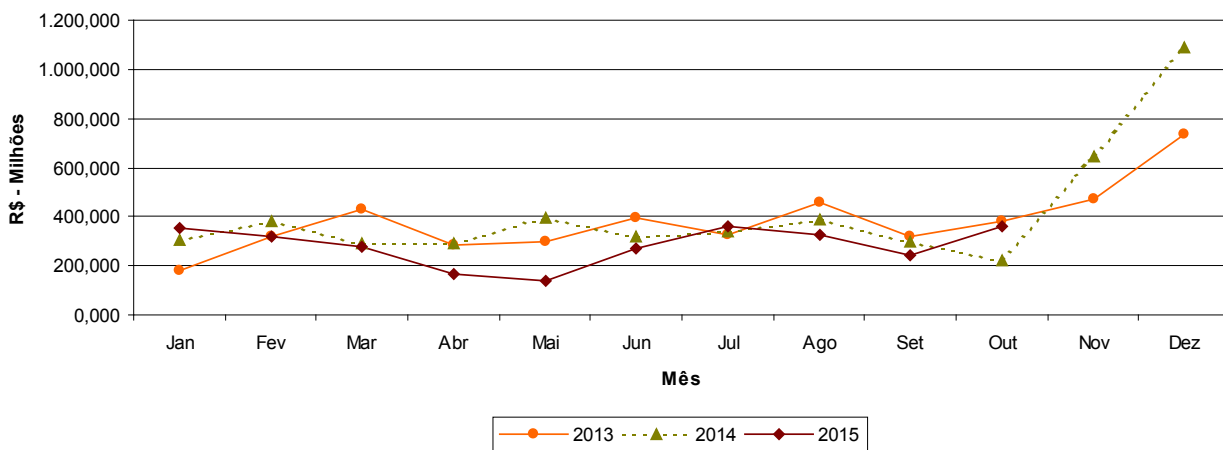
Gráfico 18 – Milho - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 19 – Milho - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Observa-se que o total de crédito disponibilizado em 2015 foi inferior aos anos de 2014 e 2013. Essa situação pode ter relação com a escolha dos produtores em utilizar recursos para o plantio de outras culturas na

primeira safra e buscar o crédito no plantio da segunda safra no momento mais oportuno, como se observa no comportamento do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, com aumento



de recursos a partir de outubro de 2015. No Pronaf, o comportamento do crédito indica o uso na primeira safra de milho.

A Tabela 8 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira exclusivamente para o produto milho.

Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658
NORTE	6,039	3,286	1,915	2,271	7,102	3,067	8,543	7,380	9,175	8,780	13,622	11,465
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637

2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739

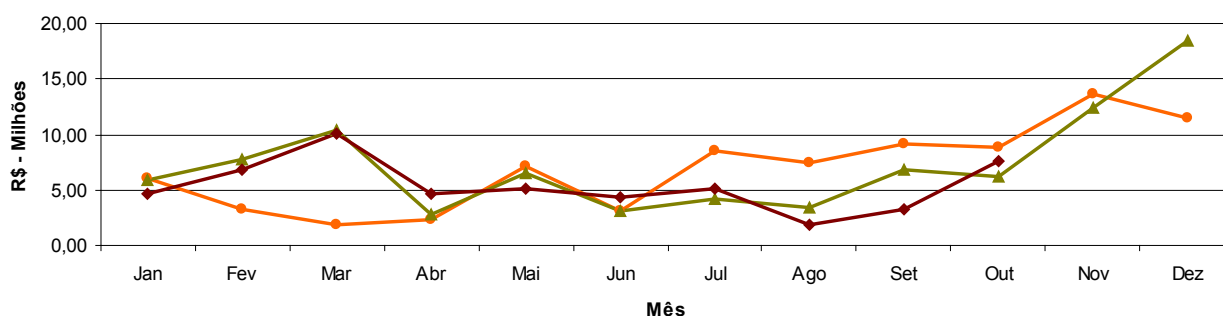
2015										
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	38,443	219,319
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,414	45,734
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,186	7,578
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	146,939	93,507
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	358,658	188,768
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	580,640	554,906

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015

Os Gráficos 20, 21, 22, 23 e 24 apresentam para o produto milho os valores disponibilizados nas diferentes regiões brasileiras.

Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito

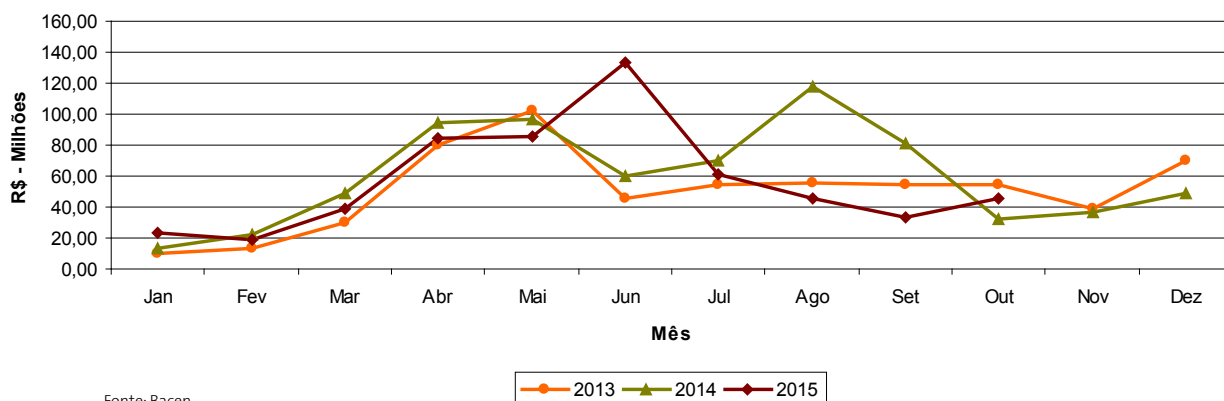


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015



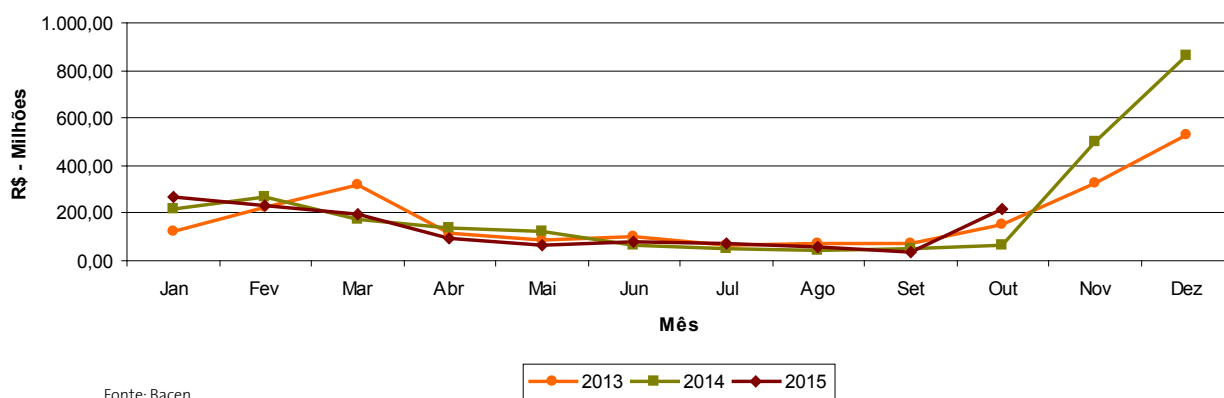
Gráfico 21 – Milho – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

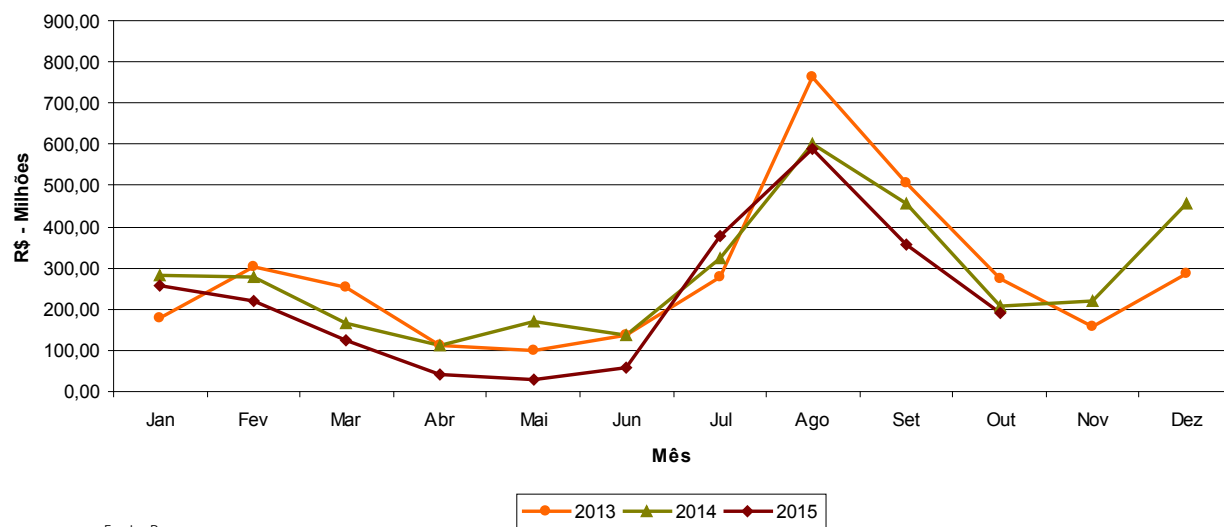
Gráfico 22 – Milho - Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 23 – Milho - Sul – Crédito

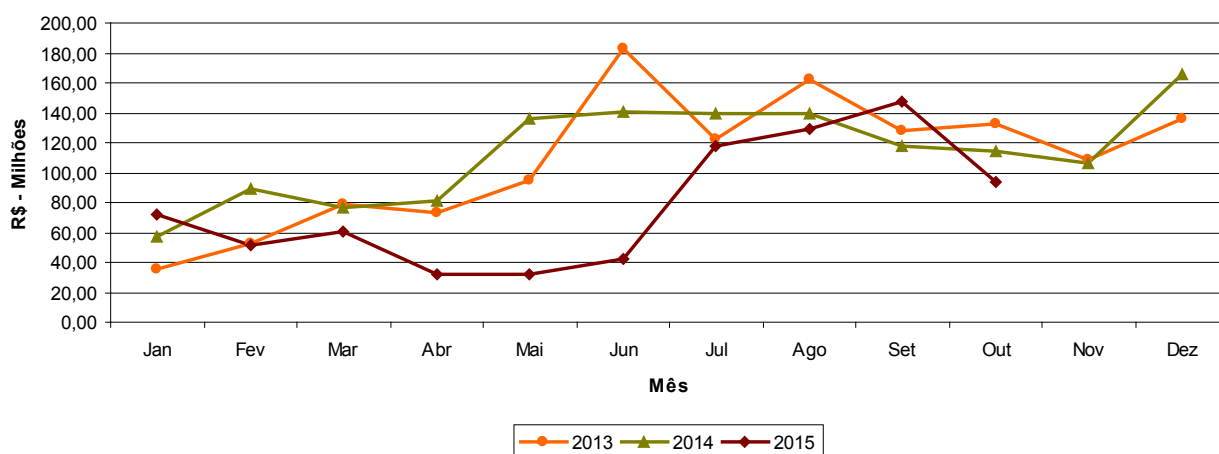


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Gráfico 24 – Milho - Sudeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

O calendário de plantio do milho primeira safra, tem, no geral, o início em agosto e término em dezembro. Observa-se que em todas as regiões houve redução

de crédito utilizado pelos produtores, em comparação com os anos sob análise, o que é compatível com a perspectiva de menor área de plantio.

6.3. SOJA

A Tabela 9 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento, exclusivamente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,797
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234
Sem Vinc. Espec.	87,403	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,875	1.388,044	2.048,040	1.204,513	938,132	553,577	566,786
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652
Sem Vinc. Espec.	116,860	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	640,952	244,491		
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	729,768	291,571		
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.082,497	1.118,184		
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.453,216	1.654,245		

Fonte: Bacen.

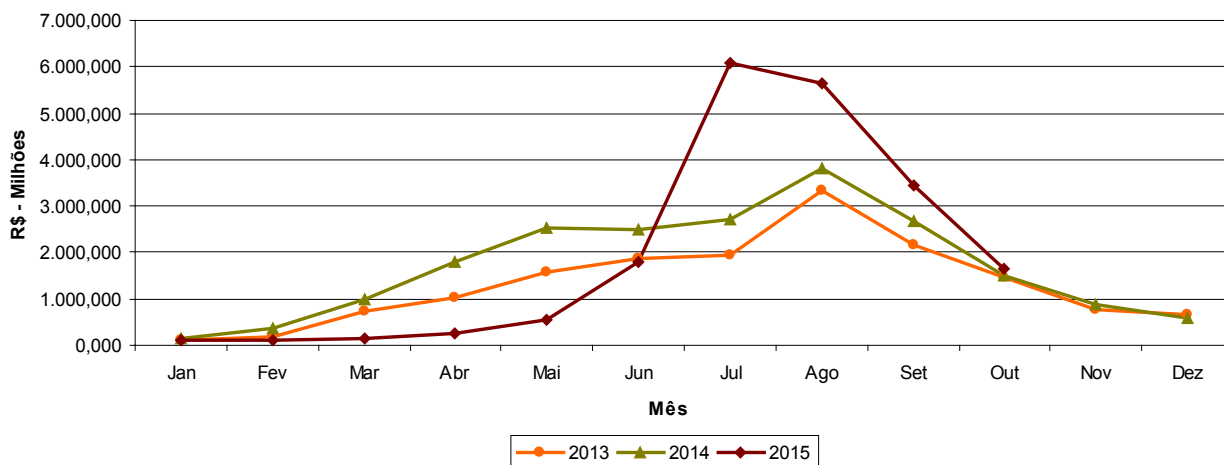
Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Os Gráficos 25, 26, 27 e 28 apresentam os valores apor-

tados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



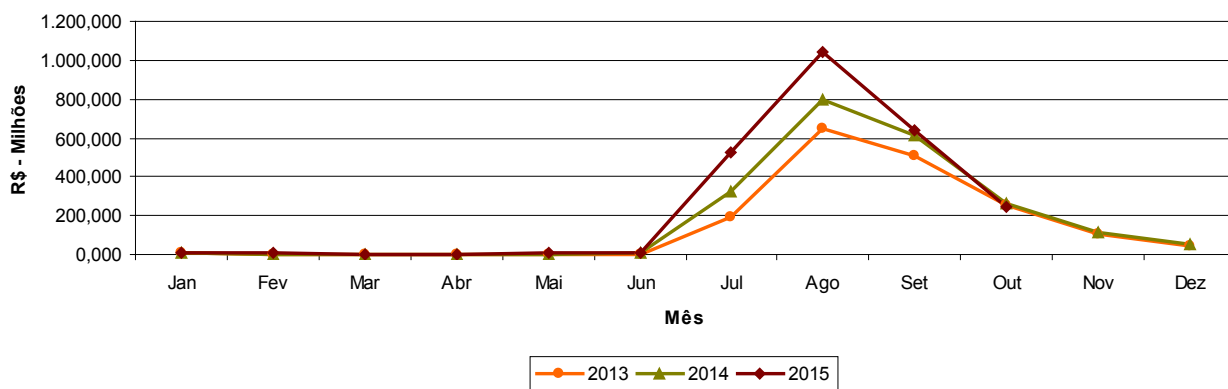
Gráfico 25 – Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

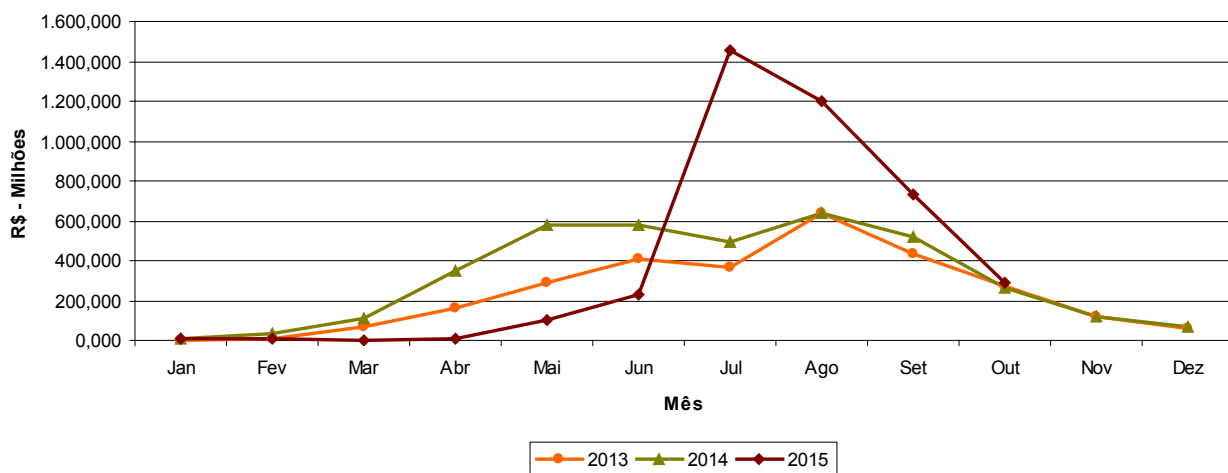
Gráfico 26 – Soja – Pronaf - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 27 – Soja – Pronamp - Crédito

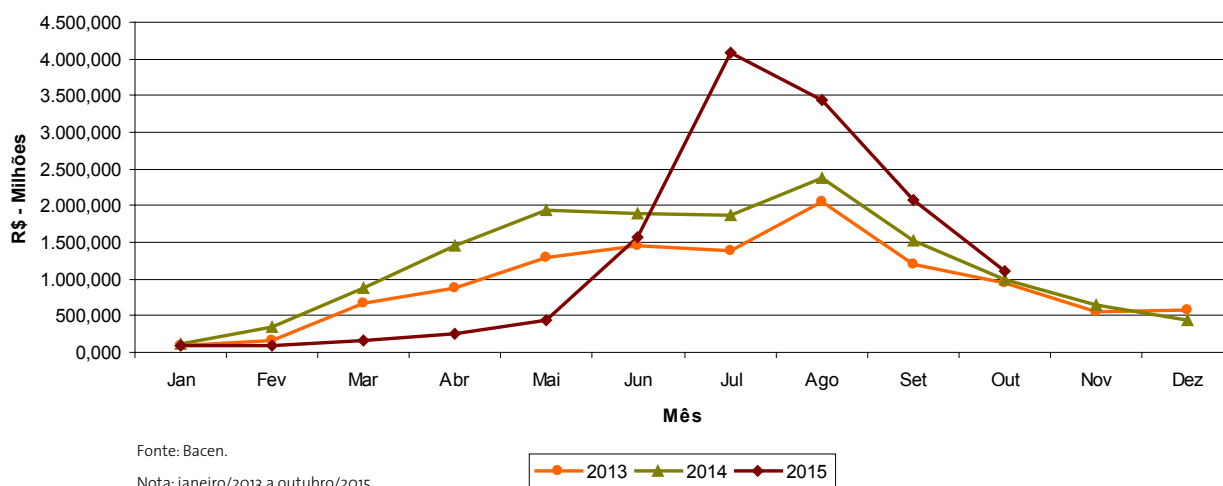


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Gráfico 28 – Soja – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



A disponibilidade de crédito mostra-se superior em 2015 em comparação com os anos sob análise. O que caracteriza o comportamento das diversas fontes é a semelhança no aumento do uso de recursos a partir de junho, diferente do observado nos anos anteriores

quando havia tendência de distribuição no uso do financiamento.

A Tabela 10 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto soja.

Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757
NORTE	4,310	8,610	13,671	17,962	45,696	77,326	60,380	77,688	52,060	55,856	43,585	27,923
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441
NORTE	12,202	16,982	24,083	37,368	101,423	108,502	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.073,161	536,857		
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	313,108	217,225		
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	121,228	98,043		
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	374,070	191,761		
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.571,649	610,358		
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.453,216	1.654,245		

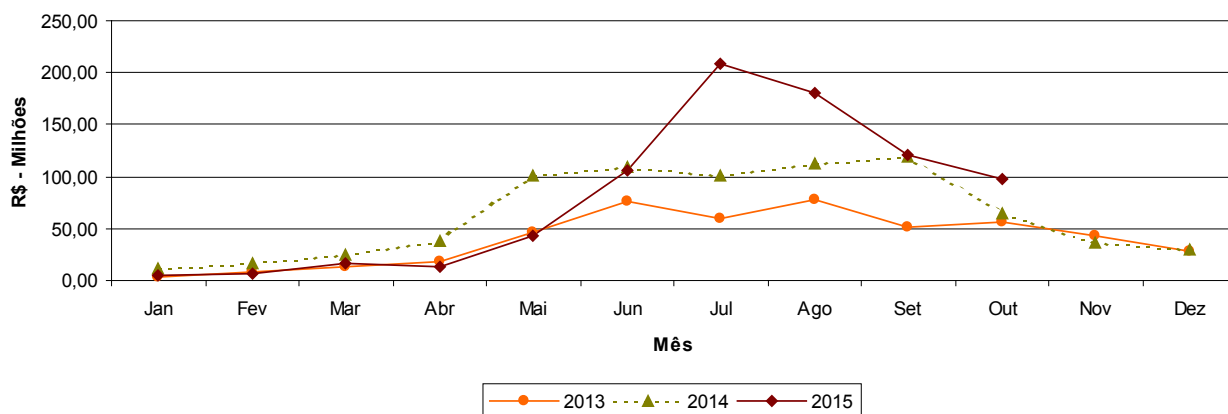
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Os Gráficos 29 a 33 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.

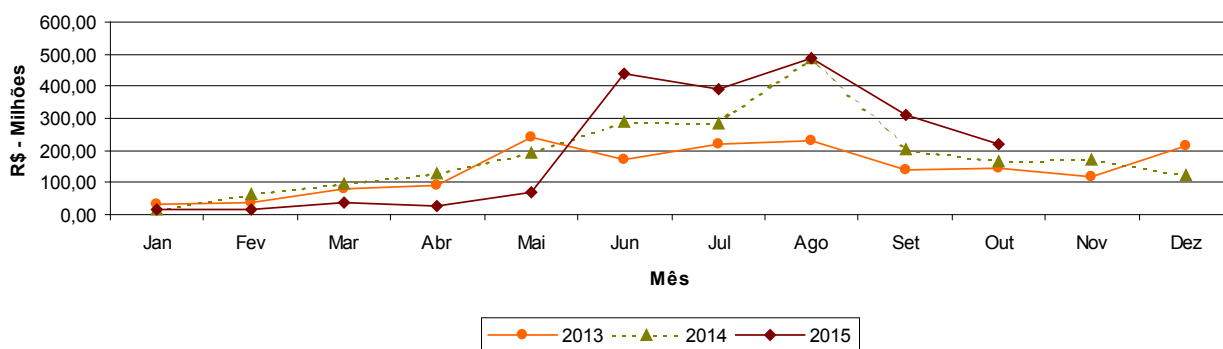
Gráfico 29 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

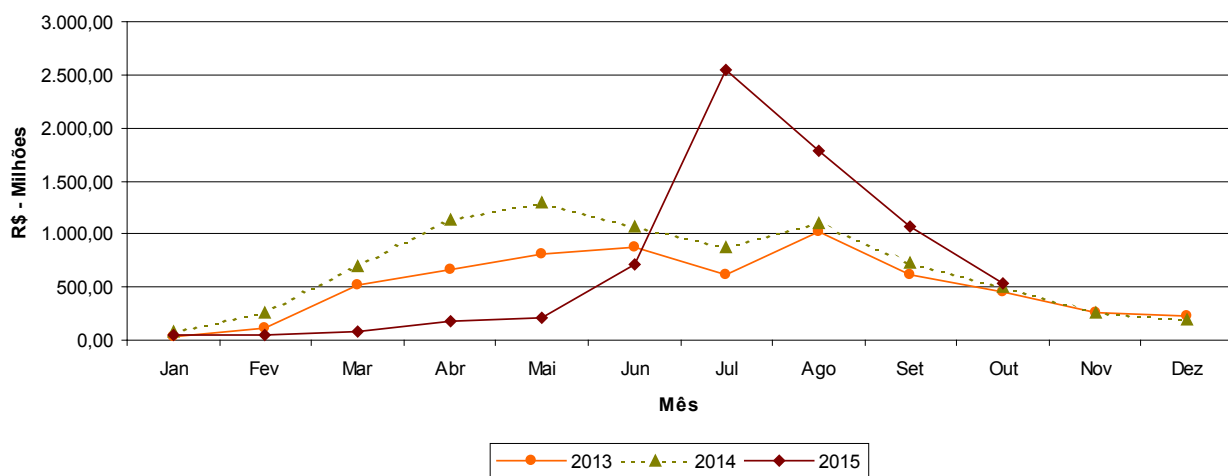
Gráfico 30 – Soja – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 31 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

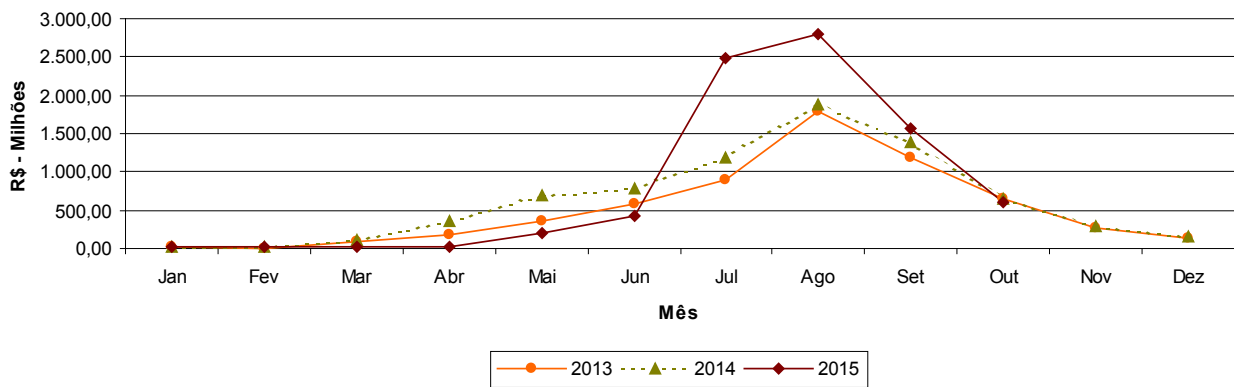


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



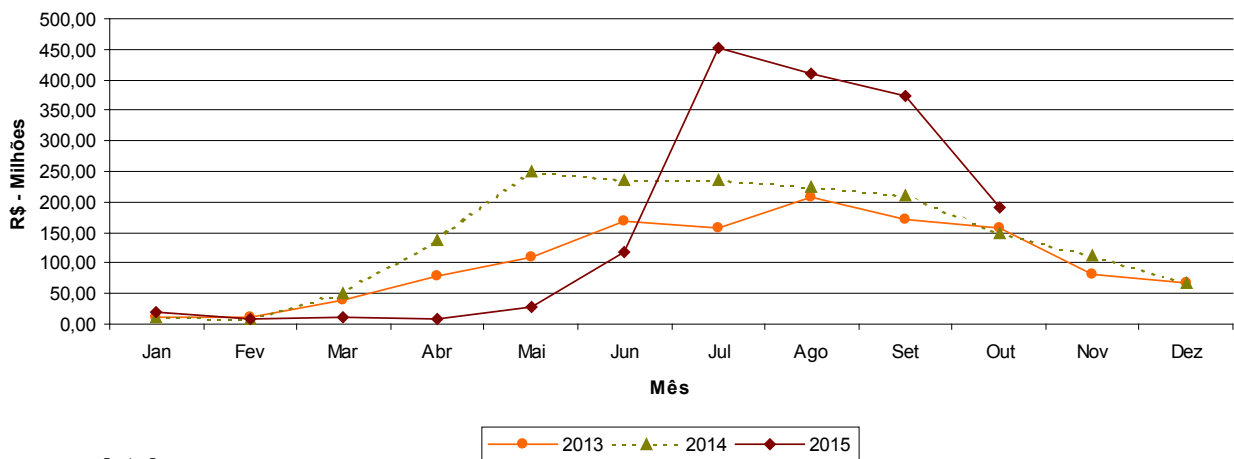
Gráfico 32 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 33 – Soja – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Observa-se que a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. O comportamento da disponibilidade do crédito em 2014, bem superior a 2013, corrobora com tal afirmativa. A situação do financiamento em 2015 demonstra a ten-

dência de escolha pelo produtor. A produção de soja se concentra no Centro-Oeste e no Sul, com aumento significativo em todas as regiões geográficas. O comportamento da utilização do crédito é compatível com o calendário de plantio.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento, exclusivamente para o produto algodão.



Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,163
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									0,009			
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236		
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Pronaf												
Pronamp								1,643	0,283	0,103		
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	213,472	198,344		
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755	198,447		

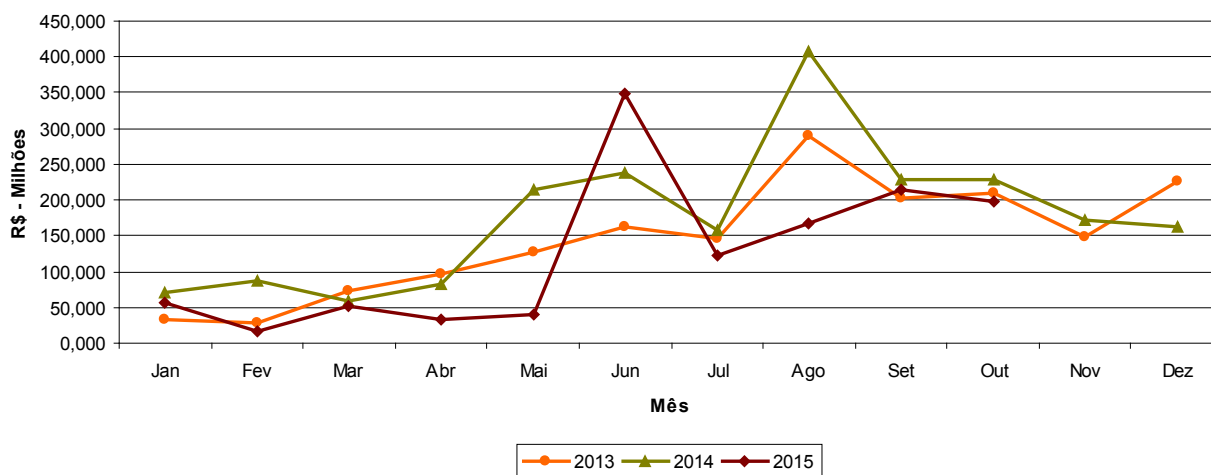
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Como observado na Tabela 11, a parte majoritária dos aportes financeiros para a lavoura de algodão está sob o tipo de financiamento sem vínculo específico

com programa. Apresentam-se, a seguir, apenas os Gráficos 34 e 35.

Gráfico 34 – Algodão – Total de financiamento

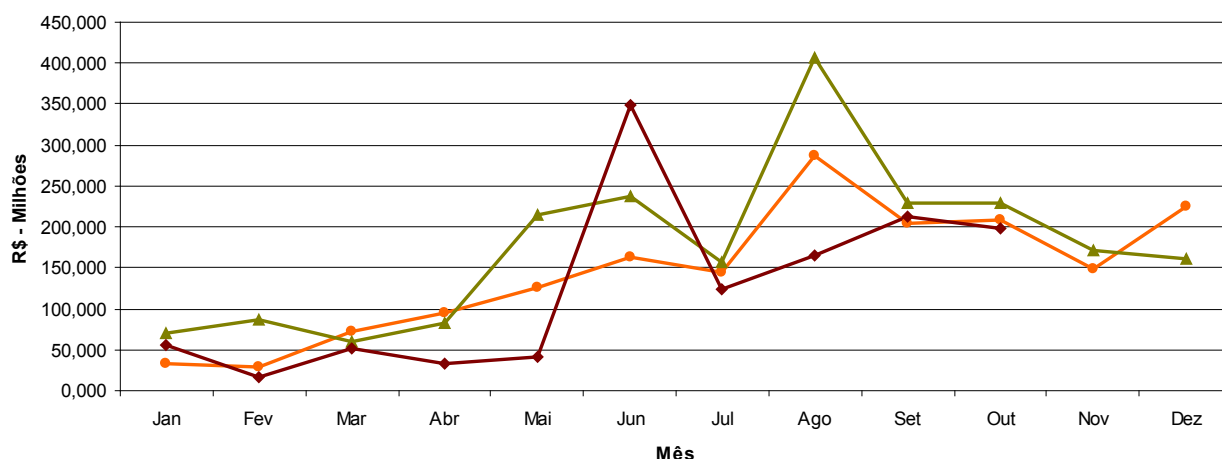


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

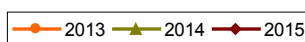


Gráfico 35 – Algodão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Os valores disponibilizados em 2015 são inferiores a 2013 e 2014. Assim como nas análises anteriores se observa comportamento de uso de crédito diferente no ano de 2015, neste caso com pico de utilização em junho. Há compatibilidade dessa redução com a pers-

pectiva de diminuição da produção.

A Tabela 12 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto algodão.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812
NORTE								0,200	0,472		3,335	
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280
SUL												
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436
SUL				2,803								
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,830	58,571		
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050		
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485		
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341		
SUL												
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,755	198,447		

Fonte: Bacen

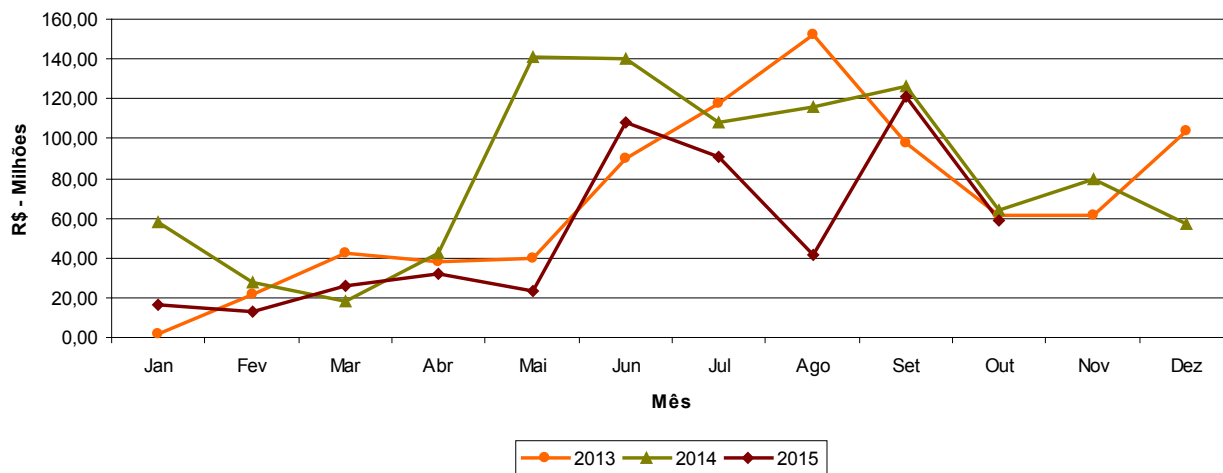
Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Observa-se que a maior parte do crédito disponibilizado está retido nas Regiões Centro-Oeste e Nordeste. Isto posto, apresenta-se a seguir os Gráficos 36 e 37 as

quais ilustram graficamente os valores mensais aportados nessas regiões.

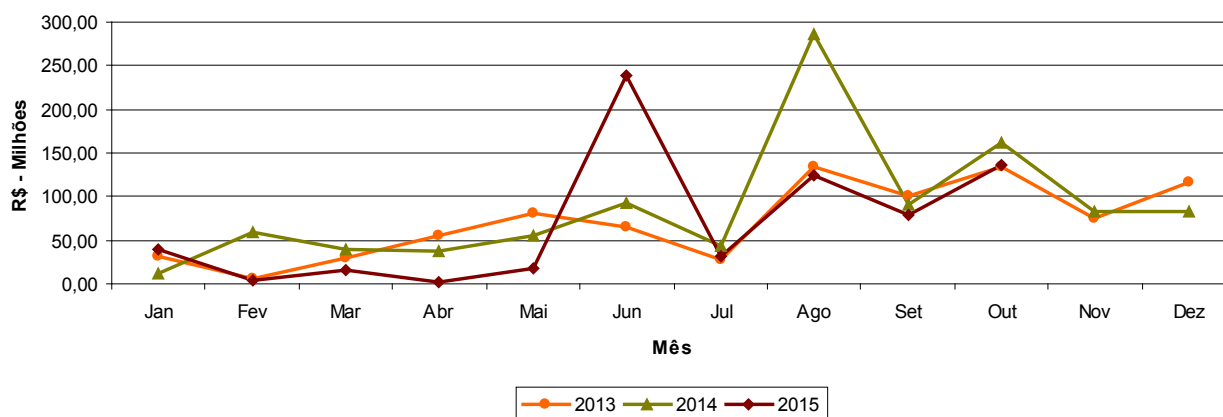
Gráfico 36 – Algodão – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 37 – Algodão – Nordeste - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015

A Bahia e o Mato Grosso detém 85% da produção nacional de algodão e o calendário de plantio inicia-se em novembro e dezembro, respectivamente. Pode-se explicar a utilização dos recursos a partir de Junho

como parte do processo de compra antecipada de insumos com vistas à redução de custos. Pode-se deduzir que a temporalidade do uso de recursos está compatível com o calendário dessa cultura.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,917	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	15,170	8,441		
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536		
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,254	18,117		
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,315	31,094		

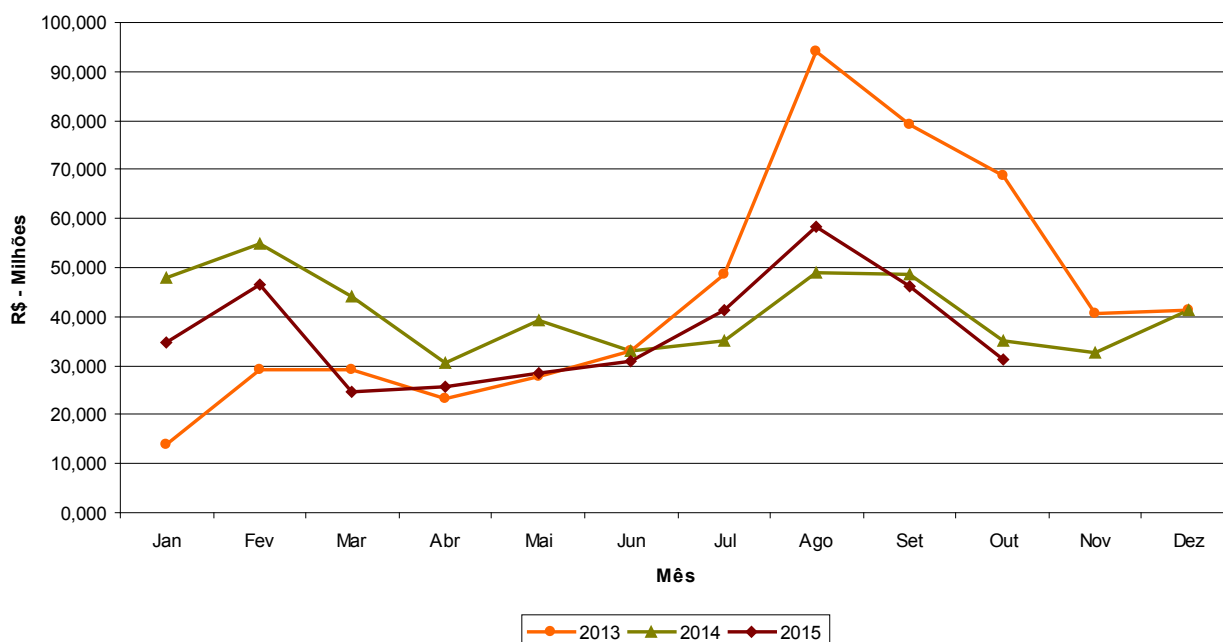
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015

Os Gráficos 38 a 41 apresentam o total dos valores disponibilizados para o feijão e os valores aportados

pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 38 – Feijão – Total de financiamento

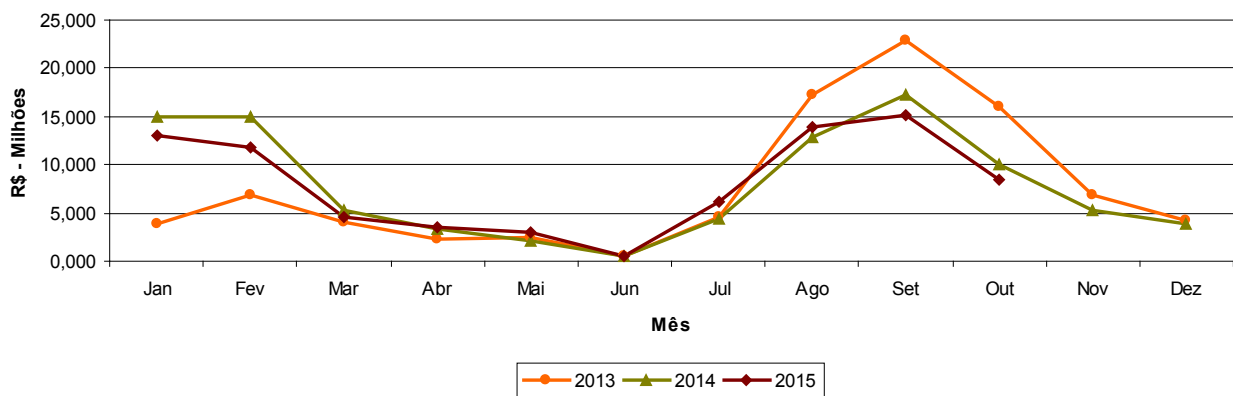


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



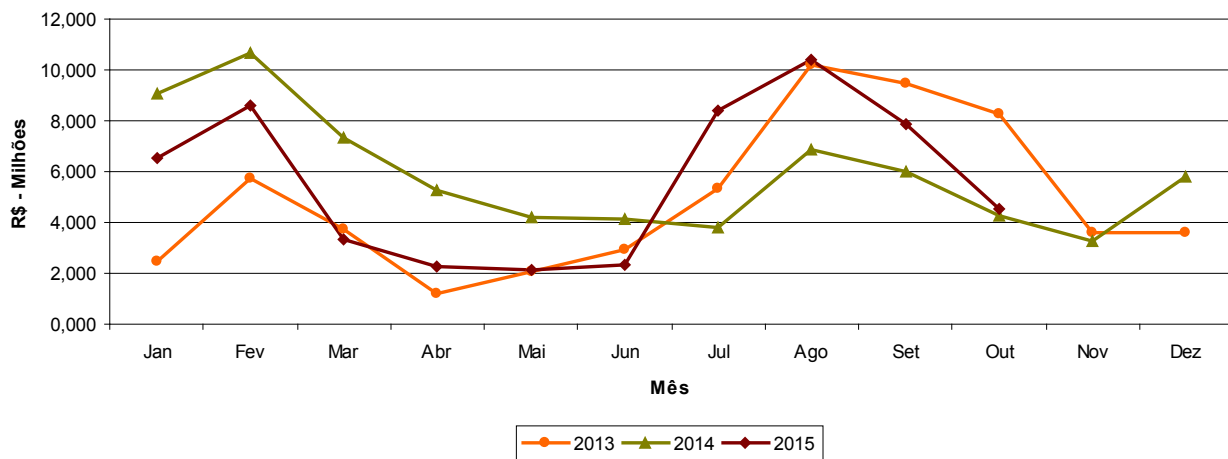
Gráfico 39 – Feijão – Pronaf – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

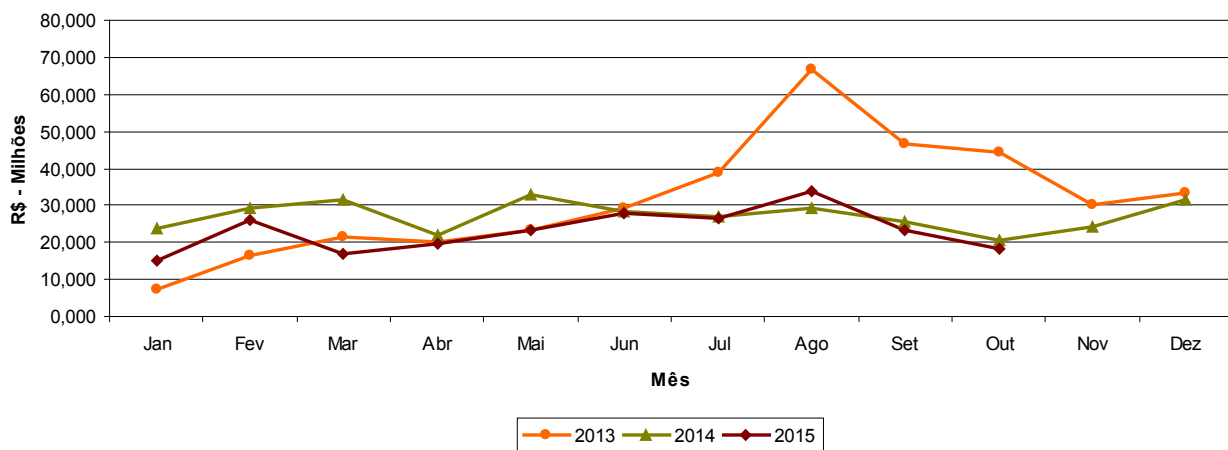
Gráfico 40 – Feijão – Pronamp – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 41 – Feijão – Financiamento sem vínculo a programa específico – crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



A utilização do crédito no ano de 2015 é inferior a 2014 e 2013. Observa-se que o crédito oriundo do Pronaf tem comportamento semelhante e sua utilização é inferior se comparada com o período sob análise. Sob a ótica dos recursos do Pronamp, os valores concedidos tiveram em julho e agosto de 2015 como o pico para o financiamento. Para o tipo de financiamento sem vínculo a programa específico o crédito concedi-

do indica que o público-alvo tem reduzido sua participação no custeio na cultura do feijão, como pode-se observar nos anos de 2014 e 2015.

A Tabela 14 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto feijão.

Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500		
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200		
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out		
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	1,004		
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	2,028		
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151		
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,907	10,807		
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,930	17,105		
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,315	31,094		

Fonte: Bacen.

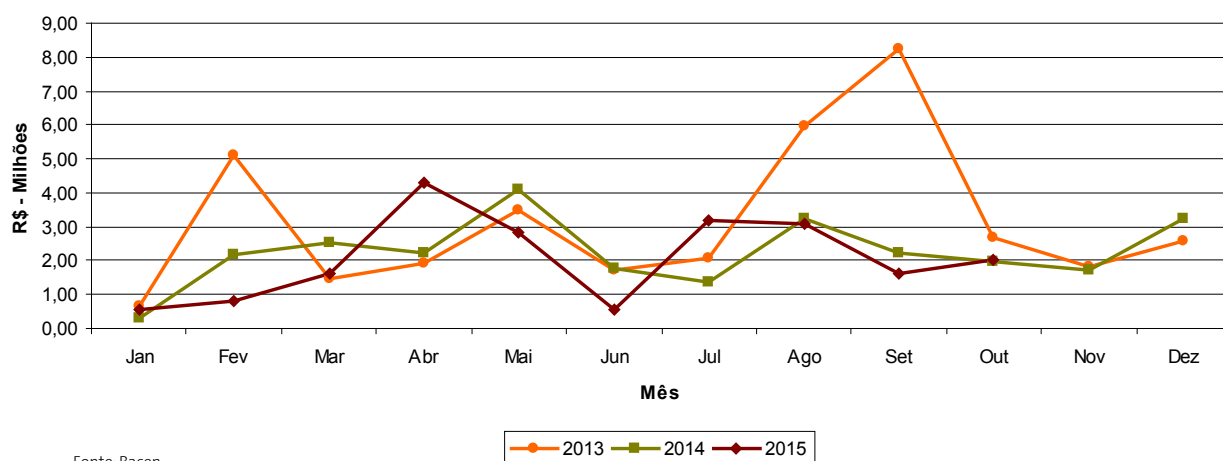
Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Os Gráficos 42, 43, 44 e 45 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras (exceto a

Região Norte, na qual, o aporte é de magnitude diminuta).



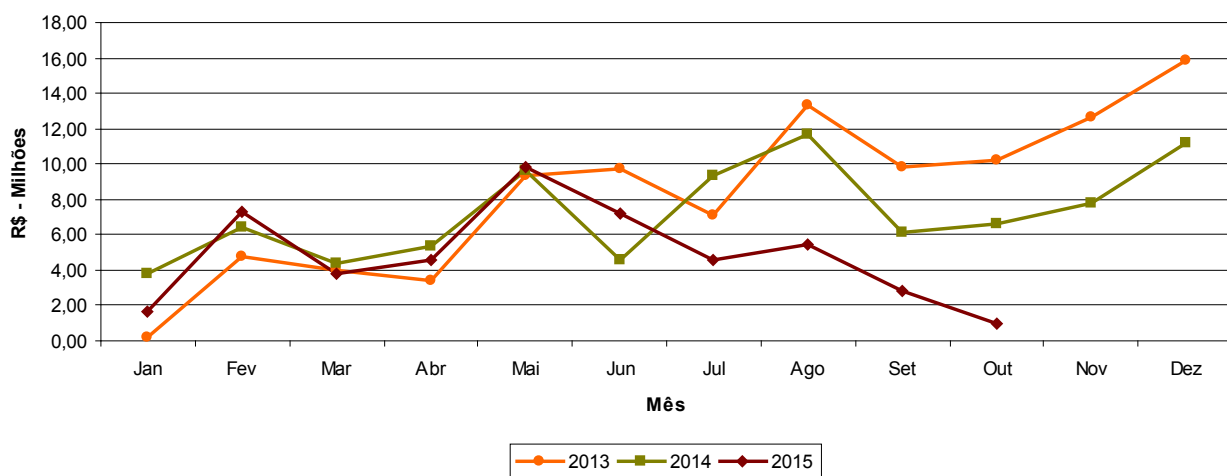
Gráfico 42 – Feijão – Nordeste – Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

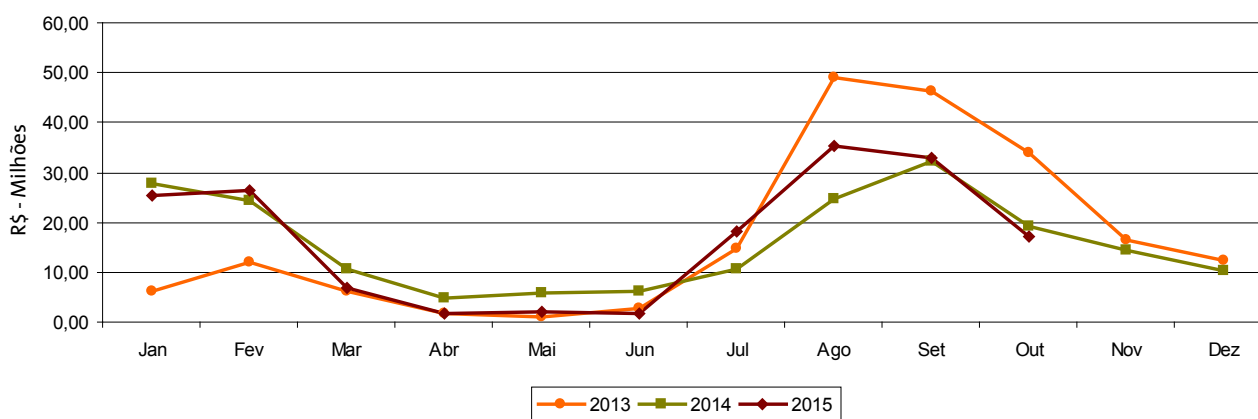
Gráfico 43 – Feijão – Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

Gráfico 44 – Feijão – Sul – Crédito

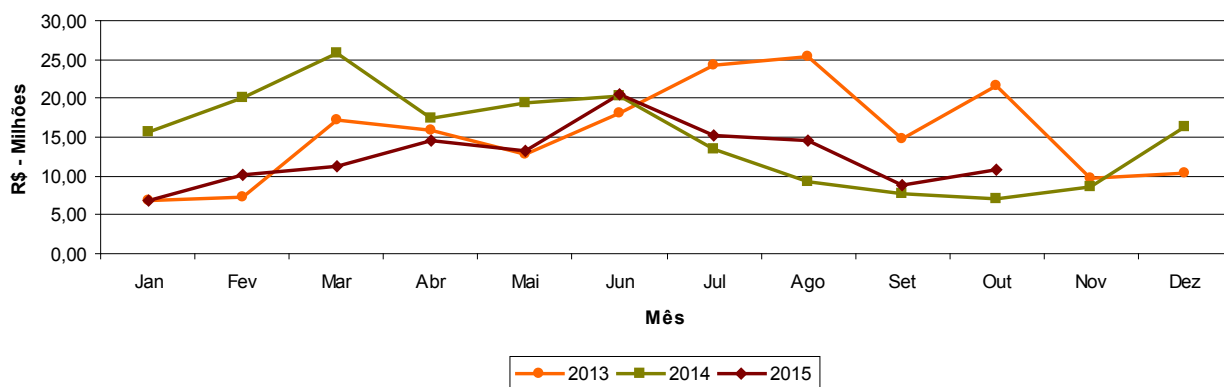


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.



Gráfico 45 – Feijão – Sudeste



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a outubro/2015.

A cultura do feijão primeira safra tem o seu plantio entre outubro a dezembro, na maioria das regiões geográficas. No Paraná e Rio Grande do Sul o calendário é de agosto e novembro. Observando os calendários de plantio da primeira safra, pode-se inferir que os recur-

sos utilizados a partir de junho são para atender tal plantio. Os altos riscos inerentes ao cultivo do feijão, somados com a dificuldade de comercialização e aos preços competitivos de outras culturas têm influenciado na produção do feijão nacional.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE INVERNO (SAFRA 2015) E CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – NOVEMBRO DE 2015

O monitoramento agrícola realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agrônômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).



produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: aveia, cevada e trigo (safra

2015); arroz, amendoim primeira safra, feijão primeira safra, milho primeira safra e soja (safra 2015/16).

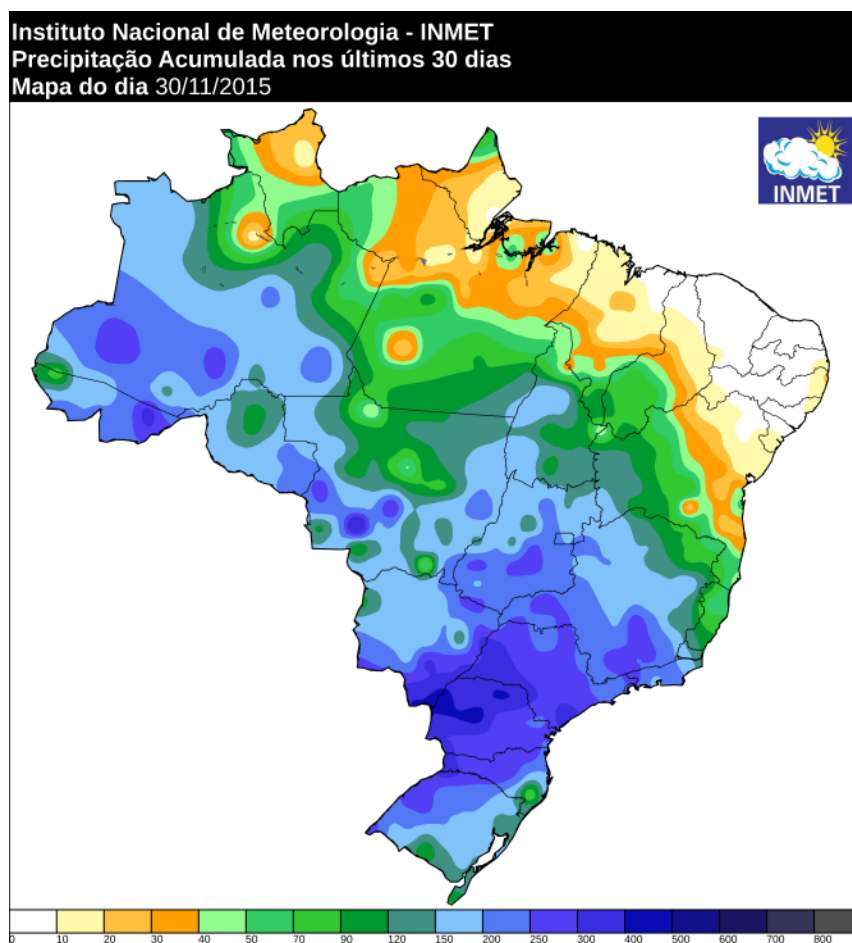
7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS RECENTES¹

Em novembro o volume acumulado de chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste teve uma distribuição bastante irregular. Enquanto áreas localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, centro-sul do Mato Grosso do Sul, sul de Goiás e Minas Gerais apresentaram volumes entre 200 e 300 mm, nas demais áreas, como o norte de Minas Gerais e Espírito Santo, os volumes acumulados entre 50 e 100 mm foram bem mais modestos, e ficaram abaixo da faixa normal do período. Na Região Sul, no período final das culturas de inverno, os volumes acumulados de precipitação foram acima da média em praticamente todas as localidades onde houve registro pelo Inmet. Os totais variaram dentro de uma faixa entre 150 e 500 mm, e que geraram impactos sociais e econômicos elevados. A localidade de São Luiz Gonzaga, no Rio Grande do Sul, por exemplo, cuja a média histórica de outubro é de

aproximadamente 150 mm, o acumulado foi de 350 mm. Em Campo Mourão, estado do Paraná, o acumulado em novembro foi cerca de 500 mm, bem acima dos 130 mm da sua média climatológica.

Na região do Matopiba, a situação foi oposta. O acumulado de chuvas em novembro ficou abaixo da média na maioria das localidades. Em Balsas, no Maranhão, a precipitação acumulada foi de aproximadamente 50 mm, visto que a sua média histórica em novembro é superior a 100 mm. No oeste da Bahia os volumes foram maiores, atingindo uma faixa entre 100 e 150 mm, contudo, não atingiu a média que é em torno de 190 mm. Os maiores volumes da região se concentraram em pontos isolados em Tocantins; com destaque para a localidade de Pedro Afonso, que registrou um acumulado de aproximadamente 230 mm.

Figura 1 - Precipitação acumulada (em mm) em novembro de 2015



Fonte: Inmet

1 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.

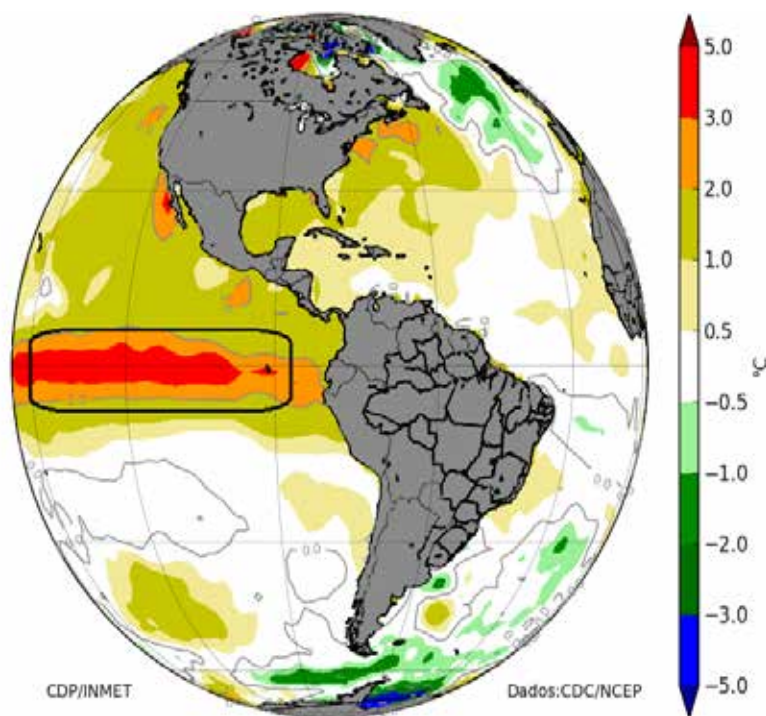


7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA¹

Segundo a classificação da agência americana National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA), o fenômeno El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Equatorial – se manteve na categoria de evento forte

do mesmo modo que nos dois meses anteriores, com as anomalias positivas de TSM em novembro cobrindo toda a superfície do Oceano Pacífico Equatorial, e apresentado extensa área com desvios positivos acima dos 3°C (retângulo preto na Figura 2).

Figura 2 - Anomalia de TSM em novembro de 2015



Fonte: CDP/Inmet.

Os modelos de previsão de TSM mantêm os prognósticos anteriores, indicando que as anomalias positivas de temperatura no Oceano Pacífico Equatorial podem persistir até abril de 2016 e com a possibilidade de intensificação dessas anomalias até dezembro de 2015. Os efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste durante o verão. No Sul há uma tendência de aumento de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum de novembro a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam, em média, um pouco mais elevadas.

O mapa também mostra que o contraste entre o Oceano Atlântico Tropical Norte, com desvios positivos, e o Atlântico Tropical Sul, com desvios negativos, se mantém, porém com menor intensidade. Esse padrão de contraste é chamado de gradiente térmico positivo do Atlântico Tropical (ou dipolo positivo), e é especialmente desfavorável às chuvas de janeiro-abril em grande parte do semiárido nordestino e no centro-norte da Região do Matopiba. A persistência desse padrão térmico no Atlântico Tropical ao mesmo tempo que o fenômeno El Niño no início de 2016 potencializará o risco de veranicos e seca durante o primeiro semestre nessas regiões.



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE DEZEMBRO/2015, JANEIRO E FEVEREIRO/2016¹

O modelo estatístico climático do Inmet indica uma forte probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre pode ficar acima da média na maior parte da Região Sul. Tal prognóstico sugere que a influência do fenômeno El Niño no clima da região, à exemplo dos meses anteriores, deve persistir por mais tempo. O modelo estatístico apresenta, ainda, probabilidade significativa de que o acumulado de chuvas fique na faixa normal ou acima em Mato Grosso do Sul e áreas isoladas em Minas Gerais. Alguns modelos de curto

prazo indicam que nos primeiros vinte dias de dezembro, os maiores volumes podem ocorrer no Espírito Santo, Rio de Janeiro e centro-sul de Minas Gerais.

Nas Regiões Norte e Nordeste a maior probabilidade é de que o acumulado do trimestre fique dentro ou abaixo da faixa normal. Está inserido no contexto dessa previsão a região do Matopiba, onde devem prevalecer os contrastes na distribuição da precipitação.

Figura 3 - Previsão climática probabilística para o período de dezembro de 2015 e fevereiro de 2016.

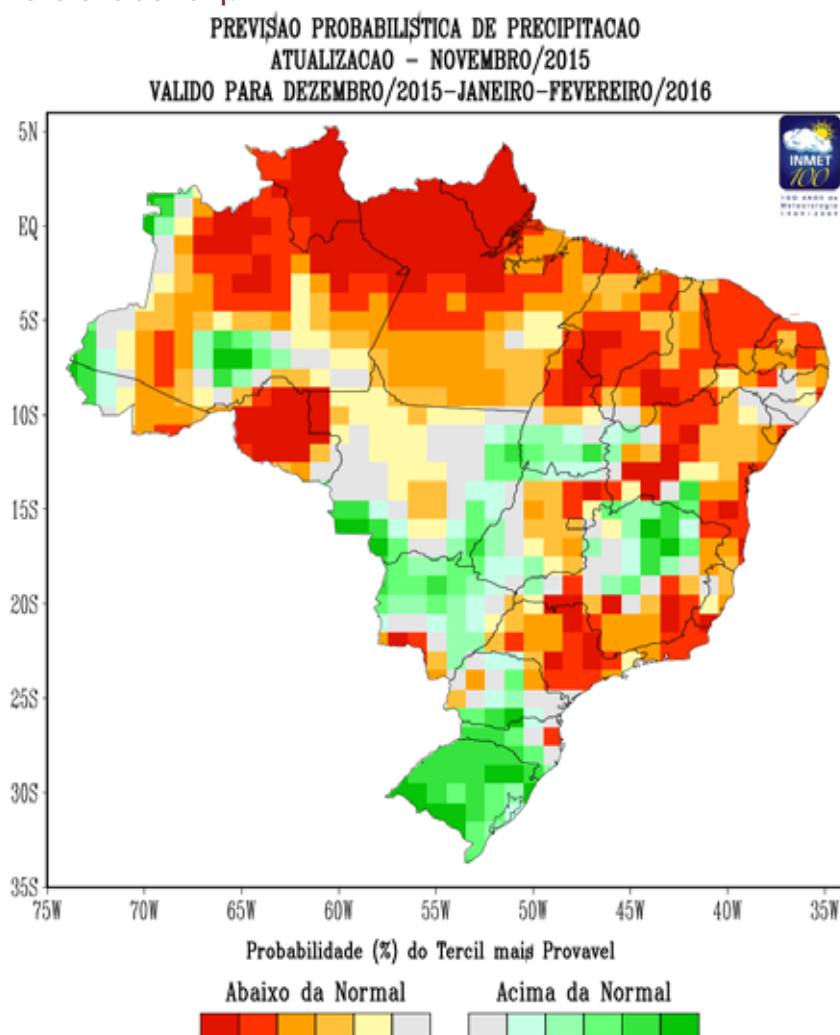
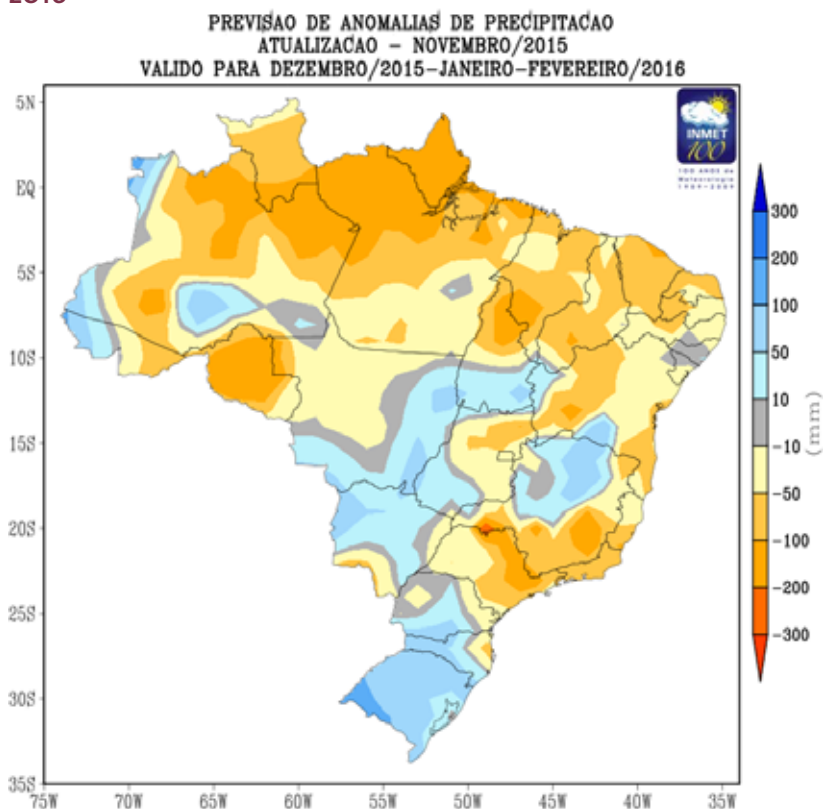


Figura 4 - Previsão de anomalias previstas para o período de dezembro de 2015 a janeiro/fevereiro de 2016



7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi novembro de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- Baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver

problemas pontuais;

- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas são favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na região Sul do Brasil as chuvas em novembro (Figura



ras 1 e 5) mantiveram a tendência de alta intensidade observada no mês anterior. Em relação aos cultivos de inverno (safra 2015), houve perda de qualidade e produtividade dos grãos e transtornos na colheita. As lavouras localizadas no leste e sul do Paraná, oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul foram mais prejudicadas devido ao maior volume de precipitação.

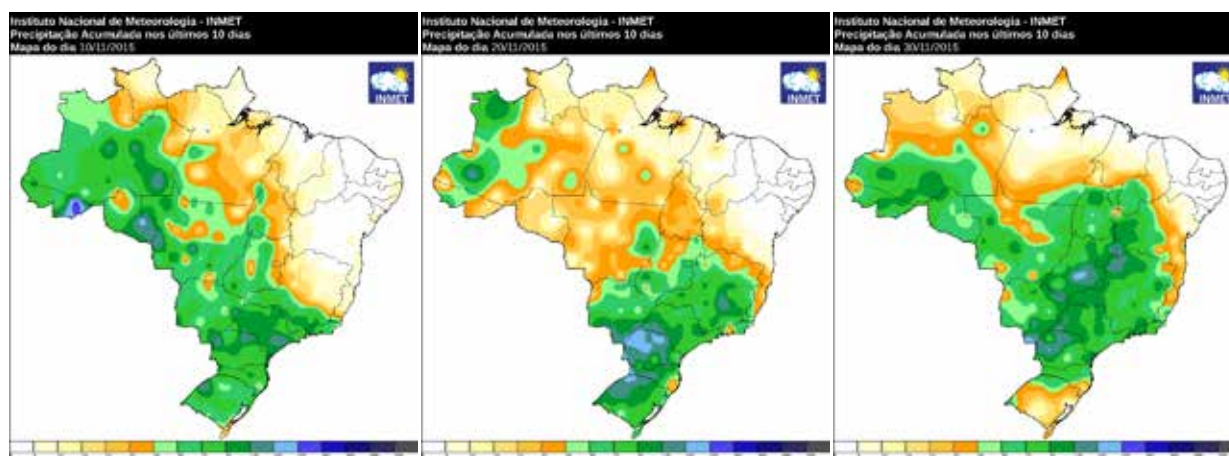
Em relação aos cultivos de verão dessa Região do país houve restrições por excesso de chuvas (Figuras 1 e 5), principalmente, nas regiões produtoras do norte, oeste e sudoeste do Paraná, devido à maior intensidade das precipitações e à maior proporção de lavouras em fases críticas (floração, enchimento de grãos e/ou maturação). No entanto, principalmente para a soja e o milho, essa restrição ainda não reflete na estimativa de produtividade, em função das diferentes fases de desenvolvimento das lavouras, do aspecto geral bom destas e da possibilidade das condições climáticas ficarem favoráveis no decorrer do desenvolvimento das culturas. Nas demais regiões produtoras do Sul do país os impactos do excesso de chuvas foram pontuais e incluem atrasos no plantio, aumento na incidên-

cia de doenças e diminuição da fotossíntese pela menor luminosidade. O segundo decêndio foi o período com maior intensidade das chuvas. No terceiro, no Rio Grande do Sul, a redução da precipitação implicou na recuperação de parte do atraso do plantio, principalmente, do arroz irrigado.

Na maior parte da região Centro-Oeste do país e de Minas Gerais, as chuvas (Figuras 1 e 5) ocorreram abaixo da média, mas, no geral, foram suficientes para o plantio e desenvolvimento das culturas de verão. Verificaram-se impactos pontuais por falta de chuva no Mato Grosso, centro-norte do Mato Grosso do Sul e na metade norte de Goiás e de Minas Gerais

Na região do Matopiba, o volume de chuvas registrado em novembro (Figuras 1 e 5) foi aquém do necessário para o plantio e o desenvolvimento das culturas de verão, com ocorrência em maior quantidade apenas a partir do terceiro decêndio do mês. A intensificação do plantio depende das chuvas nos próximos meses, e o atraso na implantação das lavouras pode prejudicar o plantio do milho segunda safra na região.

Figura 5 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em novembro/15



Fonte: Inmet.

7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é a safra de verão 2015/16.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de saté-

lite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento



das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos safra.

No monitoramento total, são sendo analisadas sete mesorregiões produtoras que cobrem juntas 46,7% da área nacional de soja, milho primeira safra, algodão e feijão. Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais

detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, que são divulgados mensalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de destaques da página principal do site da Companhia. A seguir são apresentadas as informações e análises mais recentes dessas sete mesorregiões.

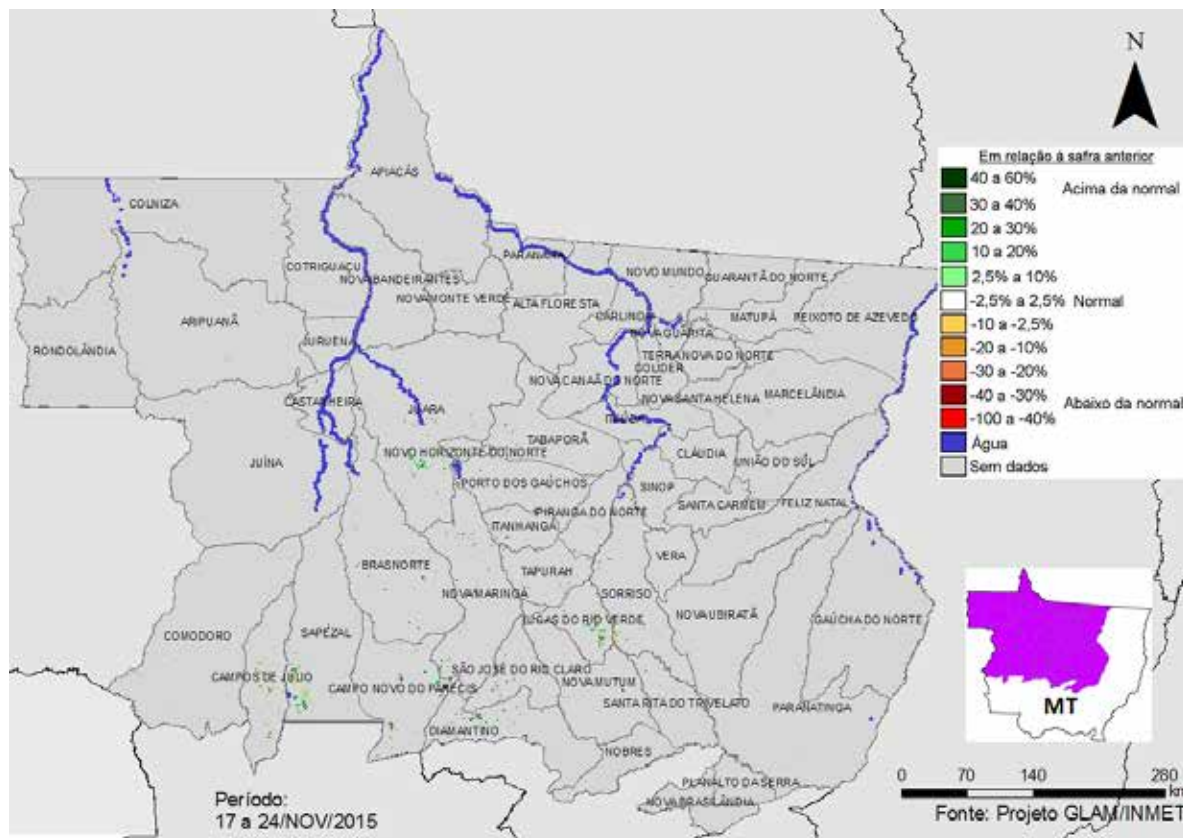
Tabela 15 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares					% (a+b+c+d) s/ total Brasil
	Soja (a)	Milho1ª (b)	Algodão (c)	Feijao T (d)	(a+b+c+d)	
Norte Mato-grossense - MT	6.088.561	18.319	293.910	134.514	6.535.305	15,3
Noroeste Rio Grandense -RS	3.618.232	458.723	0	33.494	4.110.448	9,6
Sul Goiano - GO	2.601.267	92.024	39.532	42.922	2.775.745	6,5
Extremo Oeste Baiano -BA	1.389.274	289.633	287.264	95.328	2.061.498	4,8
Sudeste Matogrossense - MT	1.437.373	13.749	190.784	44.030	1.685.936	3,9
Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.554.454	5.165	336	12.874	1.572.829	3,7
Oeste Paranaense - PR	1.131.833	69.063	8	28.469	1.229.373	2,9
Total 7 mesorregiões	17.820.994	946.675	811.835	391.631	19.971.134	46,7
Total Brasil	33.041.000	5.708.400	952.150	3.029.900	42.731.450	100,0

Fonte: Inmet.

7.5.1. NORTE MATO-GROSSENSE

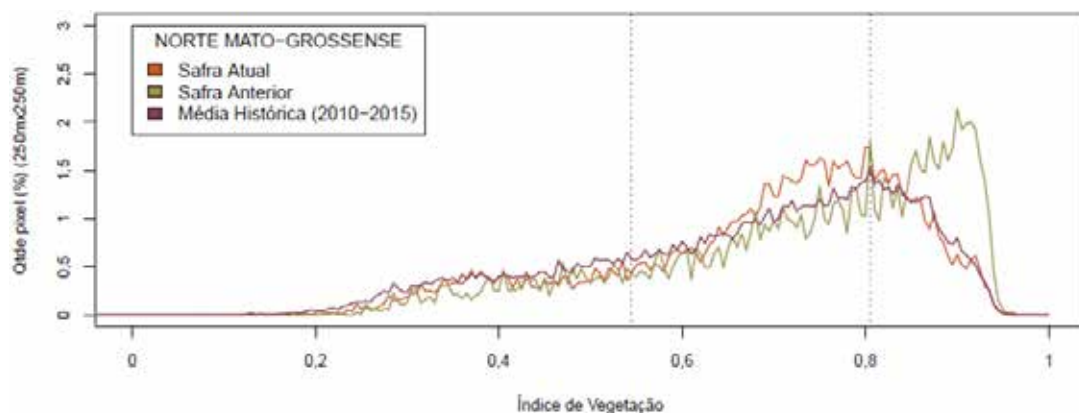
Figura 6 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento não possibilitou a obtenção de imagens nítidas dos cultivos da região. As poucas áreas onde o

satélite conseguiu obter imagens estão em verde no mapa, indicando que as lavouras estão com bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 46 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



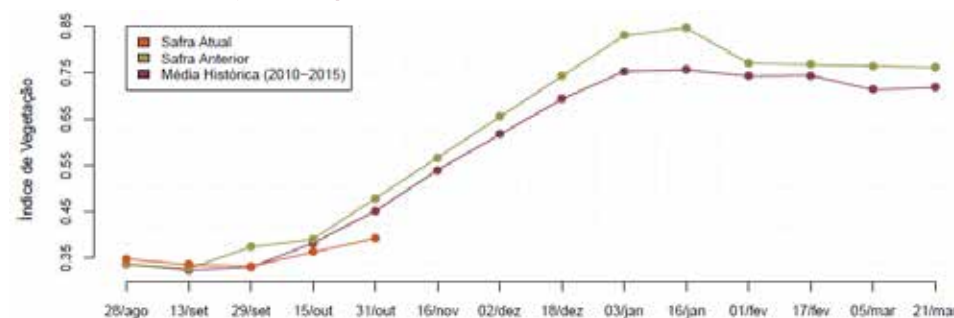
Valores de IV	0 – 0,5448	0,5448 – 0,8054	0,8054 – 1
Safra Atual	19,28 %	56,44 %	24,29 %
Safra Anterior	16,73 %	42,71 %	40,56 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-5,72 %	6,44 %	-0,71 %

Fonte: Inmet.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 24% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV, contra 41% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV são 19% da safra atual, contra 17% do

ano passado, nesta mesma época. Em relação à média dos seis últimos anos, a atual safra mostra redução de áreas com baixas respostas de IV (-5,7%) e aumento de áreas com médio padrão (+6,4%). Os números indicam atraso de plantio da atual safra de verão.

Gráfico 47 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Norte MT



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	3	4	1	-5	-13									
% safra anterior	3	3	-11	-7	-18									
Faixas – safra verão			F	G/DV	DV	DV/F	F/E/G	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Inmet.

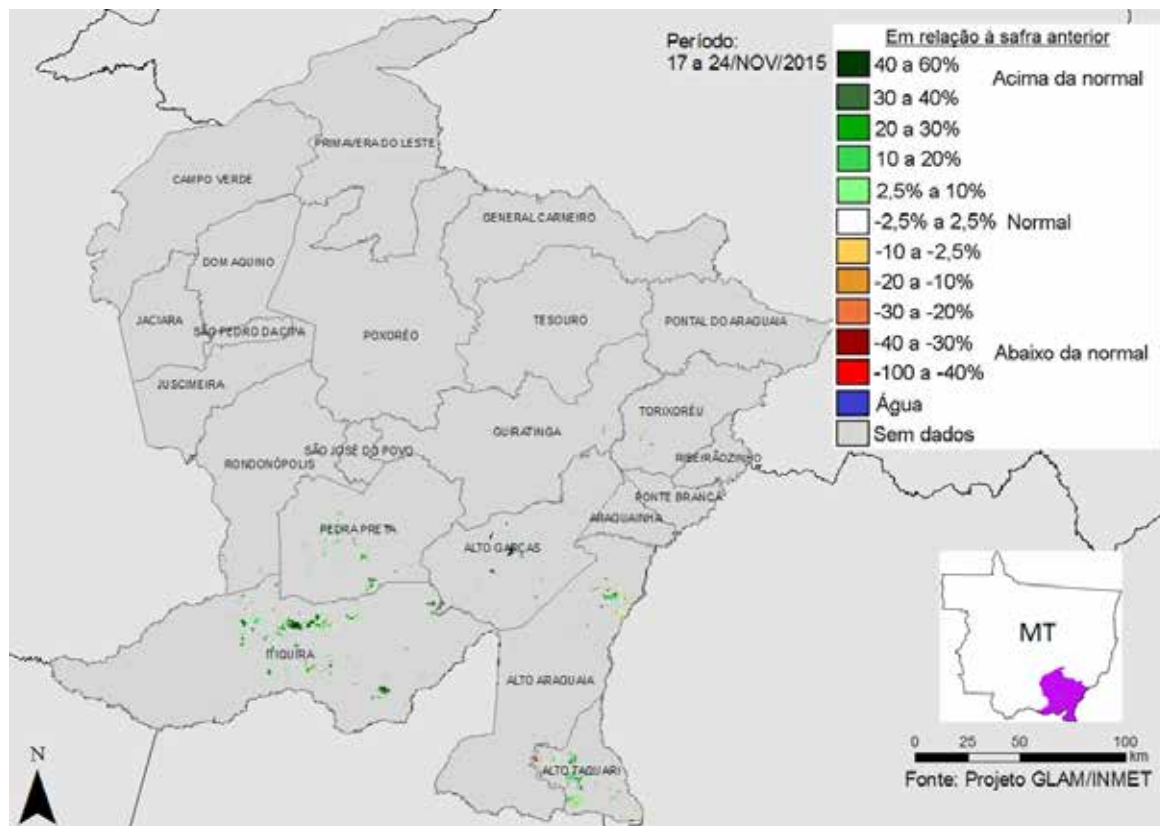
Em novembro é mês de muita cobertura de nuvens na região. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal. O gráfico acima mostra o período de agosto até o fi-

nal de outubro. Apesar do traçado um pouco abaixo houve rápido avanço do plantio e, neste final de novembro, constata-se que as lavouras vêm respondendo bem.



7.5.2. SUDESTE DO MATO GROSSO

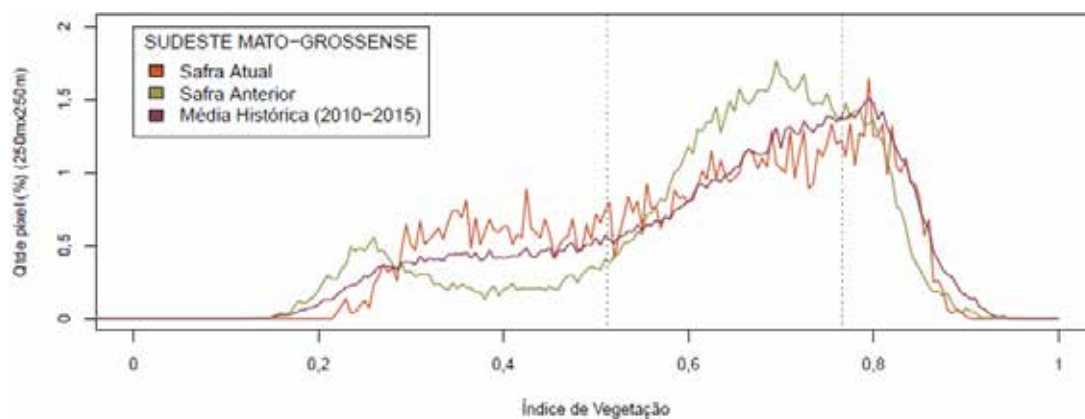
Figura 7 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado.



O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento não possibilitou a obtenção de imagens nítidas dos cultivos da região. As poucas áreas onde o

satélite conseguiu obter imagens estão em verde no mapa, indicando que as lavouras estão com bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 48 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



Valores de IV	0 - 0,5118	0,5118 - 0,7663	0,7663 - 1
Safra Atual	29,86 %	48,64 %	21,49 %
Safra Anterior	19,01 %	62,21 %	18,78 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	4,86 %	-1,36 %	-3,51 %

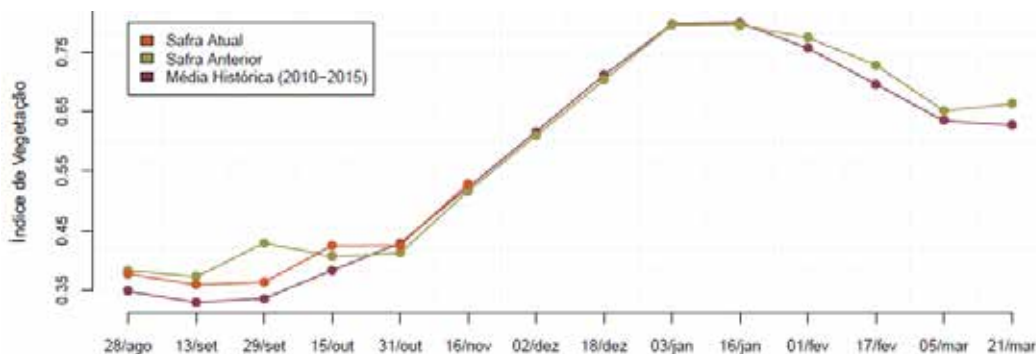
Fonte: Inmet.



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 21% de suas áreas já com boa cobertura foliar (altas respostas de IV), contra 19% do ano passado, nesta mesma época. Em relação à média dos seis últimos anos, a atual safra

mostra aumento de áreas com baixas respostas de IV (+4,9%) e a redução de áreas com altas respostas (-3,5%). Na média os números mostram padrão relativamente bom da presente safra de verão.

Gráfico 49 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Sudeste MT



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	8	9	8	11	-1	1								
% safra anterior	-1	-4	-15	4	3	2								
Fases – safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	

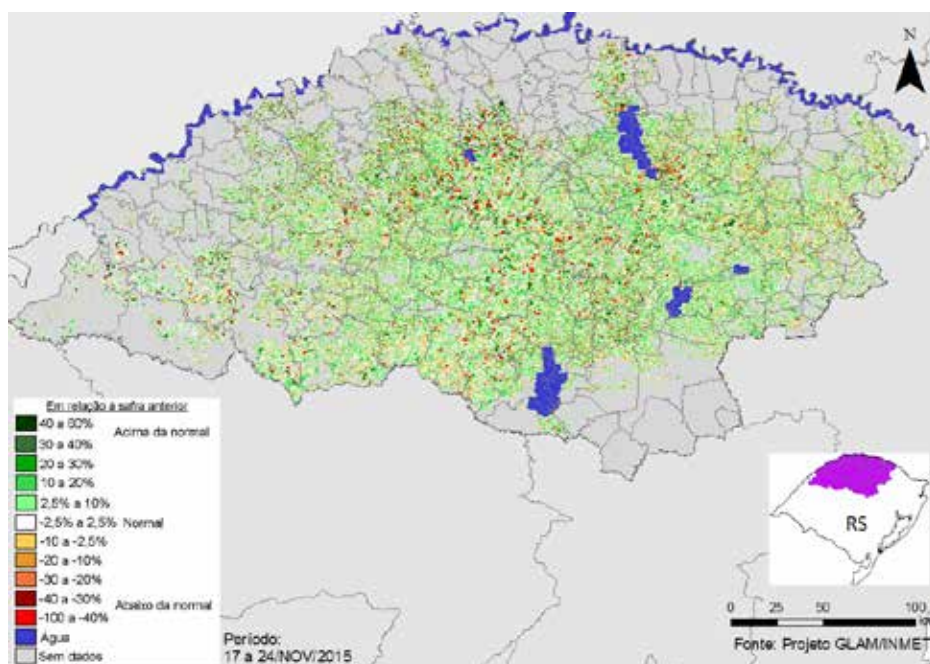
Fonte: Inmet.

Houve muita cobertura de nuvens na região no presente período de monitoramento. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal em datas mais recen-

tes. O gráfico acima mostra o período de agosto até meados de novembro, com traçado recente parecido ao dos anos anteriores, indicando bom padrão de desenvolvimento das lavouras.

1.5.3. NOROESTE DO RIO-GRANDENSE

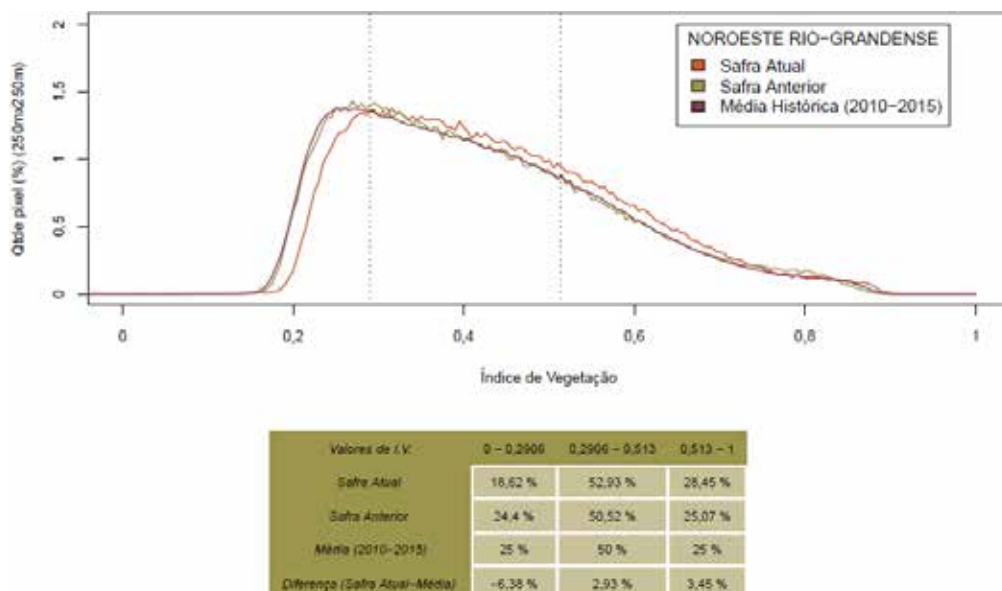
Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



O excesso de chuvas durante o período ideal de semeadura deste ano implicou em pequeno atraso de plantio em relação ao ano passado. O predomínio das áreas em verde, no mapa acima, se deve ao bom padrão

de desenvolvimento do milho e de outras culturas já semeadas, devido ao desenvolvimento expressivo da vegetação.

Gráfico 50 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

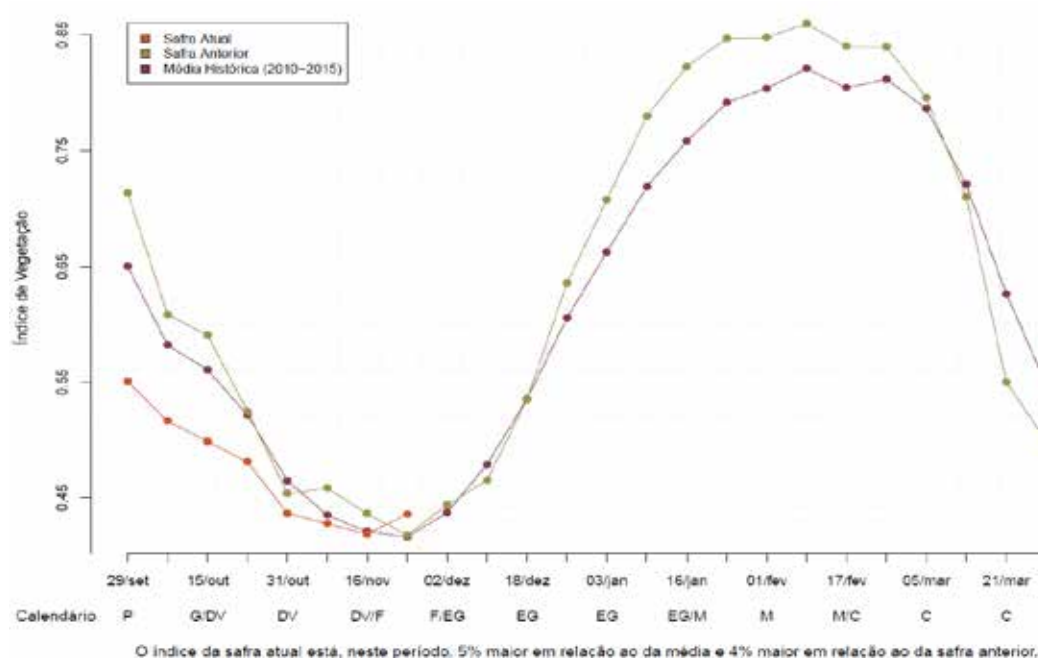


Fonte: Inmet.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que em torno de 28% das áreas de agricultura respondem com altos valores de IV, contra 25% do ano passado, no mesmo período. A atual safra tem também 19% das áreas com pouca cobertura foliar (baixos valores

de IV), contra 24% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos seis últimos anos e 4% acima da safra passada.

Gráfico 51 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Inmet.

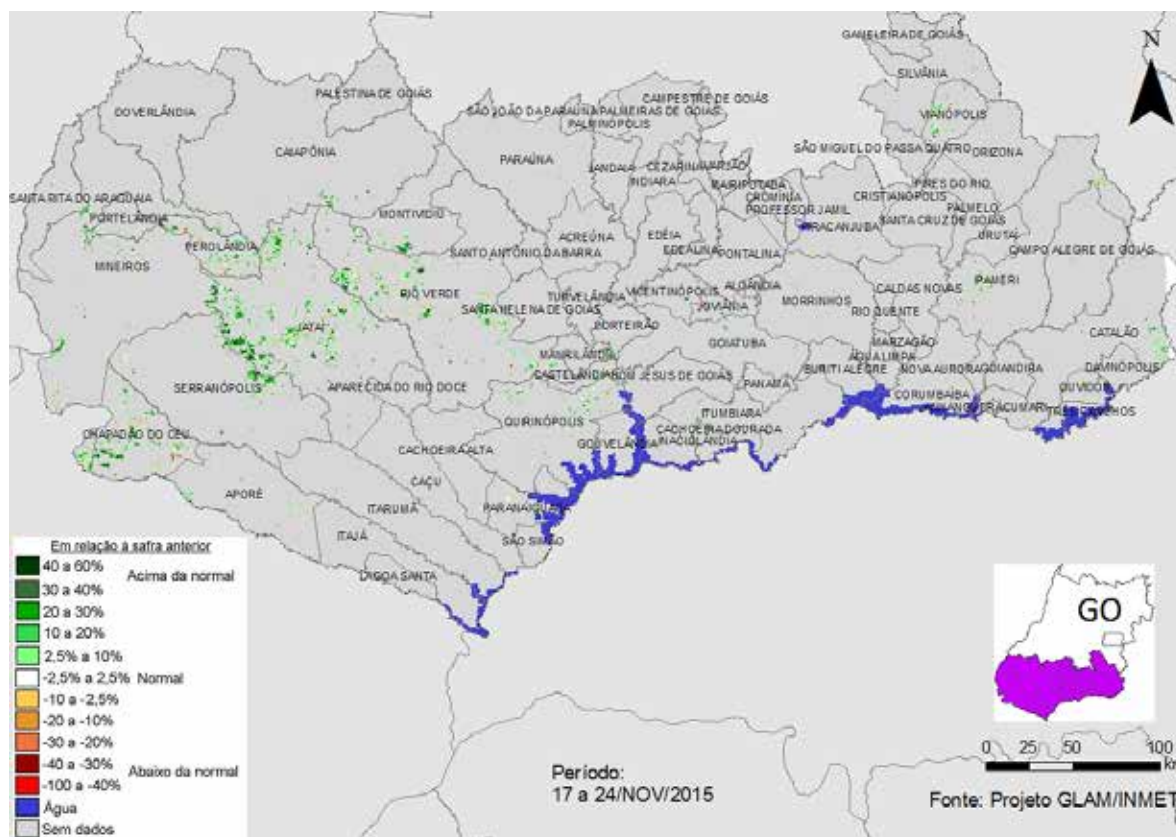


O traçado da linha vermelha no gráfico de evolução temporal, em forte descendência desde setembro até meados de novembro mostra os problemas da última safra de inverno, principalmente do trigo. O úl-

timo trecho da linha em forte ascensão mostra que parte das lavouras já implantadas, principalmente o milho, apresenta alguma cobertura foliar (início de respostas de IV).

1.5.4. SUL GOIANO

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado

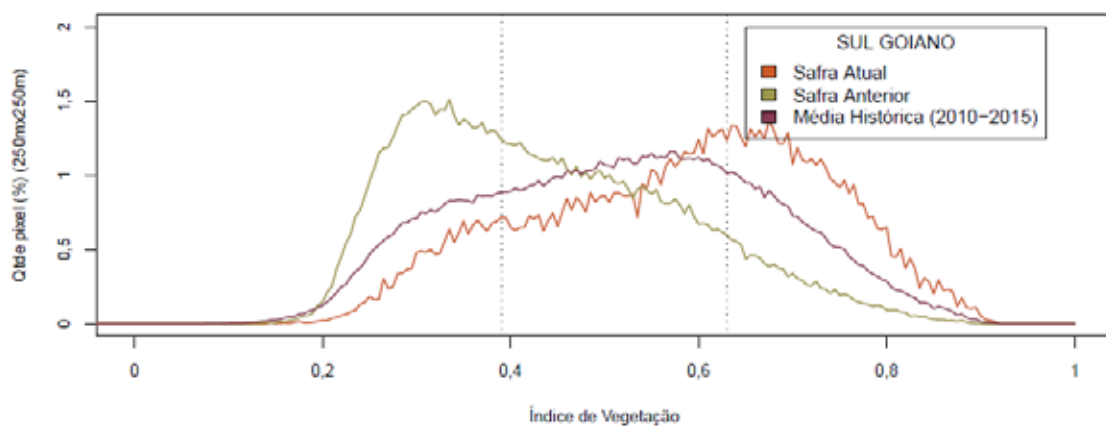


O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento não possibilitou a obtenção de imagens nítidas de todas as áreas de cultivos da região. As áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão em verde no mapa. Apesar de visualmente serem poucas, na verdade são milhares de amostras enxergadas pelo satélite uma vez que cada pixel cobre apenas

6,25 hectares, constituindo, assim, um conjunto representativo de amostras dos cultivos. Além disso, essas amostras estão bem distribuídas na região. Este padrão de cor indica que as lavouras, em geral, respondem com expressiva atividade fotossintética, mesmo considerando que houve algum atraso no plantio da atual safra de verão.



Gráfico 52 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



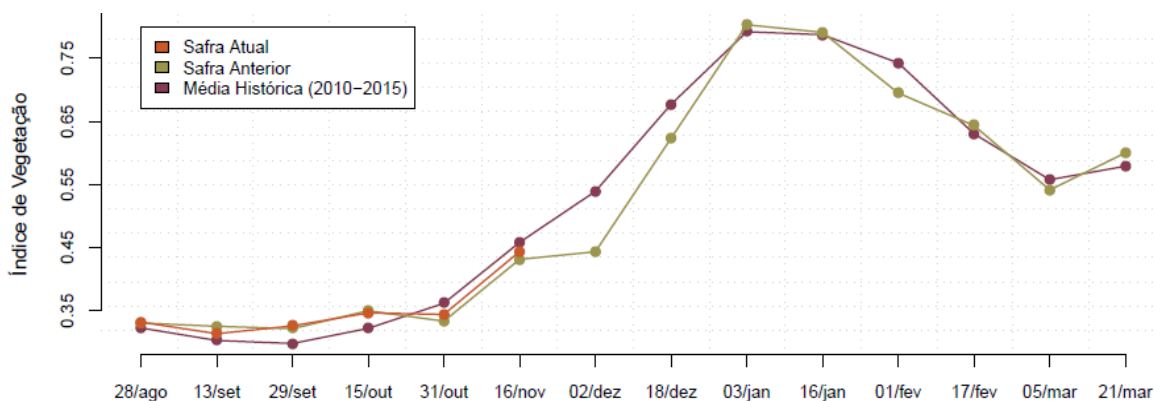
Valores de I.V.	0 - 0,3907	0,3907 - 0,6295	0,6295 - 1
Safra Atual	14,93 %	43,5 %	41,57 %
Safra Anterior	44,32 %	44,82 %	10,86 %
Média (2010-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-10,07 %	-6,5 %	16,57 %

Fonte: Inmet.

A tabela no gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 42% de suas lavouras com altas respostas de IV, contra 11% no mesmo período do ano

passado. Tem também 15% com baixas respostas contra 44% na safra passada.

Gráfico 53 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Sul de GO



Data (final do período)	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	3	4	9	8	-5	-3								
% safra anterior	0	-4	1	-1	3	3								
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Inmet.

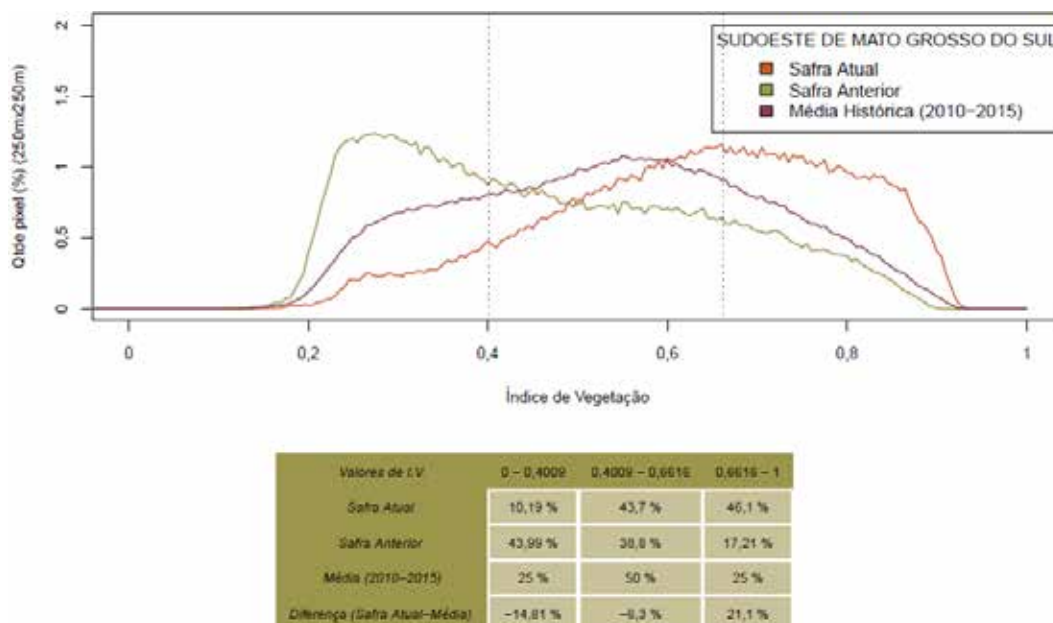
Muita cobertura de nuvens na região no presente período de monitoramento impossibilitou a obtenção de dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal. O gráfico acima mostra o período

de agosto até meados de novembro, com traçado recente parecido ao dos anos anteriores, indicando bom padrão de desenvolvimento das lavouras.



No mapa acima o predomínio das áreas em verde indica que a atual safra tem padrão superior ao do ano anterior.

Gráfico 56 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

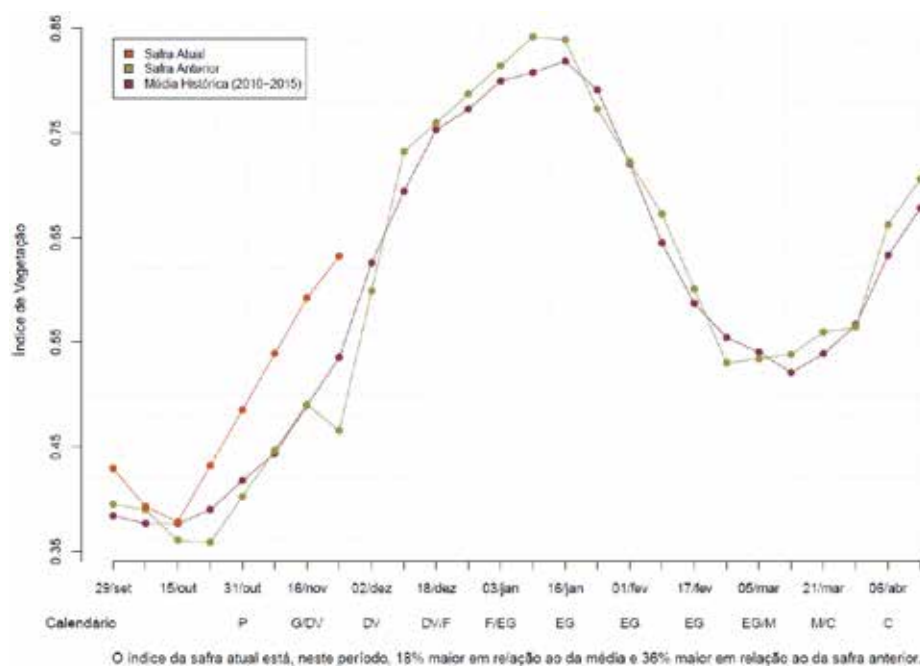


Fonte: Inmet.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 46% de suas lavouras com altas respostas de IV, contra 17% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 10%, contra 44% do ano passado.

Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 18% acima da média dos seis últimos anos e 36% acima da safra anterior.

Gráfico 57 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras.



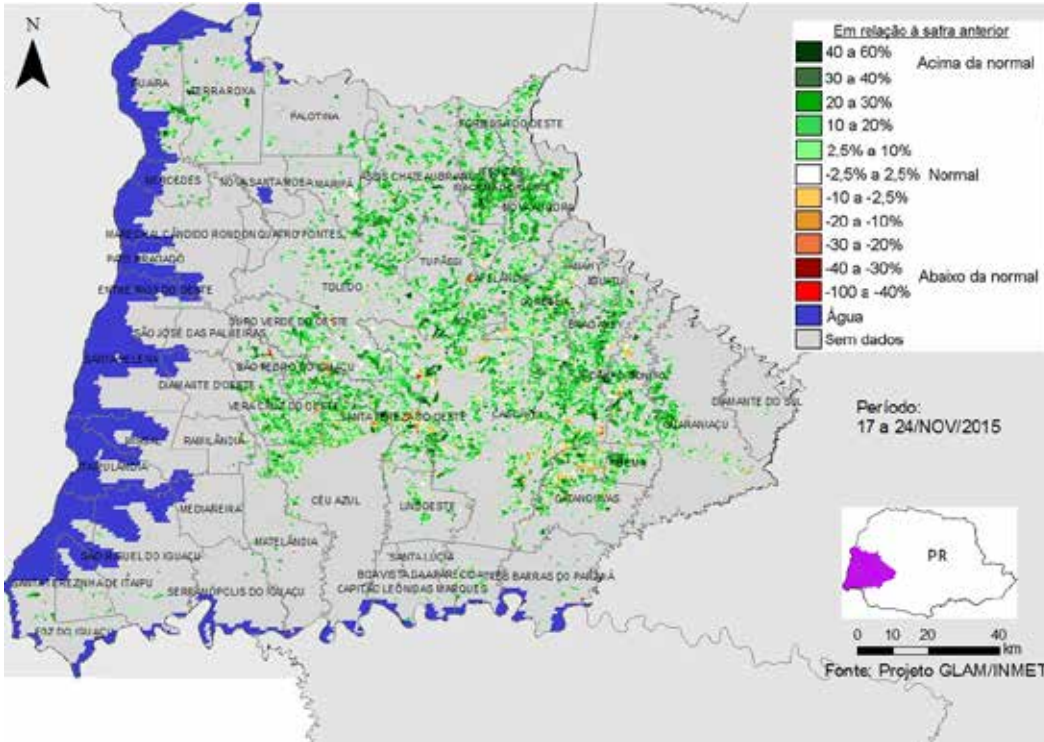
Fonte: Inmet.

No gráfico da evolução temporal o traçado da linha vermelha mostra que na média a safra atual já responde com IV acima das safras passadas. Indicativo

de que em 2015 o plantio ocorreu um pouco mais cedo que em anos anteriores, nesta região.

7.5.7. OESTE PARANAENSE

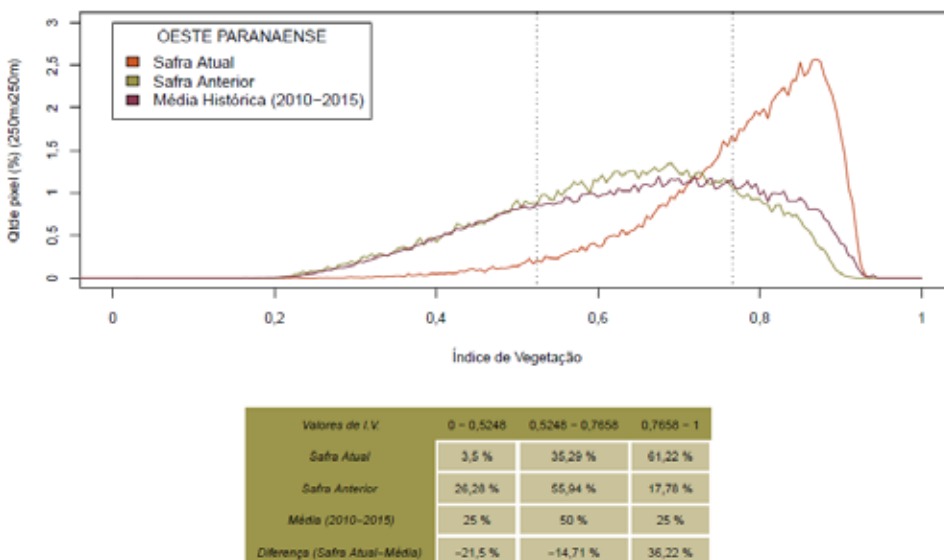
Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos, em relação ao ano passado



No mapa acima o predomínio das áreas em verde indica que o plantio da atual safra de verão ocorreu mais cedo que no ano passado. Pela intensidade de

respostas do IV pode-se concluir por um bom padrão de desenvolvimento das lavouras na região.

Gráfico 58 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV



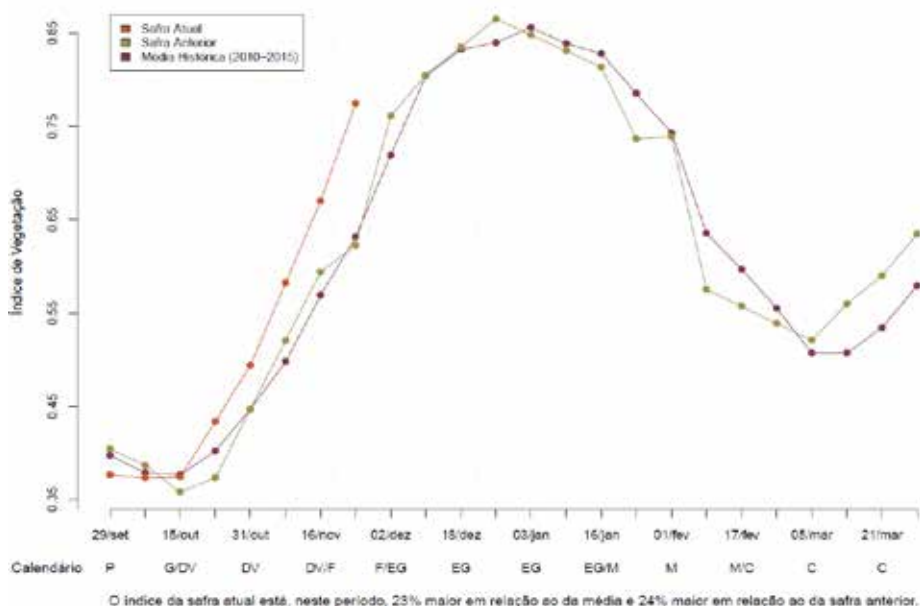
Fonte: Inmet.



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 61% de suas lavouras com altas respostas de IV, contra 18% no mesmo período do ano passado. Esta diferença é retratada em verde do mapa. Já na faixa de baixos valores de IV

a safra atual tem 4%, contra 26% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 23% acima da média dos seis últimos anos e 24% acima da safra anterior.

Gráfico 59 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras – Oeste PR



Fonte: Inmet.

No gráfico da evolução temporal o traçado da linha vermelha, em expressiva ascensão, mostra que a safra atual já responde com IV acima das safras passadas.

Indicativo de que em 2015 o plantio ocorreu mais cedo que em anos anteriores e que é bom o padrão de desenvolvimento das lavouras, nesta região.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O terceiro levantamento da lavoura brasileira de algodão aponta para redução na área plantada de 1,6% na temporada 2015/16. Essa redução sofreu forte modificação desde os primeiros levantamentos liberados pela Conab, para esta temporada, a despeito da conjuntura adversa para o produto, onde os estoques internacionais elevados ainda promovem impactos negativos nos preços da pluma.

O Mato Grosso, maior produtor nacional da fibra, foi o grande responsável pela alteração. Na avaliação do mês passado a previsão de crescimento que tinha variado de 1 a 3% foi alterada no atual levantamento para 4%, um incremento de 24,2 mil hectares em relação ao que foi plantado no ano passado. Estima-se que essa área poderá ser maior, caso a janela para o plantio do milho segunda safra fique comprometida com a escassez de chuvas. Assim, os produtores que precisam honrar os contratos futuros já firmados, poderão converter parte da lavoura de soja em algodão. Outro fator que pode ajudar a explicar a mudança na intenção dos produtores está relacionado ao adiantado estágio da comercialização da safra mato-grossense, confirmada pelas fontes locais que estimam em 37% o montante da safra já comercializada em novembro, ante 23% ocorrido no mesmo período da safra passada.

Os elevados custos de produção, ainda mais acentuados nesta safra, por conta da alta do dólar, parecem não ter resultado em impactos que abalasses a confiança dos agricultores. O plantio do algodão de primeira safra tem previsão para iniciar em dezembro, lembrando que neste ano foi prorrogado o período do vazio sanitário no estado, para o dia 30 de novembro. O plantio da segunda safra deverá ocorrer em janeiro e fevereiro de 2016, a depender da normalização do atual quadro de escassez hídrica, uma vez que o plantio da soja se encontra atrasado.

A expectativa é de que a área total de plantio em Mato Grosso aumente 4,3% em comparação à safra 2014/15, variando de 562,7 mil hectares para 586,9 hectares, com o crescimento concentrado principalmente na região de Sapezal. A comercialização da safra 2015/16 está estimada em torno de 30% da oferta. Na região de Primavera do Leste, foi informado que as negociações do algodão se encontram num ritmo mais lento devido ao cenário imprevisível da economia, havendo expectativa de retomada de negociações em janeiro.

Em Goiás acredita-se que a maior parte do plantio deverá acontecer a partir de janeiro. Houve uma forte retração nas estimativas de área a ser plantada devido, principalmente, às melhores expectativas para o mercado da soja e em razão dos elevados custos de produção da lavoura de algodão.

No Mato Grosso do Sul a tendência de aumento da área descrita no levantamento anterior não se confirmou no presente levantamento, sendo informado uma significativa redução de 5,1%. Esses dados ainda não estão totalmente consolidados em decorrência das dificuldades relacionadas à obtenção de crédito, instabilidade climática na região norte, maior produtora de algodão do estado, onde a lavoura é plantada em sucessão à soja, cujo plantio se encontra atrasado.

Na região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, teve iní-

cio a partir de 20 de novembro, quando se encerra o período de vazio sanitário de 60 dias, como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo e proteção da produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga. As áreas de cultivo ainda não estão definidas em razão do atraso do plantio da safra verão e da insegurança relacionada ao comportamento do mercado. Para fins de estimativa, espera-se área de plantio de algodão de 19 mil hectares, projetando um incremento de 1,1% em relação ao plantio passado.

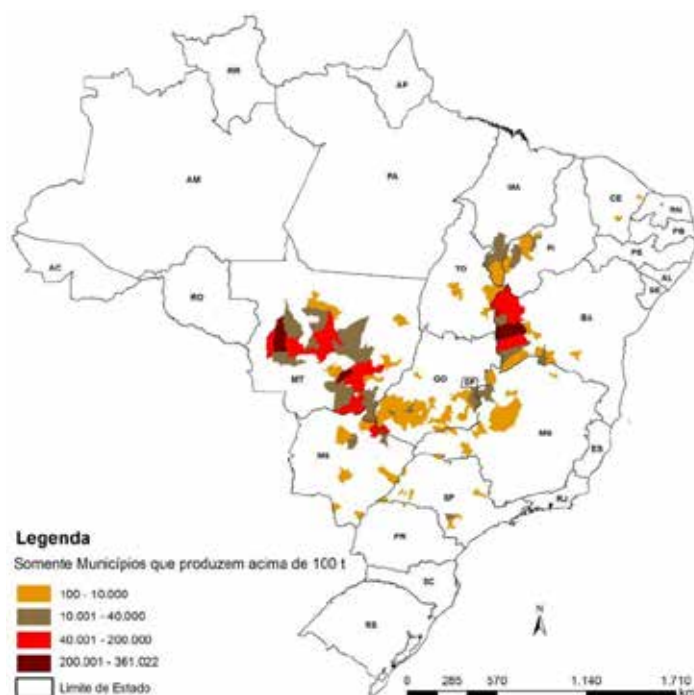
Na região Nordeste, segunda maior produtora do país, a área plantada com o algodão para a temporada 2015/16 também sofrerá redução. A estimativa atual de queda de 9,6% na safra baiana, principal produtora regional, contrasta com o estimado à época que variava de 19 a 15%, prevendo-se agora que sejam cultivados 254,1 mil hectares. No início de 2015 o valor pago ao produtor de algodão estava equiparado ao preço mínimo e permaneceu abaixo do custo de produção por todo o primeiro semestre. A partir de agosto os valores pagos aos produtores no estado, iniciaram forte recuperação, atingindo em novembro o valor de R\$ 77,01/@, sendo esta a motivação observada para a mudança nas expectativas.

No Maranhão a área do algodão representa 20,6 mil hectares e deverá apresentar uma redução de 3,7% em relação ao cultivado na safra anterior. A cultura do algodão é explorada apenas nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos localizados no extremo sul do Maranhão, sendo os dois últimos são os de maior representatividade. O início do plantio está previsto para dezembro com finalização em janeiro.

A consolidação dessas informações permite estimar para a safra de algodão na temporada 2015/16 uma expectativa de plantio atingindo 960,6 mil hectares, representando uma redução de 1,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior.



Figura 13 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 16 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	30,4	3,1
TO	7,7	7,9	2,6	3.830	3.845	0,4	29,5	30,4	3,1
NORDESTE	317,8	282,4	(11,1)	3.851	3.832	(0,5)	1.223,7	1.082,1	(11,6)
MA	21,4	20,6	(3,7)	3.984	4.036	1,3	85,3	83,1	(2,6)
PI	14,2	6,6	(53,2)	3.536	3.641	3,0	50,2	24,0	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	306	632	106,5	0,1	0,3	200,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.108	(8,7)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,2	-	1.210	991	(18,1)	0,2	0,2	-
PE	0,1	0,1	-	512	512	-	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	254,1	(9,6)	3.836	3.830	(0,2)	1.086,4	973,2	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	645,9	2,9	4.106	3.964	(3,5)	2.576,8	2.560,0	(0,7)
MT	562,7	586,9	4,3	4.095	3.943	(3,7)	2.304,3	2.314,1	0,4
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.267	(5,2)	140,0	125,9	(10,1)
GO	33,8	29,5	(12,7)	3.919	4.069	3,8	132,5	120,0	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	3.574	3.689	3,2	79,4	86,7	9,2
MG	18,8	19,0	1,1	3.600	3.724	3,4	67,7	70,8	4,6
SP	3,4	4,5	32,4	3.432	3.541	3,2	11,7	15,9	35,9
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	290,3	(10,8)	3.850	3.832	(0,5)	1.253,2	1.112,5	(11,2)
CENTRO-SUL	650,7	670,3	3,0	4.085	3.952	(3,3)	2.658,2	2.648,7	(0,4)
BRASIL	976,2	960,6	(1,6)	4.007	3.916	(2,3)	3.911,4	3.761,2	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.



Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	1.532	1.544	0,8	11,8	12,2	3,4
TO	7,7	7,9	2,6	1.532	1.538	0,4	11,8	12,2	3,4
NORDESTE	317,8	282,4	(11,1)	1.540	1.533	(0,5)	489,4	432,9	(11,5)
MA	21,4	20,6	(3,7)	1.594	1.614	1,3	34,1	33,3	(2,3)
PI	14,2	6,6	(53,2)	1.414	1.456	3,0	20,1	9,6	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	107	221	106,5	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.561	(8,7)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,2	-	424	347	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	179	179	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	172	173	0,6	-	-	-
BA	281,1	254,1	(9,6)	1.546	1.532	(0,9)	434,6	389,3	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	645,9	2,9	1.640	1.583	(3,5)	1.029,2	1.022,7	(0,6)
MT	562,7	586,9	4,3	1.638	1.577	(3,7)	921,7	925,7	0,4
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.685	(5,2)	55,3	49,7	(10,1)
GO	33,8	29,5	(12,7)	1.544	1.603	3,8	52,2	47,3	(9,4)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	1.428	1.472	3,1	31,7	34,6	9,1
MG	18,8	19,0	1,1	1.440	1.490	3,5	27,1	28,3	4,4
SP	3,4	4,5	32,4	1.356	1.399	3,2	4,6	6,3	37,0
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	290,3	(10,8)	1.540	1.533	(0,5)	501,2	445,1	(11,2)
CENTRO-SUL	650,7	670,3	3,0	1.631	1.578	(3,2)	1.061,6	1.058,0	(0,3)
BRASIL	976,2	960,6	(1,6)	1.601	1.565	(2,2)	1.562,8	1.503,1	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota.: Estimativa em dezembro/2015.



Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,9	2,6	2.298	2.307	0,4	17,7	18,2	2,8
TO	7,7	7,9	2,6	2.298	2.307	0,4	17,7	18,2	2,8
NORDESTE	317,8	282,4	(11,1)	2.311	2.299	(0,5)	734,3	649,3	(11,6)
MA	21,4	20,6	(3,7)	2.390	2.422	1,3	51,2	49,9	(2,5)
PI	14,2	6,6	(53,2)	2.122	2.185	3,0	30,1	14,4	(52,2)
CE	0,4	0,4	-	199	411	106,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.547	(8,7)	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,2	0,2	-	787	644	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	333	333	-	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	319	322	0,9	-	-	-
BA	281,1	254,1	(9,6)	2.319	2.298	(0,9)	651,8	583,9	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	645,9	2,9	2.466	2.380	(3,5)	1.547,6	1.537,4	(0,7)
MT	562,7	586,9	4,3	2.457	2.366	(3,7)	1.382,6	1.388,5	0,4
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.582	(5,2)	84,7	76,2	(10,0)
GO	33,8	29,5	(12,7)	2.375	2.466	3,8	80,3	72,7	(9,5)
SUDESTE	22,2	23,5	5,9	2.147	2.217	3,2	47,7	52,1	9,2
MG	18,8	19,0	1,1	2.160	2.234	3,4	40,6	42,5	4,7
SP	3,4	4,5	32,4	2.076	2.142	3,2	7,1	9,6	35,2
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	290,3	(10,8)	2.310	2.300	(0,4)	752,0	667,5	(11,2)
CENTRO-SUL	650,7	670,3	3,0	2.453	2.373	(3,3)	1.596,6	1.590,7	(0,4)
BRASIL	976,2	960,6	(1,6)	2.406	2.351	(2,3)	2.348,6	2.258,2	(3,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.

Tabela 19 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P-Plantio; C-Colheita; P/C-Plantioe colheita.

Fonte: Conab



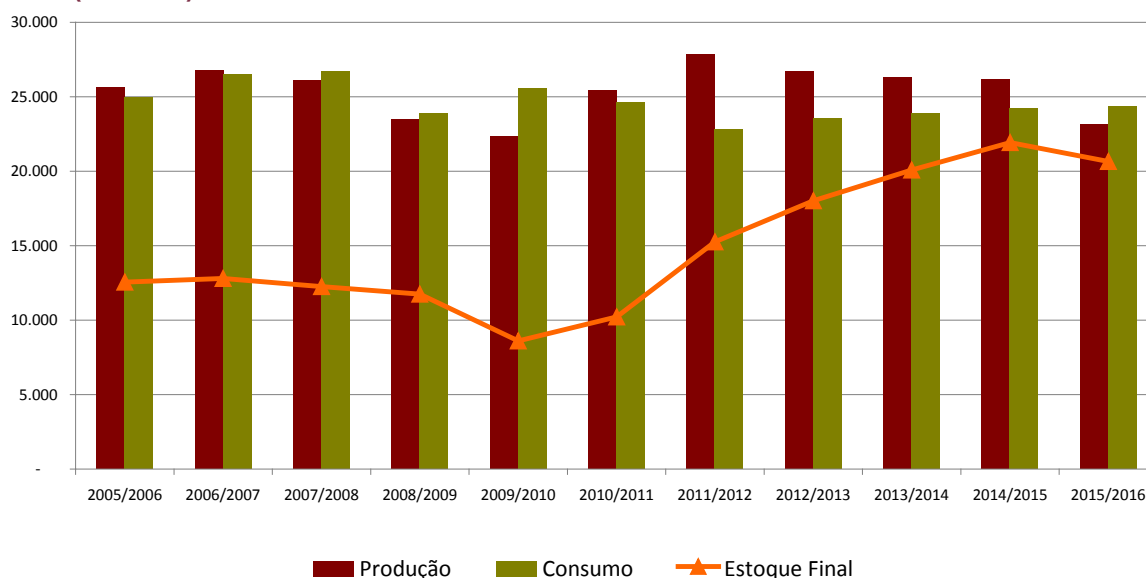
8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

O mercado mundial do algodão, segundo as projeções do Comitê Consultivo Internacional do Algodão – Icac, ao longo da safra 2015/16 sofrerá uma importante mudança no quadro de oferta e demanda. De acordo com os dados publicados em novembro de 2015 pela referida entidade, a produção mundial de pluma, avaliada em 23.110 mil toneladas para a safra 2015/16, será inferior ao consumo, estimado em 24.370 mil toneladas, pela primeira vez desde a safra 2009/10.

Cabe enfatizar que o menor volume de produção contribuirá para uma redução de 5,79% nos estoques de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.650 mil toneladas, contra 21.920 mil toneladas em 2014/15. Nesse sentido, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 84,77%, contra 90,33% na safra 2014/15. Contudo, destaca-se que cerca de 58,01% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 58,62% na safra ante

Gráfico 60 - Comparativo de produção, consumo e estoque final de algodão no mundo nas últimas 11 safras (em mil t)



Fonte: Icac.

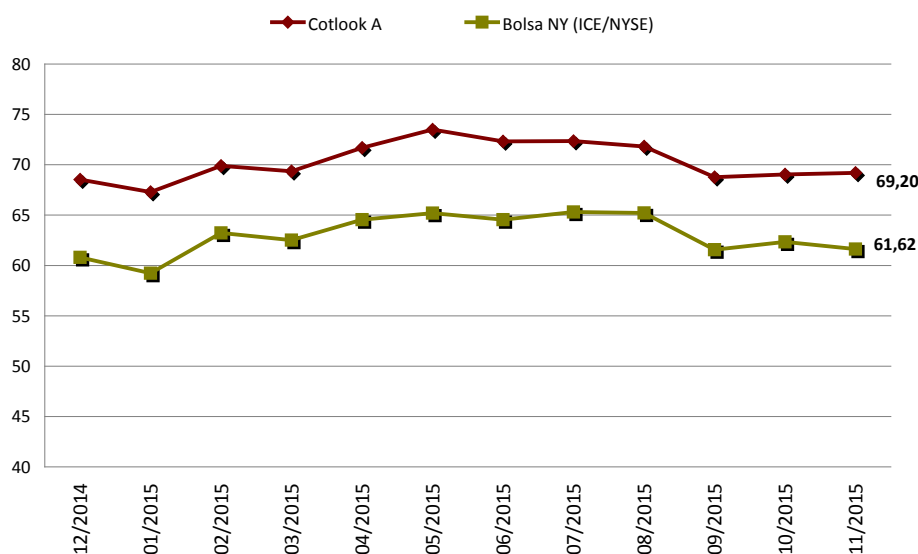
Preços internacionais

Os preços médios internacionais da pluma em novembro apresentaram uma pequena compressão na Bolsa de Nova Iorque, motivada pela demanda internacional retraída. Todavia, o mercado físico apresentou um movimento lateral demonstrando que

vetores opostos anularam uma tendência marcante nos preços. Esse fato foi corroborado pelo atraso e esperada perda da qualidade da produção estadunidense, além da leve retração do dólar nos mercados mundiais.



Gráfico 61 - Algodão - Preços internacionais médios mensais (FOB) - 12 meses - Em US\$ cents/lb



Fonte: Nyse/Cotlook.

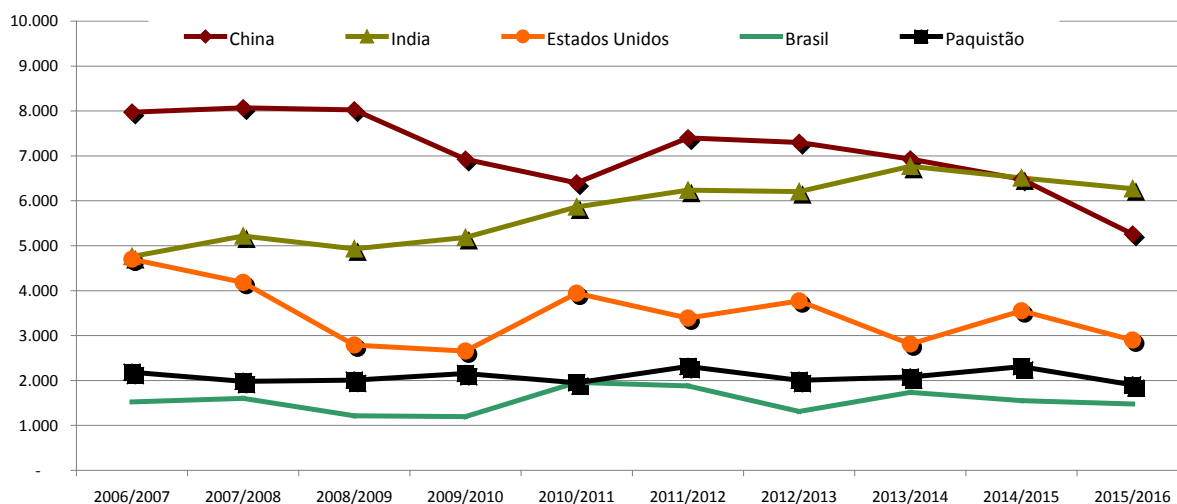
Panorama nacional

O terceiro levantamento de intenção de plantio elaborado pela Conab em 2015 estima para a safra 2015/16 uma produção de pluma no Brasil de 1.503,1 mil toneladas e indica uma queda de 3,8% em relação à produção da safra 2014/15, estimada em 1.562,8 mil toneladas.

A justificativa para esse movimento misto na produção refletia a grande valorização do dólar frente o real em 2015, notadamente em setembro, quando a moe-

da americana, segundo o Banco Central, chegou a valer R\$ 4,1949 no dia 24 de setembro de 2015. A moeda estadunidense valorizada permite que o excedente da produção de pluma, não consumida pela Indústria nacional, seja exportado a preços mais remuneradores, todavia elevam muito o custo dos insumos que representam aproximadamente 55% do custo total. Dessa feita, o saldo dessa operação traz pouco ou quase nenhum incremento na remuneração do cotonicultor.

Gráfico 62 - Evolução da Produção de algodão nas últimas 10 safras - Principais produtores - Em mil t



Fonte: Icac.

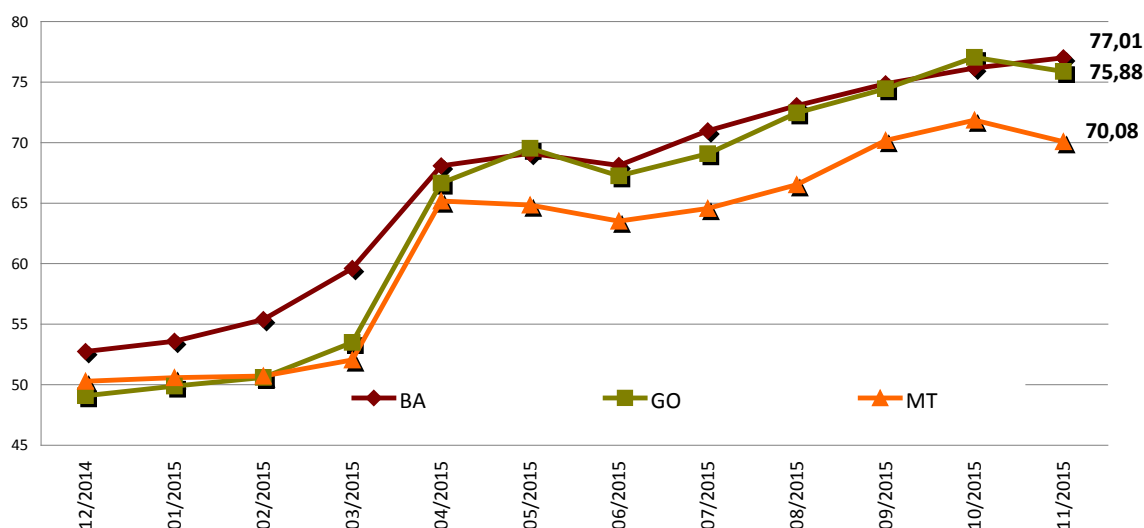


Preços nacionais

Os preços domésticos do algodão reagiram de maneira negativa à queda do dólar e retração da atividade compradora da indústria. Em novembro, as cotações caíram em quase todos os estados avaliados em comparação com outubro, na Bahia a média elevou-

se 1,12% para o valor de R\$77,01/@; em Goiás ocorreu um decréscimo de 1,52%, com média de R\$75,88/@ e em Mato Grosso fechou o mês com queda 2,48% com preço médio de R\$70,08/@.

Gráfico 63 - Algodão - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses - Em R\$/@



Fonte: Conab.

Informações sobre o consumo nacional

Foram promovidos ajustes nos números de consumo a partir de 2014, tornando-os mais compatíveis com os volumes de produção, de exportação e demanda por parte das fiações que tem apresentado pouco animador no período. Neste sentido, levando em consideração as atuais previsões de crescimento negativo da economia brasileira, a Conab procedeu aos ajustes nacional em 2016.

mantendo a tendência de queda. Assim, alterou sua projeção de consumo em 2014 para 883,5 mil toneladas e de 820 mil toneladas em 2016. Nesse cenário é importante enfatizar que a expectativa de menor importação de produtos de vestuários poderá estimular o aumento do consumo pela indústria do algodão nacional

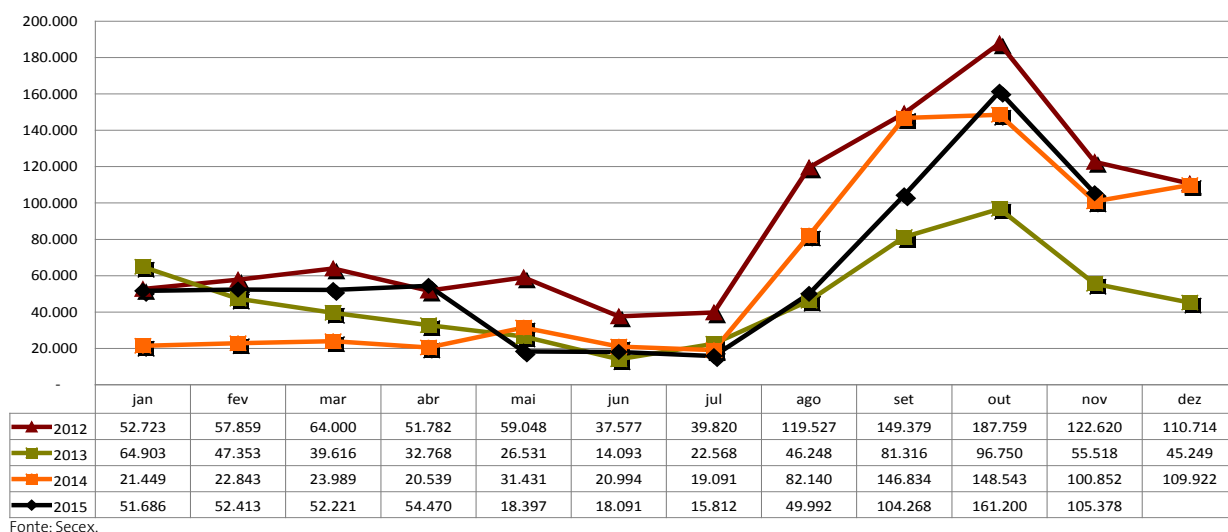
Análise de exportações brasileiras

O total das exportações brasileiras de algodão em 2014 foi de 748,6 mil toneladas, ou seja, montante de 30,67% superior ao volume exportado em 2013, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. A Conab mantém sua estimativa de 790 mil toneladas a ser exportada em

2015 e acredita que em 2016 os volumes a serem embarcados para o mercado externo será menor, algo em torno de 740 mil toneladas. Essa redução é explicada pela avaliação de menor consumo futuro de algodão pela China.



Gráfico 64 - Exportações brasileiras de algodão de jan/12 a out/15 - Em mil t



Quadro de oferta e demanda

Diante do cenário ora apresentado a atual configuração do quadro de suprimento estimado para 2015 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 2004,2 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.610 mil toneladas. Dessa maneira a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 passa a ser de 394,2 mil toneladas de pluma, constituindo, assim, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente três meses.

Para 2016 a Conab projeta a seguinte configuração: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.902,3 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540 mil toneladas. Dessa maneira a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 362,3 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente três meses.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Tabela 20 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.



Tabela 21 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	90,9	(1,7)	3.315	3.461	4,4	306,6	314,5	2,6
MG	2,7	2,1	(22,2)	3.338	3.443	3,1	9,0	7,2	(20,0)
SP	89,8	88,8	(1,1)	3.314	3.461	4,4	297,6	307,3	3,3
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.814	15,8	12,7	13,2	3,9
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.485	3,5	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	(1,6)	2.450	3.000	22,4	7,4	9,0	21,6
CENTRO-SUL	97,7	95,6	(2,1)	3.268	3.429	4,9	319,3	327,7	2,6
BRASIL	97,7	95,6	(2,1)	3.268	3.429	4,9	319,3	327,7	2,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.

Figura 14 - – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Fonte: Conab.

Tabela 22 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

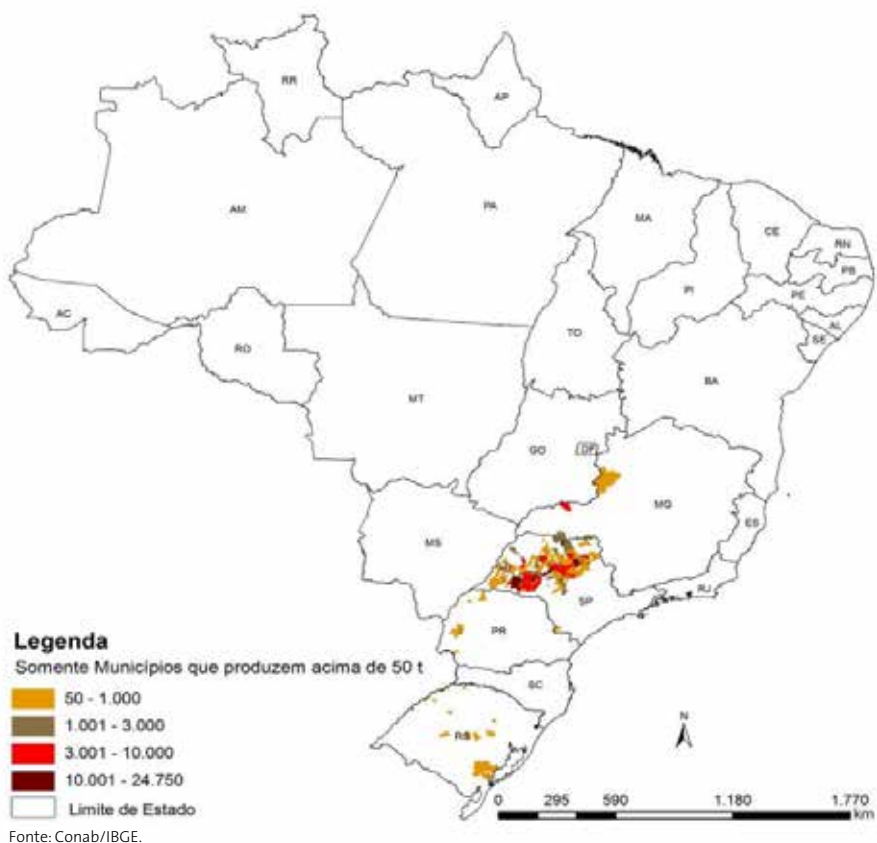
Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	- todo estado de SP (DV), exceto o sul	- sul de SP (DV)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais.



Figura 15 - Mapa da produção agrícola -Amendoim - 1a safra



12.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 23 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P				C	C				
BA		P	P				C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	2,2	(8,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	8,8	(5,4)
TO	2,4	2,2	(6,8)	3.873	4.000	3,3	9,3	8,8	(5,4)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO- OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
SP	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
NORTE/NORDESTE	5,7	5,5	(3,5)	2.270	2.299	1,3	13,2	12,3	(6,8)
CENTRO-SUL	5,5	5,5	-	2.587	2.511	(2,9)	14,3	13,8	(3,5)
BRASIL	11,2	11,0	(1,8)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	26,1	(5,1)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em dezembro/2015.

Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Amendoim - 2a safra

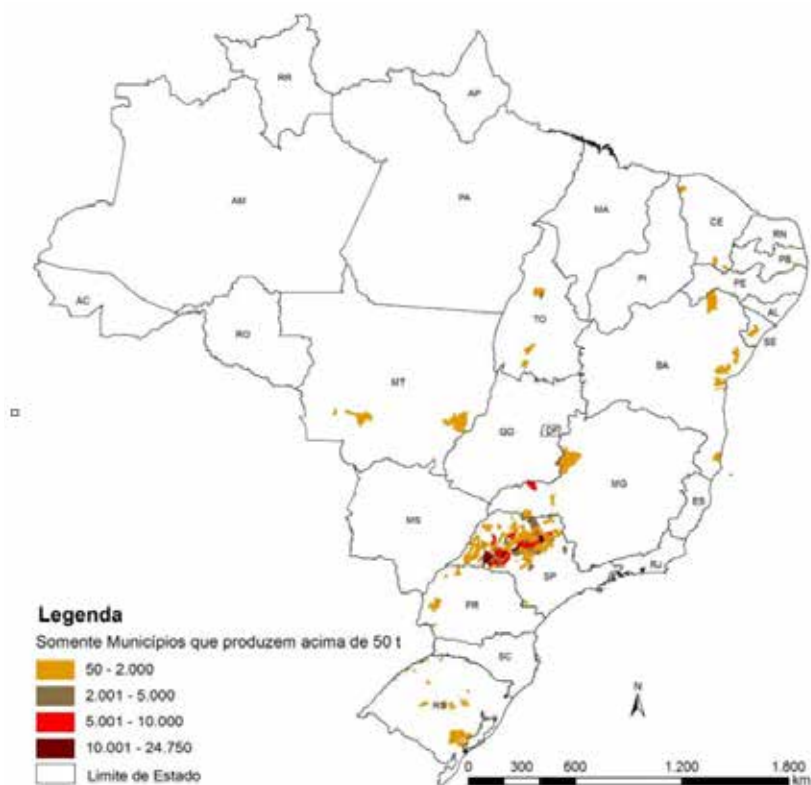


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 17 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	2,2	(8,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	8,8	(5,4)
TO	2,4	2,2	(8,3)	3.873	4.000	3,3	9,3	8,8	(5,4)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	96,2	(1,6)	3.277	3.409	4,0	320,5	327,9	2,3
MG	2,7	2,1	(22,2)	3.338	3.443	3,1	9,0	7,2	(20,0)
SP	95,1	94,1	(1,1)	3.275	3.408	4,1	311,5	320,7	3,0
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.814	15,8	12,7	13,2	3,9
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.485	3,5	5,3	4,2	(20,8)
RS	3,0	3,0	-	2.450	3.000	22,4	7,4	9,0	21,6
NORTE/NORDESTE	5,7	5,5	(3,5)	2.300	2.238	(2,7)	13,2	12,3	(6,8)
CENTRO-SUL	103,2	101,1	(2,0)	3.231	3.379	4,6	333,6	341,5	2,4
BRASIL	108,9	106,6	(2,1)	3.183	3.320	4,3	346,8	353,8	2,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.



8.1.3. ARROZ

As primeiras análises acerca da safra 2015/16 de arroz indicam uma redução das variáveis analisadas, porém não podem ser conclusivas. O atraso na implantação das lavouras ainda não consolida os números finais. Diante da situação climática que atinge o principal estado produtor, o Rio Grande do Sul, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), através da Secretaria de Política Agrícola editou a portaria nº 229, publicada no dia 09 de novembro de 2015 nas páginas 5 e 6 do Diário Oficial da União, que amplia o calendário oficial do plantio de arroz no Rio Grande do Sul, estipulando um prazo maior para a implantação das lavouras. Desta forma os produtores ficam resguardados e, mesmo plantando fora do período ideal, podem ser atendidos pelo Proagro em caso de sinistro. Os números da cultura do arroz no Brasil, portanto, indicam inicialmente para a redução de 3,8% da área plantada, 0,3% na produtividade e 4,1% na produção.

O comportamento climático em novembro, no Rio Grande do Sul, tem prejudicado a implantação da lavoura de arroz. O plantio não está finalizado e por isso os números não são finais. O comportamento do clima nos próximos dias será fundamental para que seja possível a semeadura das áreas mais baixas e planas, uma vez que muitas foram atingidas por alagamentos. Dentro do período preferencial recomendado pelas pesquisas do Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga), ou seja, de 5 a 30 de outubro, foram semeados somente 38% da área total do estado e durante o período recomendado pelo Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), 5 de outubro a 15 de novembro, apenas 55% da área foi semeada.

O desenvolvimento das primeiras áreas semeadas não está no patamar ideal. A falta de luminosidade é apontada como a causa principal de não se atingir o pleno desenvolvimento. Soma-se a isso, a diminuição da disponibilidade de nutrientes, pois o fertilizante aplicado foi lixiviado pelo excesso de água nas lavouras em decorrência das chuvas intensas.

Também houve problemas com o sistema pré-germinado. Nas áreas inundadas que receberam as sementes pré-germinadas houve problema no manejo da lâmina d'água devido ao excesso de chuvas, não sendo possível retirar a água no momento adequado, para que as plântulas se desenvolvessem plenamente. Nesse caso há relatos de replantio e consequente atraso da lavoura. Em vários casos o estande da lavoura ficou menor do que o ideal e o perfilhamento (afilhamento) está abaixo do esperado para o estágio atual da cultura, o que traz indícios de produtividade menor.

Na Fronteira Oeste e na Campanha aproximadamente 8 mil hectares semeados foram atingidos por enchentes ou enxurradas e dessas, quase 2 mil tiveram que ser ressemeados.

Neste momento aponta-se para a redução de 3,2% na área plantada, 2,6% na produtividade e, portanto, redução de 5,7% na produção total, chegando a 8,1 milhões de toneladas.

Em Santa Catarina o clima para o plantio da nova safra de arroz foi, em geral, favorável, com um clima de "veranico" antecipado. Os produtores também anteciparam a semeadura do arroz. No último mês ocorreram chuvas acima da média no estado, com isso os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para irrigação, possuem volume adequado para fornecimento às lavouras. O município de Tubarão é o único que ainda não concluiu o plantio, restando cerca de 10% da área para semear. Constata-se um pequeno atraso no plantio devido ao excesso de chuvas.

No geral, pode-se observar que cerca de 98% da área prevista para plantio já foi semeada. Nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado a semeadura começou no final de junho, enquanto que na região sul o plantio foi a partir de setembro, mas com o "veranico" mais cedo este ano, o plantio foi antecipado.

A safra de arroz em Santa Catarina indica redução de 0,2% na área, com leve aumento de produtividade e, por conseguinte, aumento de 3,3% na produção total.

No Paraná dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O plantio do arroz de sequeiro não está concluído devido ao excesso de chuvas, mas as lavouras estão em bom estado de desenvolvimento. Essa lavoura é praticamente toda com vistas à subsistência e com pouca aplicação de tecnologia. O que está ajudando o desenvolvimento da cultura é o bom regime de chuvas e as lavouras estão em estágio vegetativo.

No que se refere ao arroz irrigado o plantio encaminha-se para o final. Na atual safra a área é semelhante à safra passada. O que ocorre atualmente é que as chuvas estão gerando enchentes que impedem a finalização do plantio e provocam perdas em lavouras já implantadas.

Nas regiões norte e extremo norte do Tocantins a escassez de chuva registrada até o momento não deverá influenciar negativamente no plantio do arroz, considerando que boa parte das lavouras estão em propriedades da agricultura familiar e por sojicultores que utilizam a cultura em áreas de primeiro ano de cultivo a partir de janeiro. Nas regiões centro, sudeste, sul e



sudoeste, tanto o arroz cultivado no sequeiro quanto o arroz irrigado, a falta ou irregularidades climáticas estão ocasionando atraso no início do plantio do arroz.

Os fatores climáticos adversos podem contribuir com o aumento da área plantada, pois os agricultores optam por culturas mais resistentes à restrição hídrica, como o arroz ao invés da soja, que poderá ser substituída caso os sojicultores não consigam concluir a semeadura da oleaginosa dentro da janela indicada para o plantio.

Espera-se uma produtividade de 2,6% superior à safra passada, chegando a 4.868 kg/ha. Porém como está previsto uma redução de 4,7% na área plantada, a produção total deverá ficar em 591,5 mil toneladas, 2,2% inferior à safra passada.

Em Roraima o plantio do arroz irrigado será finalizado em dezembro. Os números da cultura sofreram alterações consideráveis. A área plantada de arroz irrigado no verão ainda não atingiu os 8.000 hectares e deve ficar em 9,3 mil hectares, com produtividade de 6.696 kg/ha.

As chuvas em Goiás até o momento contribuem para o início do plantio do arroz que deve ocorrer durante dezembro. O início da safra, porém, depende de sementes fornecidas pelo governo estadual e da liberação dos projetos realizados pela Emater/GO e secretaria da agricultura nos municípios. O plantio do arroz de sequeiro em Goiás acontece predominantemente em áreas cultivadas por pequenos produtores, assentados da reforma agrária ou acampados, que geralmente, dependem da doação das sementes para implantação das lavouras.

Os números da cultura do arroz no Acre vêm decrescendo nos últimos anos, tanto na produção como na área plantada. Soma-se ainda a baixa produtividade, o custo de produção, a falta de cultivares adaptadas à região e políticas públicas de incentivo à cultura.

Outro estado da Região Norte, o Pará, há previsão de plantio de 65,9 mil hectares e produção total de 172,5 mil toneladas.

Em Rondônia o início do plantio do arroz estava previsto para acontecer a partir do dia 15 de setembro. Isso, no entanto, não aconteceu porque as chuvas não chegaram de forma regular. Essa lavoura, em épocas anteriores, era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente existem algumas áreas com boa disponibilidade hídrica e outras que eram áreas de pastagens, que se planta arroz para recuperação a partir da aplicação de fertilizantes. Atualmente há pouca ou

nenhuma abertura de novas áreas e a tendência é de redução da área.

Existem em Rondônia duas a três grandes empresas comercializadoras de arroz e financiam as lavouras existentes. A cultura de arroz é acompanhada pelas empresas que comercializam a maior parte desse produto. Essas empresas fornecem aos produtores, adubos, inseticidas, insumos, óleo (combustível), existindo fomento privado para a cadeia produtiva do arroz em Rondônia. Mesmo com o atraso, atualmente o plantio está concluído.

No oeste da Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas novas devido, principalmente, a tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Estima-se que na Bahia seja cultivado 4.000 hectares, com produtividade de 1.048 kg/ha. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio.

A lavoura de arroz no Maranhão é plantada normalmente em dezembro e janeiro, a depender do tipo de manejo utilizado, irrigado ou sequeiro, e do regime de chuvas. Em algumas regiões, porém, existem lavouras em estágio vegetativo. É caracterizada, na maioria das áreas cultivadas, como lavoura de subsistência. A exceção são as áreas na região de São Matheus do Maranhão, onde há lavouras empresariais. A lavoura de arroz é utilizada para abertura de novas áreas e expansão das áreas para cultivo de soja. Na prática a cultura vem sendo abandonada pelos grandes e médios agricultores devido à baixa lucratividade e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas. No mesmo sentido há poucas “áreas novas” frente ao avanço do agronegócio e a pecuária extensiva. Para o arroz de sequeiro o plantio está previsto para o final de dezembro e início de janeiro, quando já se iniciam as primeiras chuvas em janeiro de 2015.

Há relatos de ataque de pragas em doenças do arroz irrigado, principalmente bicheira da raiz (*Oryzophagus oryzae*), onde o principal dano é causado pela larva que se alimenta de raízes jovens e o percevejo-dogrão (*Oebalus poecilus*) que permanecem nas plantas daninhas, principalmente no capim arroz, dentro ou fora da lavoura e atacam a lavoura de arroz causando grandes prejuízos.

Para a atual safra de arroz no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo em torno de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos da queda estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de máquinas beneficiadoras de arroz. Diante desses problemas, os produtores re-



solveram fazer a substituição da cultura do arroz para tomate e outras olerícolas. Outro fator que também vem contribuindo para a redução de área é a migração dos produtores para a pecuária leiteira e de corte.

Em São Paulo, em razão da escassez de água para irrigação, os produtores estão migrando para culturas mais rentáveis como soja ou investindo em milho para silagem.

Os números em Minas Gerais indicam que a lavoura de arroz poderá sofrer redução de área, seguindo a tendência de safras anteriores. Os fatores que levam à redução são: baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em terras baixas. As lavouras ainda existentes são conduzidas predominantemente por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. O plantio ocorre, normalmente, entre outubro e dezembro. Considerando a recuperação da produtividade, prejudicada pela estiagem da última safra, o volume de produção poderá chegar a 17,6 mil toneladas.

O plantio de arroz primeira safra no Mato Grosso, que era previsto para novembro, iniciou-se somente na região norte e sudeste do estado, com 68% e 60% da área plantada, respectivamente. Os restantes das áreas estão previstas para ser iniciado somente na última semana de novembro e finalizado em dezembro, devi-

do ao atraso do início das chuvas.

A expectativa de uma das principais fornecedoras de sementes do estado, localizada em Sinop, é de que haja pouca alteração na área plantada em Mato Grosso em relação à safra 2014/15. Inicialmente esperava-se um aumento na área de arroz segunda safra no estado, na safra 2015/16, contudo com o atraso do plantio da soja primeira safra, a janela para o plantio do arroz segunda safra, provavelmente, ficará comprometida, resultando na expectativa de diminuição da área plantada dessa cultura.

Contudo há aumento de área plantada em regiões marginais, sem tradição no plantio do cereal, como Primavera do Leste, Campo Verde, onde ocorre substituição das áreas de pastagem pela lavoura de arroz e futura expansão de área agricultável com soja.

Seguindo a tendência das últimas safras haverá redução na área cultivada de arroz no Mato Grosso do Sul. As principais causas apontadas desta redução são a falta de crédito e a dificuldade em obter o licenciamento ambiental para exploração das terras baixas. No estado o plantio é realizado de forma bastante escalonada e a fase da cultura predominante no momento é a de desenvolvimento vegetativo. No entanto, algumas áreas encontram-se em floração e frutificação. Até o momento as lavouras encontram-se em boas condições de desenvolvimento e a incidência de pragas e doenças são consideradas normais e sob controle, sem registro de danos severos.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Arroz

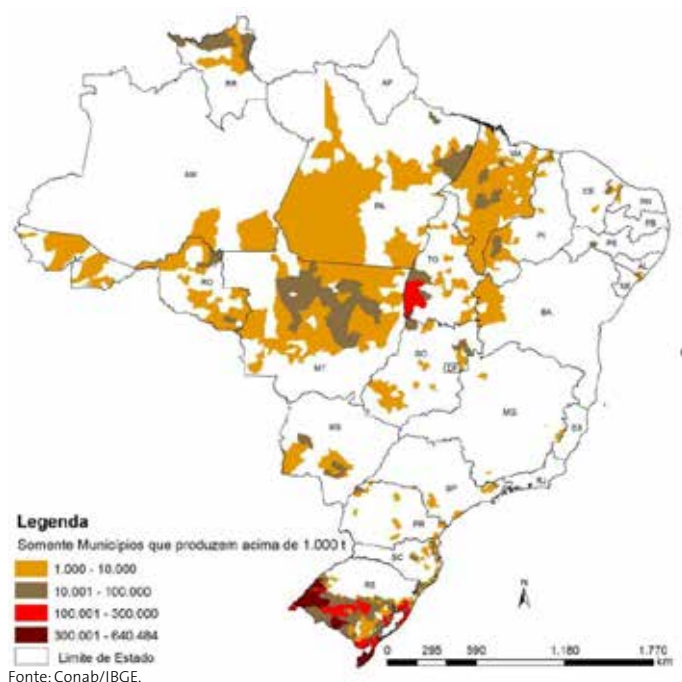


Figura 19 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

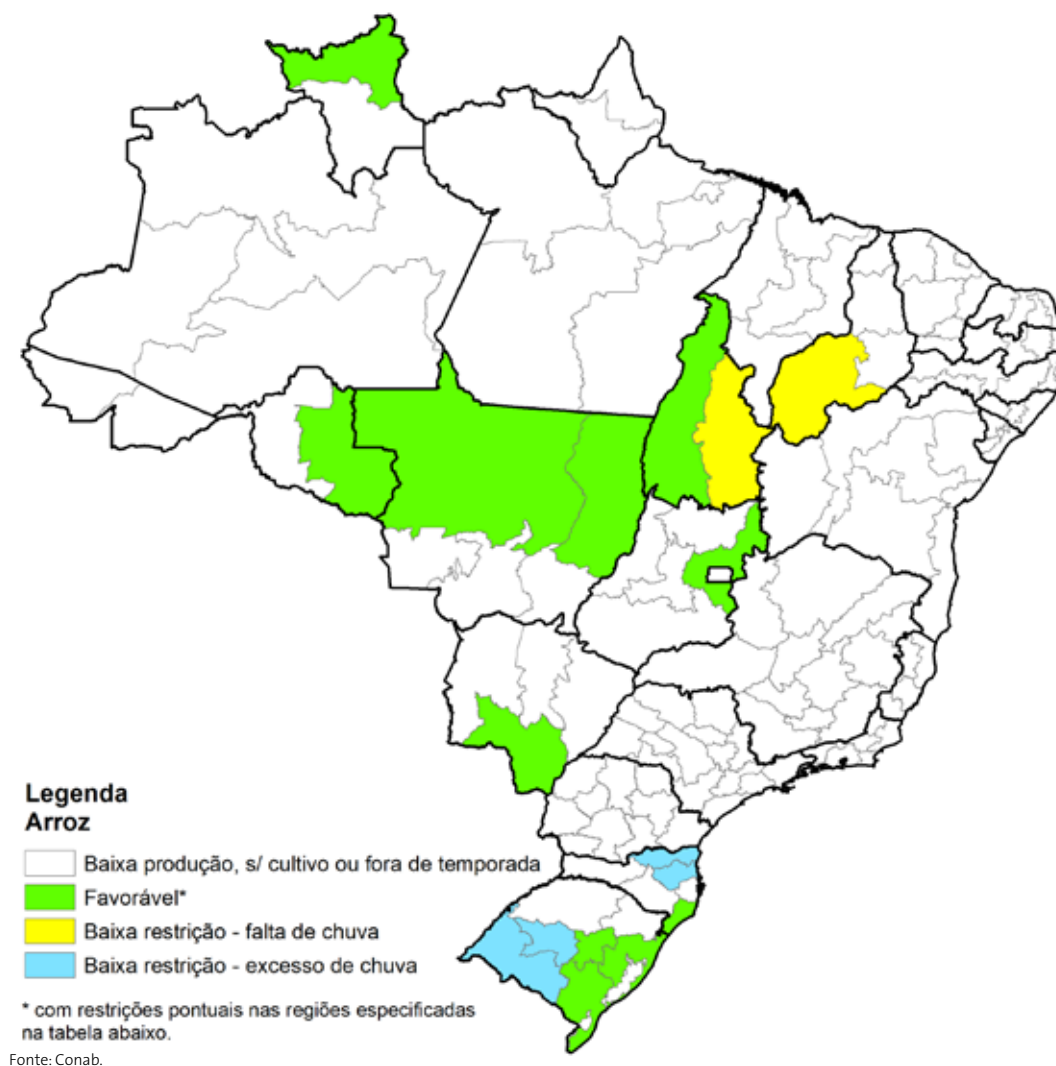


Tabela 26 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (G) - norte de RR - irrigado (DV) - oeste do TO - irrigado (DV) - sul de SC (DV), exceto regiões pontuais - leste do RS (G/DV), exceto regiões pontuais - norte do MT (G/DV), exceto regiões pontuais - sudoeste do MS (DV), exceto regiões pontuais - leste de GO (G/DV), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - oeste do RS (G/DV) - regiões pontuais do leste do RS (G/DV)** - nordeste de SC - irrigado (DV) - regiões pontuais do sul de SC (DV)** - regiões pontuais do sudoeste do MS (G/DV)** 		<ul style="list-style-type: none"> - regiões pontuais do leste de GO (G/DV)** - regiões pontuais do norte do MT (G/DV)** - leste do TO (G) - sudoeste do PI (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..



Tabela 27 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 28 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	252,6	(3,5)	3.797	3.854	1,5	993,6	973,5	(2,0)
RR	12,0	9,3	(22,5)	6.500	6.696	3,0	78,0	62,3	(20,1)
RO	44,3	44,2	(0,2)	2.859	2.939	2,8	126,7	129,9	2,5
AC	6,7	6,4	(4,7)	1.143	1.232	7,8	7,7	7,9	2,6
AM	3,4	3,4		2.189	2.210	1,0	7,4	7,5	1,4
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	65,9	-	2.537	2.617	3,2	167,2	172,5	3,2
TO	127,5	121,5	(4,7)	4.745	4.868	2,6	605,0	591,5	(2,2)
NORDESTE	476,6	466,0	(2,2)	1.440	1.606	11,5	686,3	748,2	9,0
MA	349,8	341,1	(2,5)	1.418	1.518	7,1	496,0	517,8	4,4
PI	95,1	97,7	2,7	1.184	1.476	24,7	112,6	144,2	28,1
CE	12,5	12,5	-	1.436	1.782	24,1	18,0	22,3	23,9
RN	0,9	0,9	-	2.590	2.694	4,0	2,3	2,4	4,3
PB	0,9	0,9	-	53	793	1.396,2	-	0,7	-
PE	0,2	0,2	-	4.500	5.292	17,6	0,9	1,1	22,2
AL	2,7	2,7	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	1,9
SE	6,0	6,0	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	16,4
BA	8,5	4,0	(52,9)	812	1.048	29,1	6,9	4,2	(39,1)
CENTRO-OESTE	234,2	211,9	(9,5)	3.582	3.619	1,0	838,9	766,9	(8,6)
MT	188,1	171,2	(9,0)	3.257	3.309	1,6	612,6	566,5	(7,5)
MS	18,1	14,5	(19,9)	6.160	6.322	2,6	111,5	91,7	(17,8)
GO	28,0	26,2	(6,4)	4.100	4.149	1,2	114,8	108,7	(5,3)
SUDESTE	27,4	18,3	(33,2)	2.796	2.990	6,9	76,6	54,7	(28,6)
MG	12,0	7,4	(38,1)	2.100	2.385	13,6	25,2	17,6	(30,2)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.212	33,7	1,2	1,0	(16,7)
SP	14,6	10,3	(29,5)	3.393	3.425	0,9	49,5	35,3	(28,7)
SUL	1.295,2	1.258,2	(2,9)	7.598	7.454	(1,9)	9.840,7	9.378,0	(4,7)
PR	27,2	26,7	(1,8)	5.825	5.863	0,7	158,4	156,5	(1,2)
SC	147,9	147,6	(0,2)	7.150	7.400	3,5	1.057,5	1.092,2	3,3
RS	1.120,1	1.083,9	(3,2)	7.700	7.500	(2,6)	8.624,8	8.129,3	(5,7)
NORTE/NORDESTE	738,3	718,6	(2,7)	2.275	2.396	5,3	1.679,9	1.721,7	2,5
CENTRO-SUL	1.556,8	1.488,4	(4,4)	6.909	6.853	(0,8)	10.756,2	10.199,6	(5,2)
BRASIL	2.295,1	2.207,0	(3,8)	5.419	5.402	(0,3)	12.436,1	11.921,3	(4,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2015.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em outubro de 2015, foram importadas 54 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,9 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 08 de dezembro, não foram disponibilizados os dados referentes a novembro e por esse motivo, outubro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em outubro de 2014, essas aquisições foram de 93,6 mil toneladas, sendo 38,1 mil

provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa expansão, passando de 83,2 mil toneladas em outubro de 2014 para 127 mil toneladas em outubro de 2015.

O fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/15, obteve-se um superavit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise



se do período comercial 2015/16, março a outubro de 2014, observou-se um superávit no montante de 515,3 mil toneladas. Com estes resultados somada a desvalorização do Real e a boa oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2014/15 – a balança comercial do arroz encerre com um superávit de 600 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.250 mil toneladas e as importações em 650 mil toneladas.

Para a safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.448,6 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levantamento

8.1.4. FEIJÃO

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2015/16, este volume da região é quase 53,04% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 45,08% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão primeira safra está estimada para este terceiro levantamento em 1.031,3 mil hectares, o que configura um decréscimo de 2,1% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná, deverá ocorrer um decréscimo na área, variando de 5,8% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 181,6 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já foi finalizado e a cultura encontra-se na maioria, nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e frutificação.

A área prevista para semear feijão primeira safra no Rio Grande do Sul está estimada em 54,3 mil hectares, o que configura um acréscimo de 53% em relação à safra passada, composta pela agricultura familiar e agricultura de subsistência. Encerrada a semeadura, predominam as fases de desenvolvimento vegetativo e floração. A produtividade média desse tipo de safra é de 1.433 kg/ha alavancado pelo cultivo irrigado da

de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do Governo Federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 12 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superávit em relação ao período anterior, resultará em uma redução do estoque de passagem para 716,8 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 5,7% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 11.921,3 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

agricultura empresarial.

No Distrito Federal, nessa primeira safra, também conhecida como safra das águas, manteve-se a mesma área semeada na safra anterior 12.110 hectares. A produtividade média por sua vez está estimada em 2.041 kg/ha ante os 1.949 kg/ha obtidos na safra passada. Configurando tais estimativas e, os elementos climáticos que influenciam na produção como: temperatura, precipitação pluvial e radiação solar, mantenha-se dentro da normalidade, a produção poderá alcançar a casa das 24,7 mil toneladas, 4,7% superior à obtida na safra 2014/15. O zoneamento agrícola do feijão indica que as altas temperaturas têm efeito prejudicial sobre o florescimento e a frutificação do feijoeiro e as temperaturas baixas reduzem a produtividade. O feijoeiro é mais susceptível a deficiência hídrica durante a floração e o estágio inicial de formação de vagens. O período mais crítico se situa entre 15 dias antes da floração e a floração plena. O plantio já foi concluído, predominando o estágio de desenvolvimento vegetativo. O vazio sanitário, que vale durante 20 dias, foi definido na Instituição Normativa nº 15, publicada em junho do ano passado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As medidas quebram o ciclo de desenvolvimento de doenças na lavoura e beneficia os produtores com o aumento da produtividade, a redução do uso de fungicidas, inseticidas e de custos.

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 11% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar em 141,6 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja,



a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. Com o atraso no início do período chuvoso estima-se que cerca de 60% da área foi plantada. O plantio se intensificou no final de novembro e se estenderá até meados de dezembro. Mesmo estimando-se uma produtividade média de 1.154 kg/ha, superior em 11,7% à obtida na safra passada, a produção deverá sofrer uma redução de 0,6%, ficando em 163,4 mil toneladas.

Em Santa Catarina deverá ocorrer uma redução na área de 12,7%, com o cultivo de 46 mil hectares, com aproximadamente 95% da área plantada. As condições das lavouras de feijão primeira safra está variando entre boas e regulares, dependendo do estágio da cultura, o qual sofreu com as constantes chuvas e oscilações de temperatura nos últimos dias. Excesso de chuva, dias nublados e temperaturas amenas desfavorecem a implantação e desenvolvimento das lavouras em boa parte das regiões produtoras, marcadas por plantas menos desenvolvidas devido às instabilidades climáticas. Algumas lavouras necessitaram ser replantadas devido ao alto volume de chuva, a qual ocorreu logo após o plantio, inviabilizando sementes e plântulas. A maior parte das lavouras está no estágio vegetativo, seguido de florescimento e granação, mas ainda há uma parte a ser semeada em dezembro, principalmente no Planalto Serrano e Meio Oeste, onde predomina o feijão carioca. Com certa redução na intenção de plantio e possibilidade de menor rendimento devido ao clima, as cerealistas que têm contrato com o comércio atacadista e varejista já mostram sinais de melhoria dos preços a serem pagos ao produtor para fomentar a produção. Os preços estão estáveis na maioria das praças, mas já se nota uma variação positiva para algumas classes, como o feijão carioca, cujos preços dependem muito da qualidade, principalmente em relação à cor do tegumento.

Em Mato Grosso o levantamento apontou para uma redução de 23% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 8,3 mil hectares. Embora os preços ainda permaneçam atrativos, os produtores, a princípio, devem optar por outras culturas, como milho e soja, em razão do mercado favorável e do menor risco climático. Estimando-se uma produtividade média de 1.630 kg/ha, 3,8% superior à safra passada, a produção deve ficar em 13,5 mil toneladas. O plantio iniciou-se em novembro e deverá terminar até final de dezembro.

Em Goiás há manutenção na área do feijão primeira safra, com o cultivo de 51,3 mil hectares. Produtores optaram em aumentar a área de soja em função do dólar alto e com melhores perspectivas de remuneração em relação à cultura do feijão. Além disso, o alto

custo de produção da cultura associado aos problemas de ataques de pragas e doenças têm onerado muito o produtor.

Na Bahia, principal produtor do Nordeste, a estimativa é de manutenção de área, com o cultivo de 234,6 mil hectares. Nas regiões com aumento de área, diferente da safra passada, quando o preço do feijão ficou abaixo do preço mínimo estabelecido pela Conab, o preço este ano se manteve rentável para o produtor, com fatores influentes no momento da tomada de decisão para o plantio. Estima-se o cultivo do feijão macaçar primeira safra em 160 mil hectares colher 73,8 mil toneladas, com maior expressão na região de Caetitê, atingido 60 mil hectares e uma expectativa de colher 12,6 mil toneladas. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio. Já para o feijão cores primeira safra, nas regiões produtoras do estado (Oeste, Sudoeste e Irecê), estima-se que seja cultivado o total de 74,3 mil hectares. Em Irecê serão cultivados cerca de 27 mil hectares e espera-se uma produção de 16 mil toneladas. No entanto, as maiores produtividades são obtidas em Barreiras, cerca de 800 kg/ha. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio.

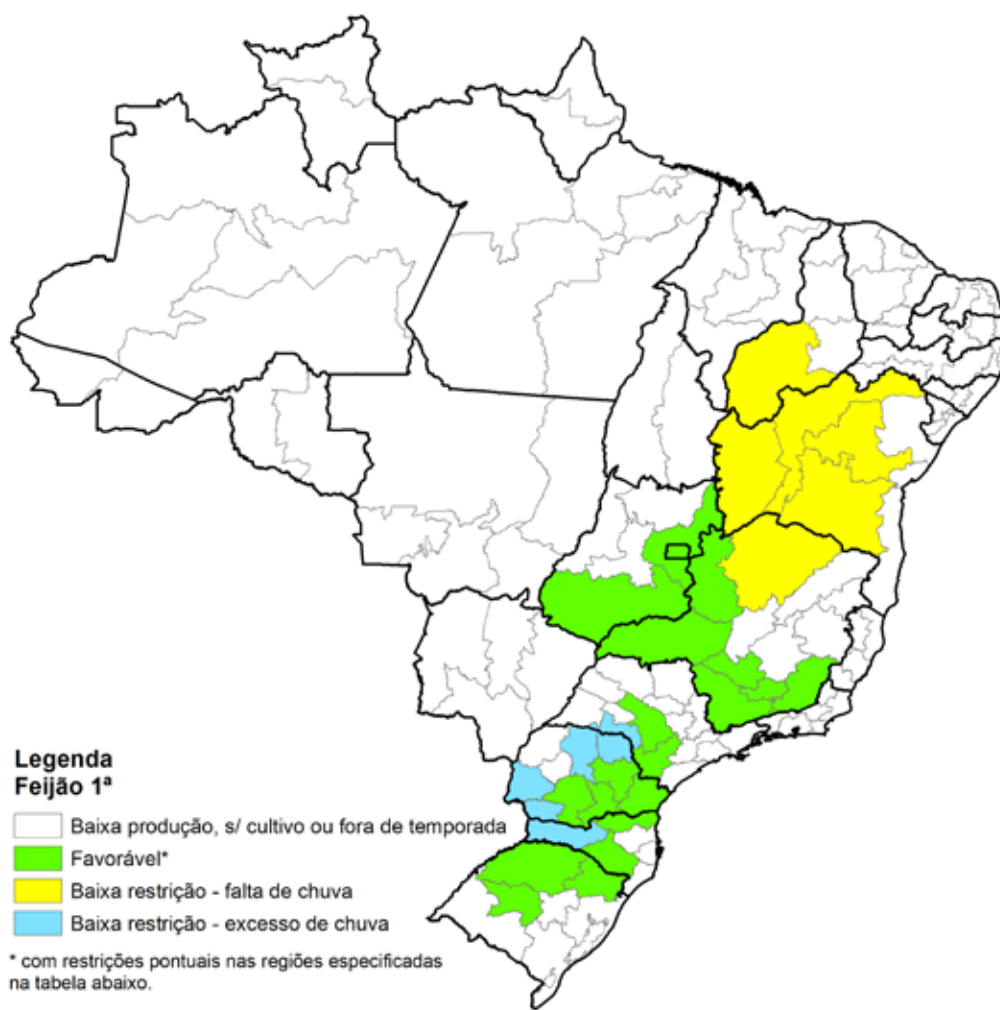
Em São Paulo o governo federal, objetivando incentivar o plantio desta importante cultura na alimentação do brasileiro, elevou em 28,1% o preço mínimo para o feijão e o fixou em R\$ 95,00 a saca de 60 kg. Desta forma, o produtor sinaliza com aumento na área plantada em 5,5%, com o cultivo de 44,6 mil hectares. Esse incentivo foi bom, pois no estado paulista, quase todo o feijão é produzido na região Sudoeste.

Com relação ao rendimento médio para esta terceira estimativa a metodologia aplicada é a análise estatística da série histórica das safras anteriores onde não finalizou o plantio, nos demais os dados são apurados em campo. Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1.167,1 mil toneladas, representando um acréscimo de 3,1% em relação à safra passada. A área a ser plantada, bem como sua produção, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra, dependendo da região, normalmente ocorre até meados de dezembro.

Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.



Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 29 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - Triângulo, noroeste, sul e leste de MG (G/DV), exceto regiões pontuais no noroeste e leste - centro e sudeste de SP (FR), exceto regiões pontuais - leste, centro sul e sudeste do PR (FR), exceto regiões pontuais - norte e sul de SC (G/DV/F), exceto regiões pontuais - norte e centro-oeste do RS (G/DV/F), exceto regiões pontuais 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste de SP (FR) - regiões pontuais do centro e sudeste de SP (FR)** - oeste de SC (G/DV/F) - regiões pontuais do norte e sul de SC (G/DV/F)** - norte, oeste e sudoeste do PR (FR) - regiões pontuais do leste, centro sul e sudeste do PR (FR)** - regiões pontuais do norte e centro-oeste do RS (P/DV/F)** 		<ul style="list-style-type: none"> - norte de MG (G/DV) - regiões pontuais do noroeste e leste de MG (G/DV)** - sudoeste do PI (G) - todo estado da BA (G)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.



Tabela 30 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C						P	P
SC	P	P	C	C	C	C	C					P
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
 Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

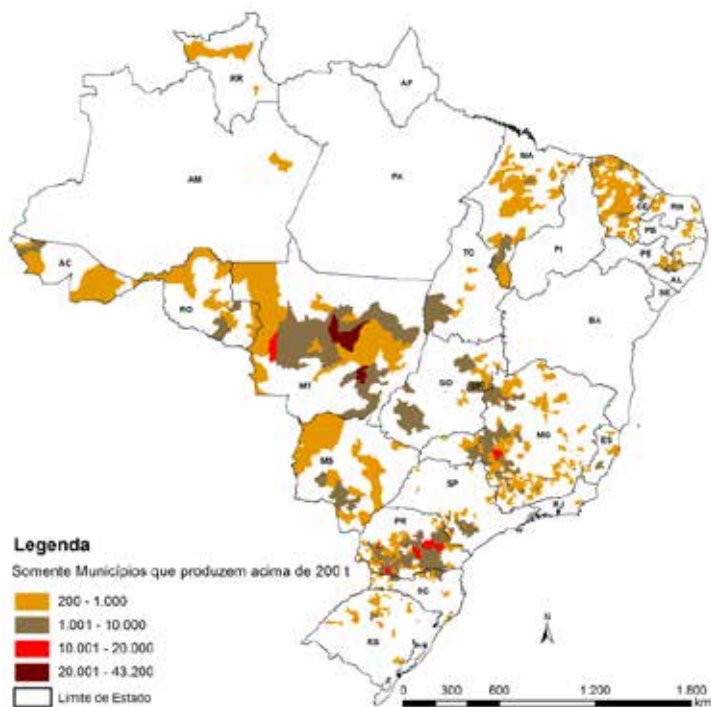
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	3,6	(25,0)	707	657	(7,1)	3,4	2,4	(29,4)
TO	4,8	3,6	(24,3)	707	657	(7,1)	3,4	2,4	(29,4)
NORDESTE	484,5	480,6	(0,8)	460	420	(8,8)	223,1	201,8	(9,5)
MA	38,6	36,4	(5,8)	464	392	(15,5)	17,9	14,3	(20,1)
PI	211,3	209,6	(0,8)	356	305	(14,3)	75,2	63,9	(15,0)
BA	234,6	234,6	-	554	527	(4,9)	130,0	123,6	(4,9)
CENTRO-OESTE	74,9	72,4	(3,3)	1.997	2.213	10,8	149,6	160,2	7,1
MT	10,8	8,3	(23,0)	1.570	1.630	3,8	17,0	13,5	(20,6)
MS	0,7	0,7	-	2.000	1.887	(5,7)	1,4	1,3	(7,1)
GO	51,3	51,3	-	2.098	2.353	12,2	107,6	120,7	12,2
DF	12,1	12,1	-	1.949	2.041	4,7	23,6	24,7	4,7
SUDESTE	208,1	192,8	(7,4)	1.286	1.477	14,8	267,7	284,8	6,4
MG	159,1	141,6	(11,0)	1.033	1.154	11,7	164,4	163,4	(0,6)
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,4	(42,9)	917	848	(7,5)	0,6	0,3	(50,0)
SP	42,3	44,6	5,5	2.331	2.609	11,9	98,6	116,4	18,1
SUL	280,9	281,9	0,4	1.737	1.837	5,8	487,8	517,9	6,2
PR	192,7	181,6	(5,8)	1.707	1.849	8,3	328,9	335,8	2,1
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	2.267	16,3	102,8	104,3	1,5
RS	35,5	54,3	53,0	1.580	1.433	(9,3)	56,1	77,8	38,7
NORTE/NORDESTE	489,3	484,2	(1,0)	463	422	(8,9)	226,5	204,2	(9,8)
CENTRO-SUL	563,9	547,1	(3,0)	1.605	1.760	9,7	905,1	962,9	6,4
BRASIL	1.053,2	1.031,3	(2,1)	1.074	1.132	5,3	1.131,6	1.167,1	3,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 32 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P		C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	52,4	-	762	803	5,4	40,0	42,1	5,3
RR	2,7	2,7	-	667	745	11,7	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	22,0	-	722	748	3,6	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	582	552	(5,2)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.027	1.126	9,6	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	902	915	1,4	1,2	1,2	-
TO	13,4	13,4	-	825	901	9,2	11,1	12,1	9,0
NORDESTE	657,3	657,3	-	318	308	(3,2)	209,2	202,7	(3,1)
MA	55,0	55,0	-	549	577	5,1	30,2	31,7	5,0
PI	3,1	3,1	-	756	653	(13,6)	2,3	2,0	(13,0)
CE	393,8	393,8	-	309	279	(9,7)	121,7	109,9	(9,7)
RN	31,6	31,6	-	333	347	4,2	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	277	288	4,0	16,2	16,9	4,3
PE	115,2	115,2	-	246	271	10,2	28,3	31,2	10,2
CENTRO-OESTE	229,3	229,3	-	1.406	1.623	15,4	322,4	372,0	15,4
MT	199,2	199,2	-	1.358	1.589	17,0	270,5	316,5	17,0
MS	16,0	16,0	-	1.600	1.690	5,6	25,6	27,0	5,5
GO	13,2	13,2	-	1.857	2.004	7,9	24,5	26,5	8,2
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.269	13,5	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	130,9	130,9	-	1.347	1.533	13,8	176,4	200,7	13,8
MG	105,9	105,9	-	1.355	1.496	10,4	143,5	158,4	10,4
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	968	1,8	1,0	1,0	-
SP	15,6	15,6	-	1.606	2.042	27,1	25,1	31,9	27,1
SUL	248,6	248,6	-	1.485	1.826	23,0	369,1	454,1	23,0
PR	208,1	208,1	-	1.475	1.841	24,8	306,9	383,1	24,8
SC	20,2	20,2	-	1.450	1.800	24,1	29,3	36,4	24,2
RS	20,3	20,3	-	1.622	1.703	5,0	32,9	34,6	5,2
NORTE/NORDESTE	709,7	709,7	-	351	345	(1,8)	249,2	244,8	(1,8)
CENTRO-SUL	608,8	608,8	-	1.426	1.687	18,3	867,9	1.026,8	18,3
BRASIL	1.318,5	1.318,5	-	847	964	13,8	1.117,1	1.271,6	13,8

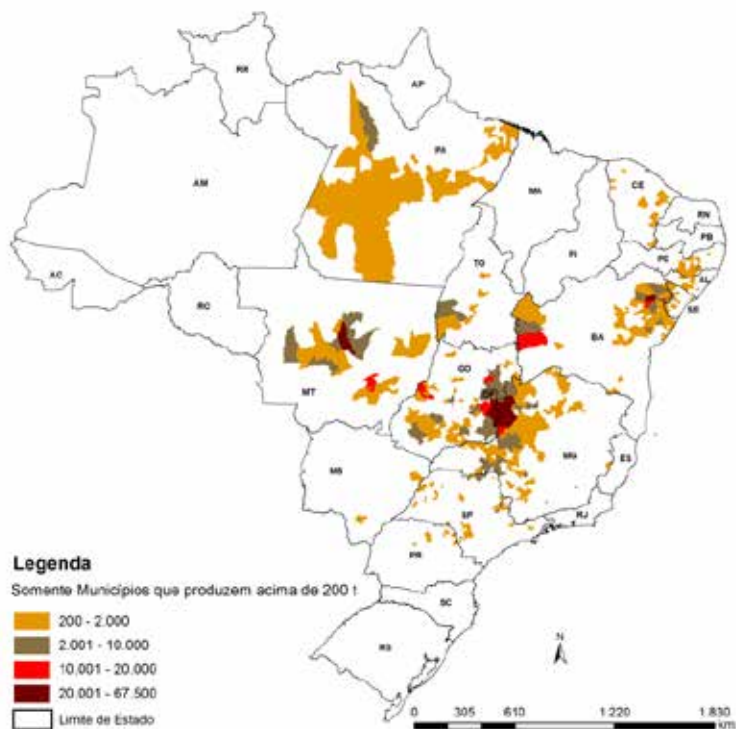
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.



8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 34 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

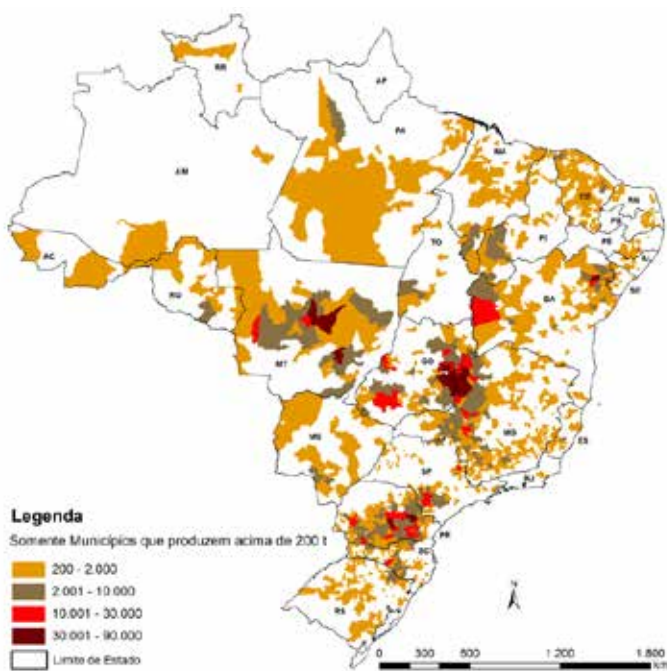
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	839	3,8	25,0	25,9	3,6
PA	28,0	28,0	-	760	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.568	22,4	3,7	4,5	21,6
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	667	2,1	276,8	282,6	2,1
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	122,1	-	467	536	14,8	57,0	65,4	14,7
AL	47,0	47,0	-	458	546	19,2	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	736	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	212,6	212,6	-	771	735	(4,7)	163,9	156,3	(4,6)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.543	(4,8)	312,4	297,3	(4,8)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.352	(8,3)	197,1	180,6	(8,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.886	0,6	104,7	105,3	0,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.362	6,4	10,1	10,8	6,9
SUDESTE	103,1	103,1	-	2.368	2.592	9,5	244,2	267,3	9,5
MG	85,0	85,0	-	2.370	2.640	11,4	201,5	224,4	11,4
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.369	0,4	42,7	42,9	0,5
SUL	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	679	2,2	301,8	308,5	2,2
CENTRO-SUL	224,9	224,9	-	2.497	2.531	1,4	561,6	569,3	1,4
BRASIL	679,3	679,3	-	1.271	1.292	1,7	863,4	877,8	1,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	86,9	(1,4)	775	810	4,4	68,4	70,4	2,9
RR	2,7	2,7	-	667	741	11,1	1,8	2,0	11,1
RO	22,0	22,0	-	723	750	3,8	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	587	547	(6,8)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.018	1.127	10,7	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	21,1	19,9	(5,7)	863	955	10,7	18,2	19,0	4,4
NORDESTE	1.565,3	1.561,4	(0,2)	453	440	(2,9)	709,2	687,3	(3,1)
MA	93,6	91,4	(2,4)	514	503	(2,1)	48,1	46,0	(4,4)
PI	214,4	212,7	(0,8)	362	310	(14,3)	77,6	66,0	(14,9)
CE	404,1	404,1	-	328	302	(8,0)	132,5	121,9	(8,0)
RN	31,6	31,6	-	332	348	4,8	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	276	288	4,3	16,2	16,9	4,3
PE	237,3	237,3	-	360	408	13,2	85,4	96,7	13,2
AL	47,0	47,0	-	457	547	19,5	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	737	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	447,2	447,2	-	657	626	(4,8)	293,9	279,9	(4,8)
CENTRO-OESTE	421,1	418,6	(0,6)	1.863	1.982	6,4	784,3	829,6	5,8
MT	286,8	284,3	(0,9)	1.689	1.796	6,3	484,5	510,7	5,4
MS	17,1	17,1	-	1.608	1.690	5,1	27,5	28,9	5,1
GO	101,0	101,0	-	2.345	2.500	6,6	236,8	252,5	6,6
DF	16,2	16,2	-	2.191	2.315	5,6	35,5	37,5	5,6
SUDESTE	442,1	426,8	(3,5)	1.557	1.764	13,3	688,3	752,7	9,4
MG	350,0	332,5	(5,0)	1.455	1.643	12,9	509,3	546,2	7,2
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,4	(17,6)	941	929	(1,3)	1,6	1,3	(18,8)
SP	76,0	78,3	3,0	2.189	2.441	11,5	166,4	191,1	14,8
SUL	534,4	535,4	0,2	1.613	1.824	13,1	862,0	976,5	13,3
PR	405,7	394,6	(2,7)	1.580	1.834	16,1	640,9	723,5	12,9
SC	72,9	66,2	(9,2)	1.812	2.124	17,2	132,1	140,6	6,4
RS	55,8	74,6	33,7	1.595	1.507	(5,5)	89,0	112,4	26,3
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.648,3	(0,3)	470	460	(2,3)	777,6	757,7	(2,6)
CENTRO-SUL	1.397,6	1.380,8	(1,2)	1.670	1.853	10,9	2.334,6	2.558,8	9,6
BRASIL	3.051,0	3.029,1	(0,7)	1.020	1.095	7,3	3.112,2	3.316,5	6,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.



8.1.5. GIRASSOL

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Tabela 37– Calendário de plantio e colheita – Girassol

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

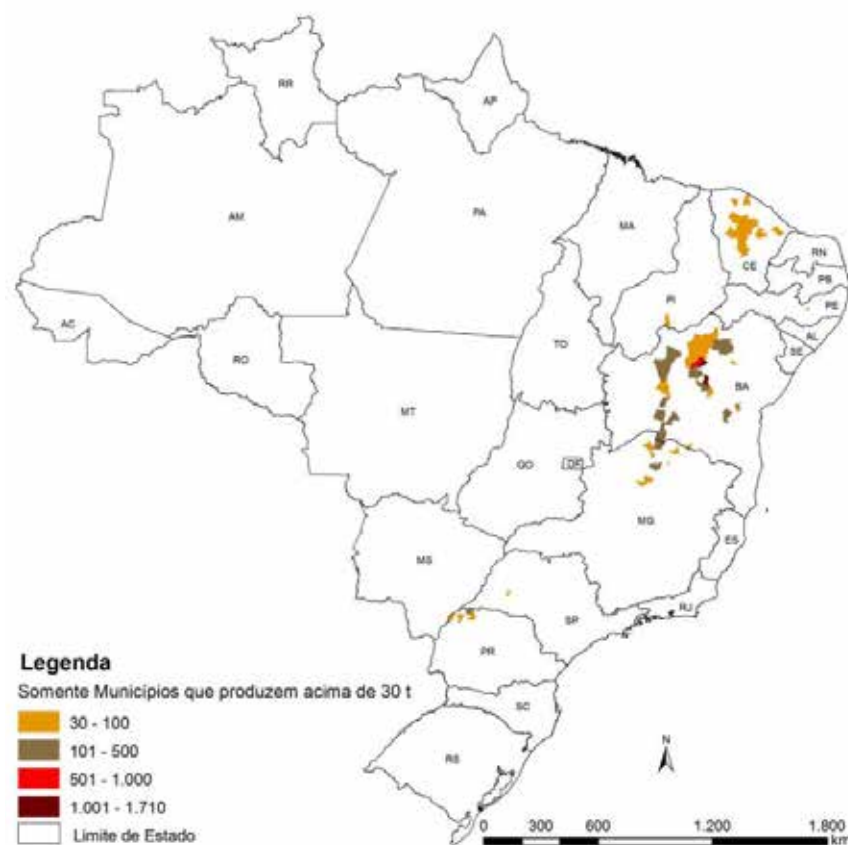
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	94,2	-	1.352	1.610	19,1	127,4	151,7	19,1
MT	86,4	86,4	-	1.348	1.608	19,3	116,5	138,9	19,2
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	-
GO	7,4	7,4	-	1.386	1.644	18,6	10,3	12,2	18,4
SUDESTE	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
MG	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
SUL	3,3	3,3	-	1.617	2.100	29,9	5,3	6,9	30,2
RS	3,3	3,3	-	1.617	2.100	29,9	5,3	6,9	30,2
CENTRO-SUL	111,5	111,5	-	1.374	1.613	17,4	153,2	179,8	17,4
BRASIL	111,5	111,5	-	1.374	1.613	17,4	153,2	179,8	17,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.6. MAMONA

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 39– Calendário de plantio e colheita – Mamona

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P				C	C	C	C		
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: p - plantio; c - colheita; p/c - plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	127,6	56,9	576	729	26,6	46,8	93,0	98,7
PI	0,6	0,6	-	506	497	(1,8)	0,3	0,3	-
CE	9,0	9,0	-	156	166	6,4	1,4	1,5	7,1
PE	1,6	1,6	-	142	244	71,8	0,2	0,4	100,0
BA	70,1	116,4	66,0	640	780	21,9	44,9	90,8	102,2
SUDESTE	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
MG	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
NORTE/NORDESTE	81,3	127,6	56,9	576	729	26,6	46,8	93,0	98,7
CENTRO-SUL	0,8	0,8	-	306	679	121,9	0,2	0,5	150,0
BRASIL	82,1	128,4	56,4	573	728	27,1	47,0	93,5	98,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Para a lavoura de milho de primeira safra prevalece a tendência observada nos últimos anos, de recuo na intenção de plantio desta cultura, que deve continuar perdendo espaço para a soja. Os motivos para tal redução são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e maior risco de produção são os mais citados. Por outro lado, a melhoria dos preços do grão nas últimas semanas pode influenciar alguns produtores que ainda não tomaram a decisão de investir na cultura. Um quadro que deverá merecer um melhor monitoramento por parte da Conab relaciona-se ao incremento observado nos últimos anos, ligado ao grande

número de confinamentos bovinos, particularmente nas regiões Centro-Oeste e Sul do país, que estão demandando mais áreas do cereal para a produção de silagem.

Na região Sul a área semeada com milho de primeira safra deverá apresentar redução de 9,6%, atingindo nessa safra 1.713 mil hectares. No Rio Grande do Sul a safra 2015/16 sofreu nova redução, saindo de 941 mil hectares no ano passado, para 900 mil hectares nesse exercício. Isto se deve, principalmente, ao alto custo de produção, a concorrência com o milho produzido



no Paraná e no Mato Grosso, às áreas perdidas para soja, dentre outros. Além disso, na elaboração das estatísticas, já está ocorrendo a segregação das áreas semeadas destinadas à produção de silagem e para a produção de grãos. Não bastasse a redução de área, a lavoura de milho já semeada sofreu perdas consideráveis devido à ocorrência de geadas que dizimaram várias lavouras no noroeste do estado, onde se concentram as maiores áreas cultivadas para produção de grãos. O desenvolvimento da lavoura de milho no pós geadas é bastante satisfatório, auxiliado pelas precipitações constantes, que está favorecendo inclusive as áreas irrigadas devido à economia de energia elétrica. A maior parte está na fase de granação, com excelente performance o que sinaliza boas produtividades.

No Paraná as previsões meteorológicas indicam mais chuvas para as regiões produtoras, trazendo preocupações com relação a eventuais frustrações de safra. A área plantada do milho primeira safra deverá apresentar uma forte redução, cerca de 19,1%, quando cotada com o que aconteceu na safra passada. Vale ressaltar que essas áreas cultivadas com o cereal são formadas por produtores estruturados, que investem em tecnologia e tratos culturais modernos e mesmo com menor rentabilidade se comparado com a soja, não deixam de plantar milho visando unicamente a manutenção da rotação de cultura e preservação da qualidade produtiva de suas terras. Não fossem esses produtores, preocupados com a rotação de cultura e que plantam essa safra independente do preço, a redução da área poderia ser muito mais expressiva ou até nem plantio existir. As cooperativas fazem um trabalho de convencimento junto aos produtores no sentido de plantarem milho atrelando ao fornecimento de insumos. A cooperativa necessita do milho para a sua comercialização e para a produção de ração e assim, negocia com o produtor o plantio mínimo necessário à sua demanda. Mesmo assim, o produtor nesta fase, está preferindo o cultivo da soja.

A produção de milho para silagem vem se igualando e até superando as áreas de grãos nesse período. Existem áreas expressivas onde se concentram muitos produtores de aves e suínos. Nas áreas plantadas com destinação para a colheita dos grãos, caso não ocorra reação do mercado até a maturação da lavoura, estima-se que muitas áreas serão colhidas ainda verdes e destinadas à silagem, ou seja, essa área efetivamente pretendida para a produção de grãos, poderá ser ainda menor. O plantio já se encontra praticamente encerrado nas principais regiões do estado e se espera a partir de agora uma normalização do clima. Uma das características dos produtores que operam com o cereal neste período é a elevada utilização de tecnologia, associada a um bom manejo agrícola e a rotação

das lavouras, alcançando com isso excelentes níveis de produtividades. Os recursos para financiamentos estão sendo considerados normais, recebendo destaque a participação dos bancos que realizam a maior parte dos financiamentos. A relação com as cooperativas geralmente estão afetas às trocas de pacotes tecnológicos por grãos, e o comprometimento do grão com essa alternativa de comercialização futura girava, no momento do levantamento, em torno de 20% no estado.

Em Santa Catarina a cultura do milho encontra-se em fase final de implantação, restando em torno de 4% das lavouras para serem semeadas. A área a ser plantada na safra atual deve sofrer nova redução em relação ao obtido na safra passada de 9,1%. Apesar das instabilidades climáticas dos últimos meses, a condição da cultura é considerada boa, com exceção de áreas mais baixas, suscetíveis ao acúmulo de água, onde as plantas apresentam sinais visíveis do encharcamento do solo (plantas menores, amareladas). Grande parte das lavouras encontra-se no estágio vegetativo inicial, pois houve atraso na semeadura em função das constantes chuvas ocorridas em setembro, outubro e parte de novembro.

Uma parcela das lavouras plantadas em setembro e outubro apresenta-se na fase de pendoamento, particularmente na região oeste. As chuvas frequentes ocorridas nos últimos meses, por um lado, contribuem para manter a umidade do solo e disponibilidade de água para as plantas, mas, por outro, devido a longos períodos de baixa insolação, afetam o bom desenvolvimento das lavouras já implantadas. Em alguns casos há relatos de expectativa de redução de produtividade inicial devido à baixa insolação e ao excesso de chuvas, que podem ter provocado a lixiviação de nutrientes. Caso chuvas intensas venham ocorrer durante a floração, pode haver ainda mais perdas, pois as precipitações tendem a prejudicar a polinização e fecundação da espiga.

Na região Sudeste, segunda produtora nacional do milho de primeira safra, a cultura deverá experimentar redução de 10,6%. Em Minas Gerais, informações preliminares sinalizam uma tendência de redução de 13% na área de plantio de milho na safra de verão, que está estimada em 889,5 mil hectares, em face da expectativa de maior rentabilidade e liquidez da cultura de soja, comparativamente ao milho. É possível que a retração no plantio de milho se mostre ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver mais bem definida. Com base nas informações disponíveis à época do presente levantamento, foi possível estimar uma redução de 4,6% na produção de milho primeira safra, que pode alcançar 5.210,7 mil toneladas. Cabe destacar que os produto-



res mineiros, em especial da região do cerrado, vêm incorporando, em seu planejamento, o cultivo sequencial da safrinha de milho em áreas de cultivo de soja, compensando de certa forma a redução de área do plantio do milho primeira safra, com o incremento na produção do milho de segunda safra.

Em São Paulo a grande produção na safra passada do milho segunda safra promoveu forte redução nos níveis de preços para o cereal. A tendência é de queda na área da safra que ora se inicia, cerca de 4,1% em relação à safra anterior, com uma perspectiva de incremento de área na segunda safra dessa cultura.

Na região Centro-Oeste há uma forte tendência de redução da área de milho, com estimativas de retrocesso estimado em 9,1%. No Mato Grosso o apelo do confinamento de gado deve atenuar a queda na área plantada do cereal que apresenta viés de redução em todas as regiões visitadas. Nas áreas remanescentes o plantio do cereal está atrasado devido aos produtores estarem priorizando o plantio da soja. Em Mato Grosso do Sul confirma-se a tendência de redução da área de milho primeira safra no estado, com estimativas de recuo de 19,5% em relação à safra passada. Essa diminuição da área está ligada a substituição da cultura pela soja, além da alta observada no dólar e o seu impacto no custo de produção que apresentou um acréscimo considerável. O plantio na região centro-sul do estado iniciou em setembro. A região norte, grande produtora de milho verão, os plantios já foram iniciados no entorno do município de Chapadão do Sul.

Em Goiás, a exemplo do que vem sendo observado em safras anteriores, observa-se tendência geral de redução da área plantada com milho primeira safra, cerca de 4,2%, em função principalmente da expectativa do

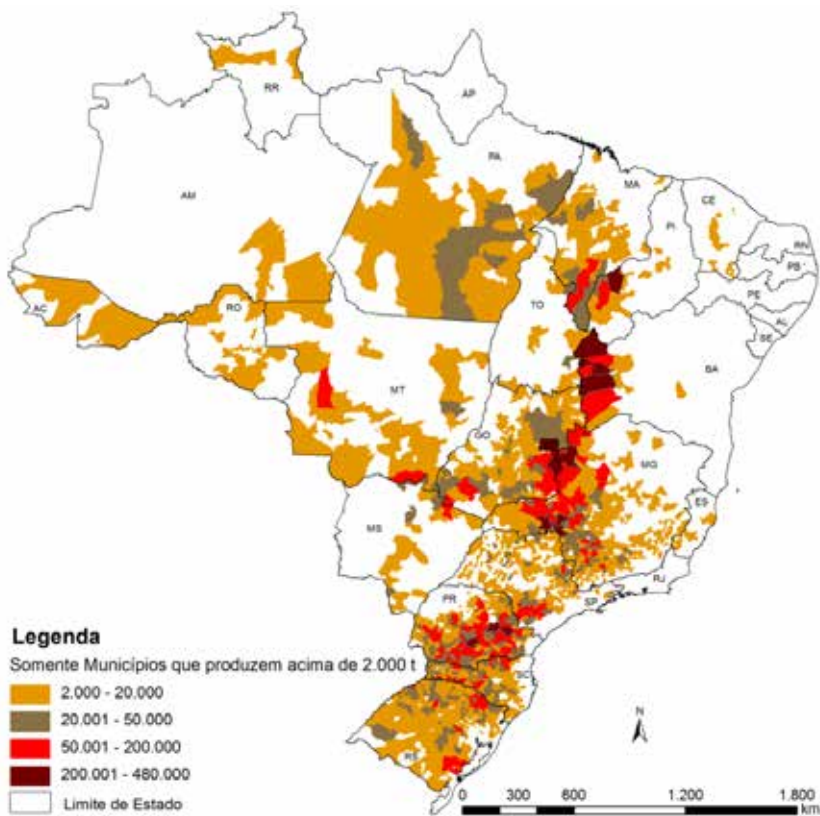
plantio do milho segunda safra e do bom quadro verificado para o mercado da soja. Muitas fontes apresentaram dificuldades em estimar a área a ser cultivada com milho primeira safra este ano. Em grande parte dos municípios pesquisados o plantio ainda não se iniciou.

Na região Norte-Nordeste a redução na área plantada deverá apresentar uma variação de 1,1%, quando comparada com o exercício anterior. Essa redução só não foi maior em virtude da expectativa entre os produtores situados na região do Matopiba, em atender prioritariamente a demanda nordestina, criando um atrativo adicional para o cereal. Apesar das chuvas ocorridas nos últimos dias, as condições ainda são muito desfavoráveis ao plantio. A cultura do milho está apresentando um comportamento desuniforme quanto às intenções de plantio pelas diversas regiões produtoras da Bahia, provavelmente, devido ao perfil dos produtores e aos mercados locais. De forma ampla todo o estado cultivará 488,3 mil hectares de milho, uma redução de 4,6% em relação à safra passada. No Maranhão a expectativa é de que a área plantada não sofra alteração em relação ao ocorrido no ano passado. Mesmo considerando as precárias condições meteorológicas, acredita-se num aumento da área plantada por parte dos grandes e médios produtores, já que a cotação da saca de milho e soja para exportação está atrativa e a previsão é que se mantenha remuneradora para o produtor na safra 2015/16. A precisão de plantio é para dezembro e janeiro, quando já se iniciam as primeiras chuvas de janeiro de 2016.

Dessa forma, a estimativa nacional para o total da área a ser plantada com o milho primeira safra na temporada 2015/16, deverá situar-se no em 5.728,7 mil hectares, representando um decréscimo de 6,7 em relação ao ocorrido na temporada passada.

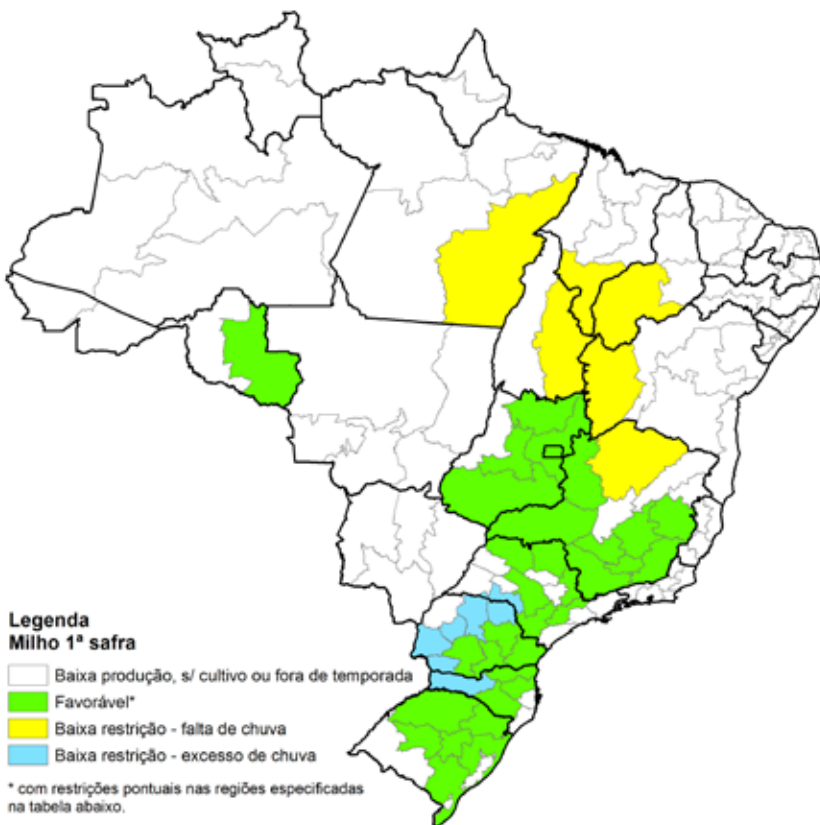


Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 28 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 41 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (G/DV) - sul e Triângulo de MG (DV) - noroeste e leste de MG (G/DV), exceto regiões pontuais - todo estado de SP (DV/F), exceto sudoeste e regiões pontuais no sudeste - leste, centro sul e sudeste do PR (DV/F), exceto regiões pontuais - leste de SC (DV/F), exceto regiões pontuais - todo estado do RS (DV/F), exceto regiões pontuais - sul de GO (G/DV) - norte, centro e leste de GO (G/DV), exceto regiões pontuais - DF (G/DV) 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste de SP (DV/F) - regiões pontuais do sudeste de SP (DV/F)** - norte, oeste e sudoeste do PR (DV/F) - regiões pontuais do leste, centro sul e sudeste do PR (DV/F)** - oeste de SC (DV/F) - regiões pontuais do leste de SC (DV/F)** - regiões pontuais do estado do RS (DV/F)** 	<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PA (G/DV) - leste de TO (G) - sul do MA (G) - sudoeste do PI (G) - oeste da BA (G) - regiões pontuais do noroeste e leste de MG (G/DV)** - norte de MG (G/DV) - regiões pontuais do norte, centro e leste de GO (G/DV)**

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 41 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	C
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	371,2	(5,7)	3.239	3.199	(1,3)	1.275,5	1.187,3	(6,9)
RR	6,2	6,2	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	-
RO	46,0	42,1	(8,4)	2.174	2.129	(2,1)	100,0	89,6	(10,4)
AC	41,3	39,0	(5,5)	2.332	2.389	2,4	96,3	93,2	(3,2)
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	218,7	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	(0,6)
TO	64,3	47,9	(25,5)	4.914	5.099	3,8	316,0	244,2	(22,7)
NORDESTE	2.056,5	2.033,0	(1,1)	2.165	2.099	(3,1)	4.452,9	4.266,5	(4,2)
MA	380,1	380,1	-	2.500	2.606	4,2	950,3	990,5	4,2
PI	380,5	380,5	-	2.495	2.265	(9,2)	949,3	861,8	(9,2)
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
BA	511,8	488,3	(4,6)	4.525	4.163	(8,0)	2.315,9	2.032,8	(12,2)
CENTRO-OESTE	361,6	328,7	(9,1)	6.930	7.534	8,7	2.506,0	2.476,5	(1,2)
MT	63,6	45,2	(29,0)	7.205	7.425	3,1	458,2	335,6	(26,8)
MS	20,5	16,5	(19,5)	8.500	8.759	3,0	174,3	144,5	(17,1)
GO	250,7	240,2	(4,2)	6.690	7.286	8,9	1.677,2	1.750,1	4,3
DF	26,8	26,8	-	7.326	9.192	25,5	196,3	246,3	25,5
SUDESTE	1.435,4	1.282,8	(10,6)	5.436	5.788	6,5	7.802,1	7.425,2	(4,8)
MG	1.022,4	889,5	(13,0)	5.340	5.858	9,7	5.459,6	5.210,7	(4,6)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(22,7)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	392,6	376,5	(4,1)	5.889	5.774	(2,0)	2.312,0	2.173,9	(6,0)
SUL	1.895,0	1.713,0	(9,6)	7.412	7.078	(4,5)	14.045,5	12.125,1	(13,7)
PR	542,5	438,9	(19,1)	8.633	8.673	0,5	4.683,4	3.806,6	(18,7)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.955,4	(7,3)
RS	941,0	900,0	(4,4)	6.560	5.959	(9,2)	6.173,0	5.363,1	(13,1)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.404,2	(1,9)	2.338	2.269	(3,0)	5.728,4	5.453,8	(4,8)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.324,5	(10,0)	6.596	6.626	0,4	24.353,6	22.026,8	(9,6)
BRASIL	6.142,3	5.728,7	(6,7)	4.898	4.797	(2,1)	30.082,0	27.480,6	(8,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

O quadro delineado para o milho da segunda safra, na avaliação anterior, ainda permanece acerca da indefinição sobre a área plantada em função das alternativas que serão definidas a partir do encerramento do plantio da soja. A primeira se refere ao atraso do plantio da soja na Região Centro-Oeste, particularmente no Mato Grosso, maior produtor nacional, e o encurtamento na janela do clima que essa situação poderá provocar, reduzindo a área plantada e/ou aumentando o risco da lavoura para aqueles produtores que

insistirem em plantar o cereal em março. A segunda relaciona-se com o que ocorreu no Paraná, segundo maior produtor nacional do cereal de segunda safra. O estado foi beneficiado por chuvas abundantes no início da atual temporada 2015/16, e em função desse quadro os produtores acreditam poder ganhar aproximadamente 15 dias na janela de plantio do milho, criando expectativas positivas para se alcançar bons níveis de produtividade nesta temporada.



A posição consolidada da área brasileira de milho, reunindo a primeira e segunda safras, deverá atingir nesta temporada, 15.279,3 mil hectares, representan-

do uma redução de 2,6% em relação ao observado na safra passada.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

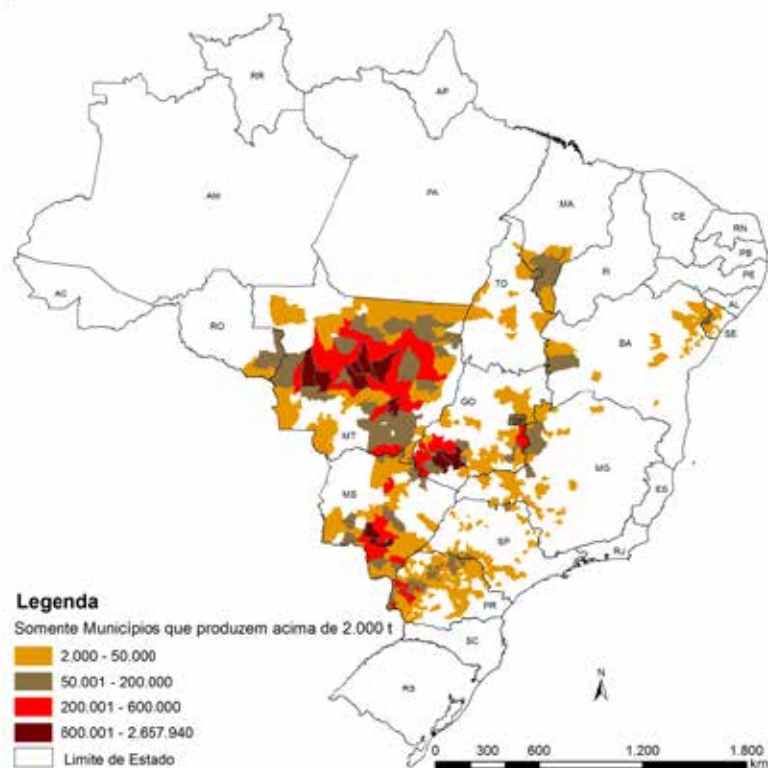


Tabela 43 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



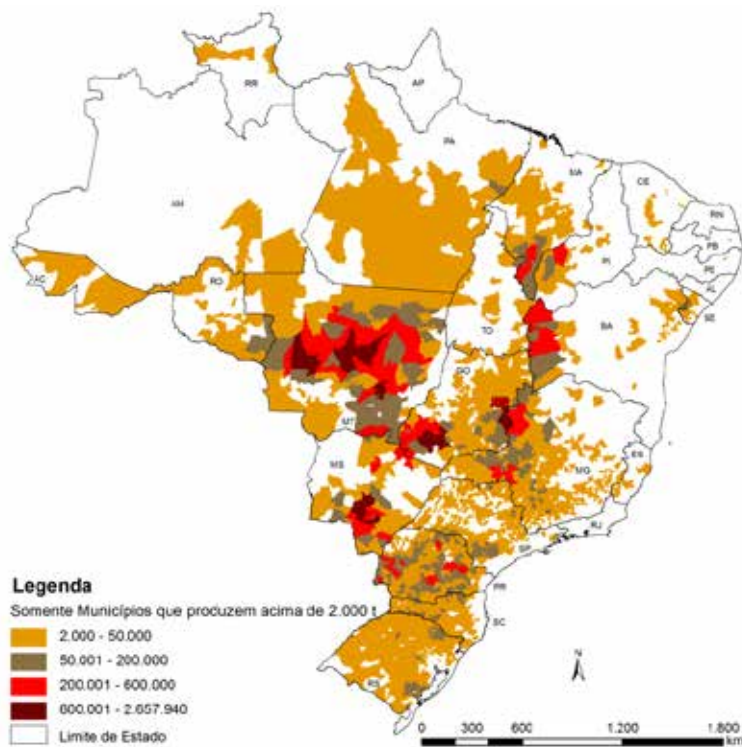
Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	273,5	-	4.700	4.817	2,5	1.285,6	1.317,5	2,5
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.833	4,8	551,3	577,5	4,8
TO	154,0	154,0	-	4.768	4.805	0,8	734,3	740,0	0,8
NORDESTE	618,9	618,9	-	2.893	3.083	6,6	1.790,2	1.908,2	6,6
MA	134,2	134,2	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	6,1
PI	25,9	25,9	-	4.437	4.648	4,8	114,9	120,4	4,8
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	252,5	252,5	-	1.812	1.761	(2,8)	457,5	444,7	(2,8)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.118,6	-	6.060	6.029	(0,5)	37.076,1	36.892,1	(0,5)
MT	3.352,9	3.352,9	-	6.056	5.944	(1,8)	20.305,2	19.929,6	(1,8)
MS	1.615,0	1.615,0	-	5.640	5.614	(0,5)	9.108,6	9.066,6	(0,5)
GO	1.112,3	1.112,3	-	6.578	6.777	3,0	7.316,7	7.538,1	3,0
DF	38,4	38,4	-	9.000	9.317	3,5	345,6	357,8	3,5
SUDESTE	625,3	625,3	-	5.212	5.054	(3,0)	3.259,1	3.160,2	(3,0)
MG	255,2	255,2	-	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.460,0	3,9
SP	370,1	370,1	-	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.700,2	(8,3)
SUL	1.914,3	1.914,3	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	0,9
PR	1.914,3	1.914,3	-	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.284,8	0,9
NORTE/NORDESTE	892,4	892,4	-	3.447	3.615	4,9	3.075,8	3.225,7	4,9
CENTRO-SUL	8.658,2	8.658,2	-	5.950	5.929	(0,3)	51.514,7	51.337,1	(0,3)
BRASIL	9.550,6	9.550,6	-	5.716	5.713	(0,1)	54.590,5	54.562,8	(0,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	644,7	(3,4)	3.838	3.885	1,2	2.561,0	2.504,9	(2,2)
RR	6,2	6,2	-	2.483	2.483	-	15,4	15,4	-
RO	165,5	161,6	(2,4)	3.935	4.129	4,9	651,3	667,2	2,4
AC	41,3	39,0	(5,6)	2.332	2.389	2,4	96,3	93,2	(3,2)
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	218,7	-	3.232	3.213	(0,6)	706,8	702,7	(0,6)
TO	218,3	201,9	(7,5)	4.811	4.875	1,3	1.050,2	984,2	(6,3)
NORDESTE	2.675,4	2.651,9	(0,9)	2.333	2.328	(0,2)	6.243,1	6.174,7	(1,1)
MA	514,3	514,3	-	2.857	2.997	4,9	1.469,2	1.541,3	4,9
PI	406,4	406,4	-	2.619	2.417	(7,7)	1.064,3	982,2	(7,7)
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	764,3	740,8	(3,1)	3.629	3.344	(7,8)	2.773,4	2.477,4	(10,7)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.447,3	(0,5)	6.108	6.106	-	39.582,1	39.368,6	(0,5)
MT	3.416,5	3.398,1	(0,5)	6.077	5.964	(1,9)	20.763,4	20.265,2	(2,4)
MS	1.635,5	1.631,5	(0,2)	5.676	5.646	(0,5)	9.282,9	9.211,1	(0,8)
GO	1.363,0	1.352,5	(0,8)	6.599	6.867	4,1	8.993,9	9.288,2	3,3
DF	65,2	65,2	-	8.312	9.266	11,5	541,9	604,1	11,5
SUDESTE	2.060,7	1.908,1	(7,4)	5.368	5.548	3,4	11.061,2	10.585,5	(4,3)
MG	1.277,6	1.144,7	(10,4)	5.373	5.827	8,5	6.864,5	6.670,7	(2,8)
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	762,7	746,6	(2,1)	5.462	5.189	(5,0)	4.166,2	3.874,2	(7,0)
SUL	3.809,3	3.627,3	(4,8)	6.622	6.454	(2,5)	25.225,0	23.409,9	(7,2)
PR	2.456,8	2.353,2	(4,2)	6.457	6.413	(0,7)	15.862,9	15.091,4	(4,9)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.900	1,9	3.189,1	2.955,4	(7,3)
RS	941,0	900,0	(4,4)	6.560	5.959	(9,2)	6.173,0	5.363,1	(13,1)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.296,6	(1,4)	2.634	2.633	-	8.804,1	8.679,6	(1,4)
CENTRO-SUL	12.350,2	11.982,7	(3,0)	6.143	6.122	(0,3)	75.868,3	73.364,0	(3,3)
BRASIL	15.692,9	15.279,3	(2,6)	5.396	5.370	(0,5)	84.672,4	82.043,6	(3,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

O último relatório de oferta e demanda de milho do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), publicado no início de novembro, trouxe uma novidade importante: redução na expectativa de con-

sumo para a safra 2015/16 e, por conseqüência, aumento do estoque mundial final de 211,9 milhões de toneladas, considerado recorde.



Tabela 46 - Milho - Quadro de oferta e demanda mundial - Novembro/2015 - Em mil t

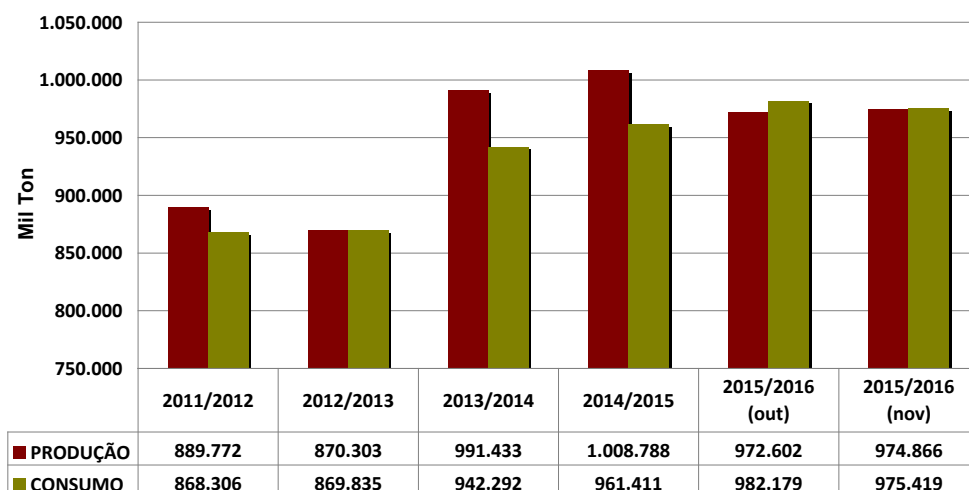
Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Consumo ração	Consumo	Exportação	Estoque final	Estoque consumo
2011/12	123.066	889.772	100.154	507.757	868.306	116.899	127.787	14,7%
2012/13	127.787	870.303	99.772	518.653	869.835	95.124	132.903	15,3%
2013/14	132.903	991.433	123.936	570.343	942.292	131.100	174.880	18,6%
2014/15	174.880	1.008.788	121.697	582.783	961.411	135.748	208.206	21,7%
2015/16(out)	196.026	972.602	123.312	602.486	982.179	121.927	187.834	19,1%
2015/16(nov)	208.206	974.866	123.512	596.171	975.419	119.257	211.908	21,7%

Fonte: USDA.

Neste relatório observa-se que o consumo permanece um pouco acima da produção, mas nada que provoque diminuição da relação estoque/consumo

mundial, gerando uma oferta bastante confortável do produto no cenário internacional.

Gráfico 65 - Comparativo de produção e consumo mundial de milho



Fonte: USDA.

Contudo, deve-se destacar que a queda de produção da União Européia, em função de ocorrência de seca, afeta a dinâmica do mercado, forçando a um aumento das importações e criando oportunidades para os países exportadores.

A China segue com uma boa expectativa de produção, em torno de 225 milhões de toneladas, mantendo um bom estoque e, mais uma vez, não tendo necessidade de aumentar suas importações.

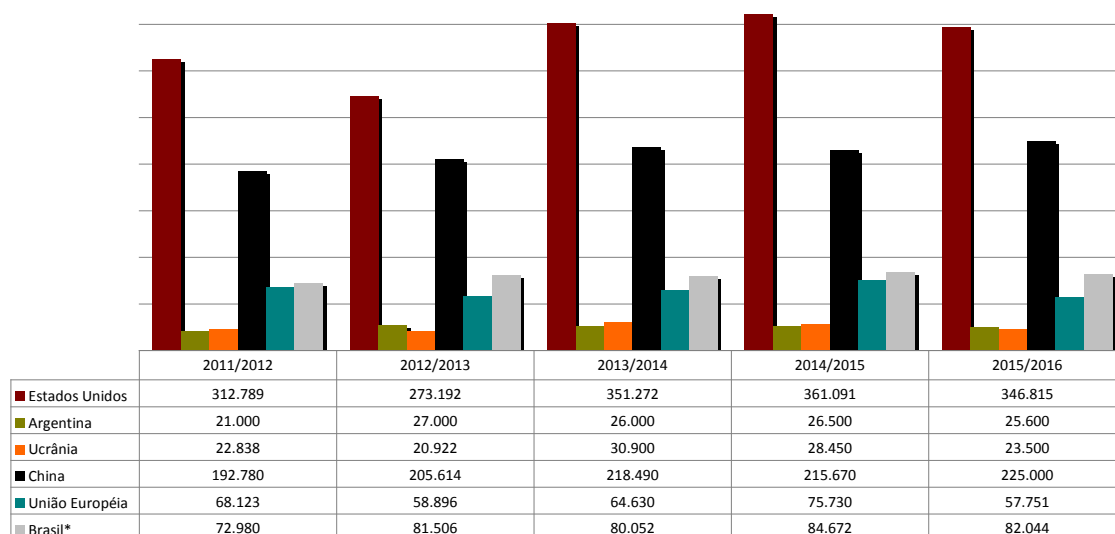
Para os Estados Unidos houve um pequeno reajuste em relação ao relatório de outubro, porém a produção

de 346,8 milhões de toneladas continua bem abaixo do que foi produzido na safra anterior.

O Brasil continua como terceiro maior produtor mundial do grão, com 82 milhões de toneladas previstas para 2015/16 e a Argentina, apesar do Usda estimar 25,6 milhões, os analistas argentinos projetam uma produção menor que, talvez, não ultrapasse os 22 milhões, mesmo com a eleição do candidato de oposição, que prometeu uma política agrícola bem diferente da adotada pela Cristina Kirchner. Espera-se que haja um forte aumento na produção para a safra 2016/17.



Gráfico 66 - Comparativo dos principais produtores mundiais de milho das últimas 05 safras (mil t)

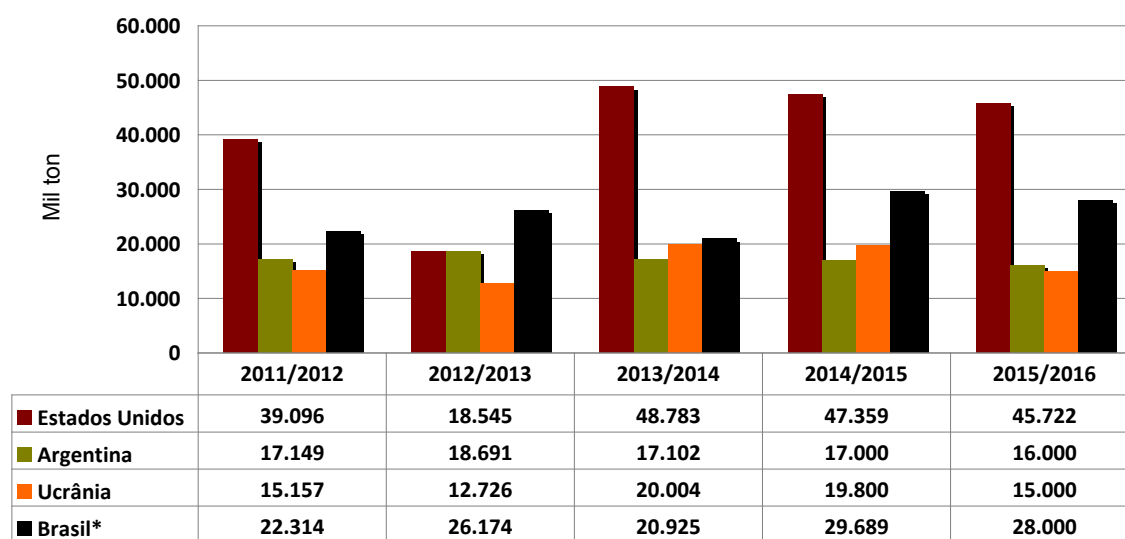


Fonte: USDA.

Em relação às exportações mundiais o Brasil definitivamente vem ocupando a segunda posição, ocupando espaços, inclusive, dos Estados Unidos, o qual passou boa parte do mês com negociações muito abaixo

do normal, para o período, em função da valorização cambial do dólar frente a outras moedas, diminuindo sua competitividade com os países sul americanos.

Gráfico 67 - Principais exportadores de milho do mundo



Fonte: USDA/Conab.

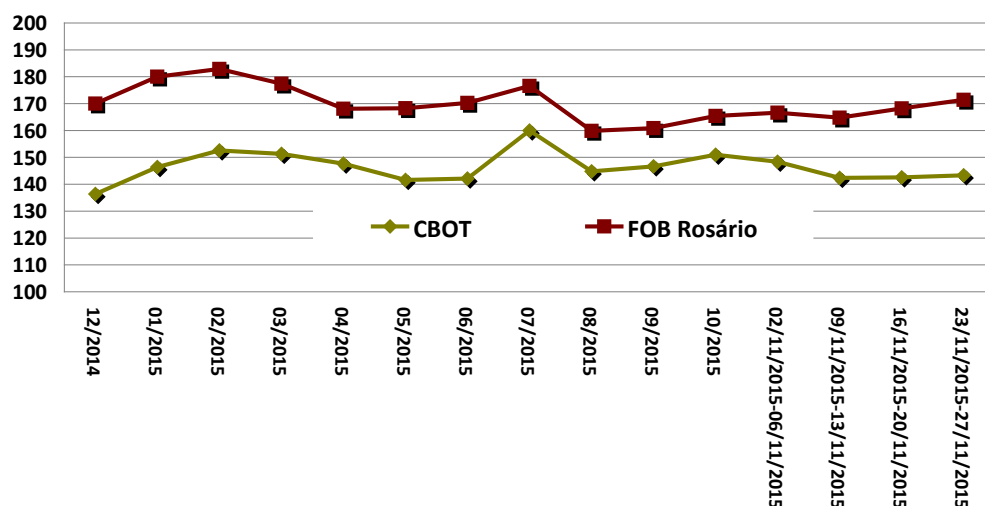
Neste cenário de ampla oferta do grão e exportações norte americanas mais lentas, os preços do milho em Chicago tiveram uma forte desvalorização, rompendo a barreira dos US\$ 3,60/bushel (US\$ 141,72/t) em alguns dias, mas não o suficiente para ficar abaixo deste nível, fechando a média da última semana em US\$

3,64/bushel (US\$ 143,36/t).

Já em Rosário, diante da maior demanda direcionada aos países exportadores da América do Sul, as cotações trabalharam de forma oposta, fechando em US\$ 171,40/t o preço FOB Rosário.



Gráfico 68 - Milho - Preços internacionais médios mensais - 12 meses, em US\$/t



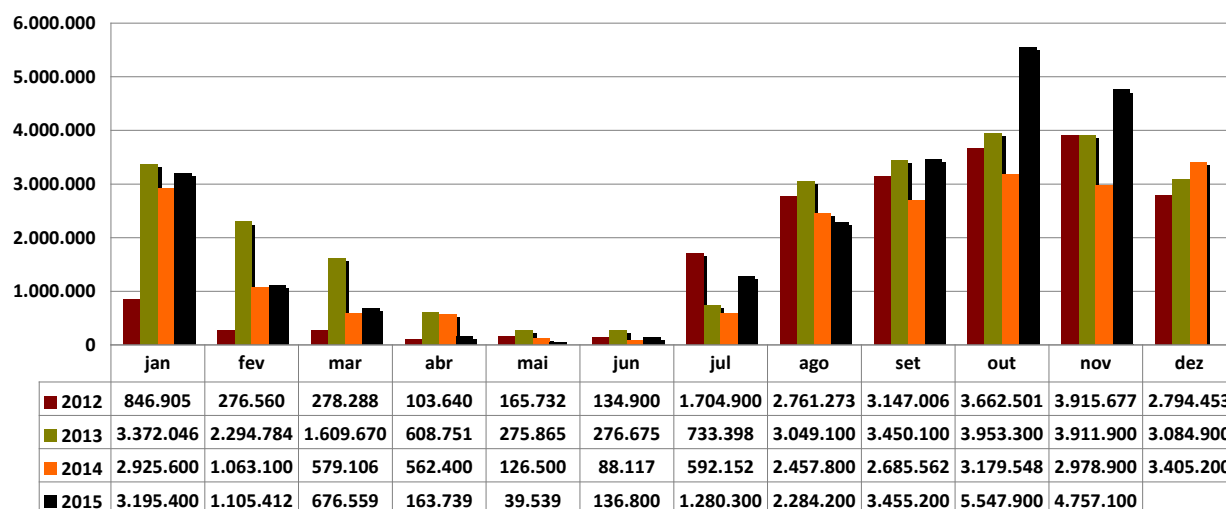
Fonte: Conab.

Mercado nacional

Internamente o ritmo exportador do Brasil continuou aquecido, apesar de novembro ter fechado com um volume menor que outubro. Ainda assim, houve um

recorde de embarques para o mesmo período de anos anteriores, um volume final de 4,75 milhões de toneladas.

Gráfico 69 - Exportações brasileiras de milho - de jan/12 a out/15 - Em t



Fonte: Secex.

Há certa preocupação se este ritmo deve continuar, no sentido de atingir o valor total estimado de exportação pela Conab para a safra 2014/15 de 29,7 milhões de toneladas, visto que ainda haveria uma necessidade de se exportar até 31 de janeiro de 2016 em torno de 10 milhões de toneladas. No entanto, há informações de os line ups para dezembro indicar um volume acima de 3,2 milhões até o dia 20 de dezembro, em um ritmo de mais de 230 mil toneladas/dia útil, podendo assim, atingir o montante estimado.

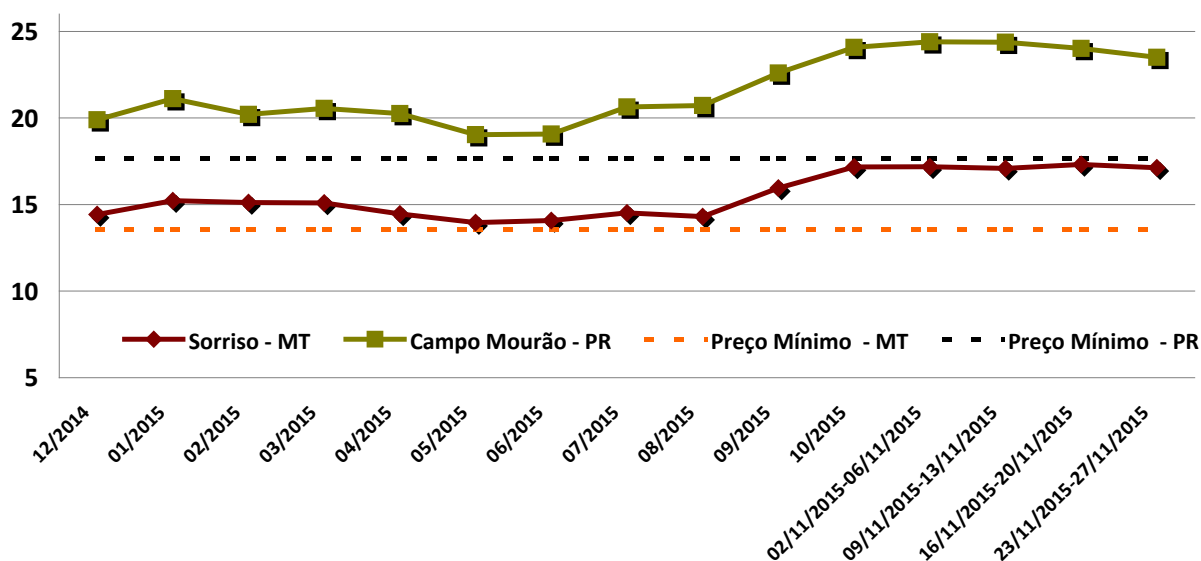
Com boa parte da produção da safra 2014/15 comercia-

lizada com o mercado externo, a demanda doméstica tenta realizar negócios em uma “queda de braços” com os produtores que aproveitam o estoque mais baixo, bem como a tendência de uma primeira safra menor, para especular e garantir melhores cotações.

Desta feita, os preços internos permanecem aquecidos, praticamente constantes, em relação ao final do mês anterior, mesmo com o dólar e os preços de Chicago mais baixos. Em Sorriso os valores ao produtor fecharam novembro acima de R\$ 17,00/60Kg e, em Campo Mourão, por volta de R\$ 23,50/60kg.



Gráfico 70 - Milho - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses - Em R\$/60kg



Fonte: Conab.

8.1.8. SOJA

O terceiro levantamento realizado pela Conab aponta para um incremento nacional na área plantada de 3,4% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Sul deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para 11.291,9 mil hectares, representando um incremento de 2%.

No Rio Grande do Sul persistem as preocupações com relação ao clima, não somente sobre a oleaginosa, mas em todas as culturas, relacionadas a eventos como granizo, ventos fortes seguidos de chuvas intensas. A implantação das culturas de verão foi, por essa razão, prejudicada por eventos climáticos adversos e anormais em relação ao comportamento médio do clima. Na soja a semeadura está ocorrendo com atraso em todas as regiões, embora ainda não haja preocupações quando se analisa o desempenho da lavoura como um todo.

A área cultivada com soja deverá crescer 0,5% em relação ao observado no exercício passado. O aumento acontece sobre áreas anteriormente semeadas com milho, áreas de campo nativo e de pastagens, podendo chegar a 5,3 milhões de hectares. O aumento não será maior por conta da redução da soja cultivada em terras baixas e a previsão de chuvas acima da média prevista para os próximos meses nessas áreas, em face das menores produtividades médias quando comparado com os praticados nas terras altas. A semeadura foi prejudicada devido ao excesso de umidade no solo, mas se estima tenha sido ultrapassado em

80% a área total prevista. Além do excesso de chuvas, outros problemas estão ocorrendo na lavoura, objeto de preocupação dos produtores fruto do replantio por conta de erosões, fortes chuvas sobre lavouras recém-semeadas e ataques de fungos. Afora isso, a lavoura de soja se desenvolve satisfatoriamente estimando-se a crença na manutenção do potencial produtivo integral.

Em Santa Catarina o fenômeno El Niño incidiu em todas as regiões catarinenses, trazendo chuva, vento e granizo nas diversas regiões produtoras. Os maiores volumes de chuvas ocorreram do oeste ao norte de Santa Catarina. Apesar de os volumes de chuva terem diminuído em relação aos meses anteriores, a frequência continua além do normal, o que tem dificultado as operações agrícolas, haja vista que a umidade do solo permanece alta, dificultando a entrada de máquinas para o término do plantio e aplicação de defensivos. Nas culturas de verão, já implantadas, já prejudicam o desenvolvimento das plantas em estágio inicial, pois a falta de luminosidade reduz a fotossíntese, resultando em menor velocidade de crescimento e aproveitamento dos nutrientes presentes nos fertilizantes aplicados na base, alguns dos quais, já lixiviados pelo excesso de chuva após o plantio.

Como boa parte do plantio deverá ainda ser feito em dezembro, estima-se que possam ocorrer mais perdas em produtividade, pois estas lavouras serão plantadas



fora do período ideal, em grande parte das regiões. Técnicos e produtores já contabilizam maior número de aplicações de defensivos para controle das doenças, o que resultará, inevitavelmente, em aumento dos custos de produção.

No Paraná está previsto ocorrer um incremento na área plantada de 3,1% em relação à safra anterior, mesmo considerando a preocupação atual com o excesso de chuvas. Já existe registro de ocorrência de ferrugem e os produtores estão encontrando dificuldades para entrar nas lavouras e aplicar os defensivos devido ao solo molhado em função das fortes chuvas que provocaram enxurradas, danificando curvas de nível e levando o solo juntamente com as plantas. O custo de produção é um outro fator de reclamação dos informantes, citando como exemplo os preços dos fertilizantes que na safra 2014/15 custavam R\$1.200,00/t e na safra 2015/16, R\$1.800,00/t., como também dos defensivos que custavam R\$ 160,00/l e nesta safra R\$ 240,00/l.

Na região Sudeste a área plantada com a oleaginosa continuará apresentando fortes incrementos, estando previsto para o exercício 2015/16, um aumento percentual de 7,4%. Em Minas Gerais, principal produtor regional e responsável nessa temporada por um forte incremento na área plantada – 9,5%, os produtores aproveitaram a melhoria nas condições de umidade no solo e iniciaram o plantio em ritmo acelerado, já alcançando no corrente mês um percentual de plantio bastante expressivo. No entanto, o volume das chuvas e as incertezas em relação aos prognósticos climáticos para os próximos meses ainda preocupam os produtores. O plantio ficou mais concentrado em novembro, viabilizado por chuvas mais abundantes, podendo se estender até dezembro. À semelhança da safra anterior, é possível que haja um incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha.

Em São Paulo a área plantada deverá apresentar um incremento de 4% em relação ao exercício passado. As atuais condições climáticas estão plenamente favoráveis ao bom desenvolvimento das culturas de verão. As chuvas voltaram a ocorrer em todas as regiões produtoras do estado paulista, trazendo expectativas de uma boa produtividade.

A região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, é esperada apresentar um incremento de 2,7% em relação à safra passada. Em Mato Grosso o plantio de soja já alcança aproximadamente 90% da área plantada na maioria dos roteiros estabelecidos para a avaliação (região do Alto Araguaia, Sul, Sudeste, Oeste e Médio Norte e Norte). Com isso espera-se

que os trabalhos de campo terminem ainda em novembro, com algumas áreas sendo finalizadas na primeira semana de dezembro. Atrasos pontuais foram verificados nas regiões do médio e baixo Araguaia que registram apenas 65% e 70% da área plantada, respectivamente. Em alguns municípios foram identificados problemas pela falta de chuvas, ocasionando o replantio.

No Mato Grosso do Sul, o incremento de área deverá atingir 4,5% comparada com o do ano passado. O período chuvoso teve início a partir do mês de setembro, mas não foram observados plantios significativos nesse mês em decorrência da umidade insuficiente no solo e da falta de estabilidade do regime que justificasse o plantio de áreas significativas. Um fator que pode influenciar negativamente na produtividade é a falta de luminosidade, que ocorre em períodos com excesso de chuvas. Além disso, o excesso de umidade no solo provoca crescimento radicular de forma lateral, não explorando o perfil do solo e tornando as plantas muito susceptíveis a veranicos, que por ventura venham ocorrer na fase de enchimento de grãos.

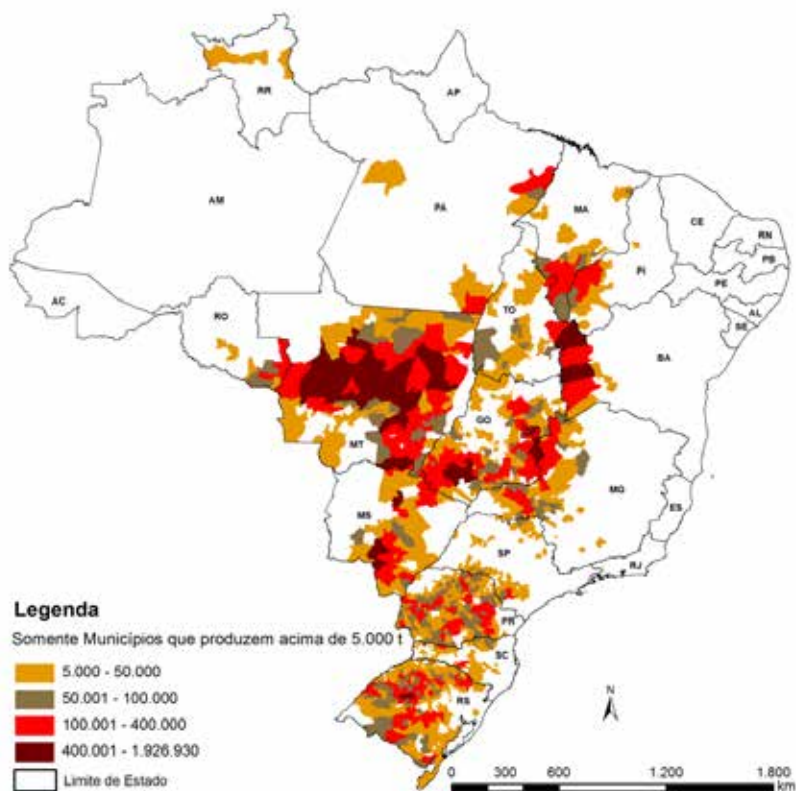
O plantio da safra 2015/16 na região Norte-Nordeste, deverá ser normalizado a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso. No Piauí as chuvas iniciaram na segunda quinzena de novembro, com uma precipitação em algumas áreas acima de 100 mm, sendo suficiente para o início dos plantios. A perspectiva para a Região Norte/Nordeste é de aumento na área plantada em torno de 7,5% já que a soja está sendo beneficiada pelo avanço na cotação do dólar frente ao real, que estimula os produtores a aumentar o percentual de área plantada com o grão ou a abrir novas áreas. Esse cenário também vem estimulando o aumento de negócios no mercado futuro para esta safra, devido aos preços remuneradores que o mercado vem oferecendo.

No Maranhão ocorreram precipitações pluviométricas abaixo do esperado para a região nesta época, variando entre 10 mm e 40 mm. Em função desse quadro, produtores da região estão aguardando um melhor momento, já que alguns replantios já foram observados. O início do plantio da soja está previsto a partir do mês de dezembro, já que os meses de outubro e novembro foram escassos de chuvas. Na Bahia o aumento da área cultivada com soja em detrimento das áreas de milho e de algodão deve-se aos fatores mercadológicos, principalmente pelos preços obtidos no momento da comercialização da produção.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada no Brasil, apresentando um incremento de 3,4%, atingindo o montante de 33,1 milhões de



Figura 31 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 47 – Calendário de plantio e colheita – Soja

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.534,7	6,5	2.987	3.029	1,4	4.304,1	4.647,9	8,0
RR	23,8	45,0	89,0	3.300	3.338	1,2	78,5	150,2	91,3
RO	231,5	245,0	5,8	3.166	3.278	3,5	732,9	803,1	9,6
PA	336,3	336,3	-	3.024	3.104	2,6	1.017,0	1.043,9	2,6
TO	849,6	908,4	6,9	2.914	2.918	0,1	2.475,7	2.650,7	7,1
NORDESTE	2.845,3	3.072,8	8,0	2.841	2.875	1,2	8.084,1	8.833,3	9,3
MA	749,6	765,7	2,2	2.761	2.782	0,8	2.069,6	2.130,2	2,9
PI	673,7	707,1	5,0	2.722	2.886	6,0	1.833,8	2.040,7	11,3
BA	1.422,0	1.600,0	12,5	2.940	2.914	(0,9)	4.180,7	4.662,4	11,5
CENTRO-OESTE	14.616,1	15.015,9	2,7	3.008	3.119	3,7	43.968,6	46.837,7	6,5
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	3.179	1,4	28.018,6	29.056,1	3,7
MS	2.300,5	2.405,0	4,5	3.120	2.969	(4,8)	7.177,6	7.140,4	(0,5)
GO	3.325,0	3.414,8	2,7	2.594	3.064	18,1	8.625,1	10.462,9	21,3
DF	56,1	56,1	-	2.626	3.178	21,0	147,3	178,3	21,0
SUDESTE	2.116,2	2.273,7	7,4	2.775	3.030	9,2	5.873,5	6.889,6	17,3
MG	1.319,4	1.445,0	9,5	2.658	3.056	15,0	3.507,0	4.415,9	25,9
SP	796,8	828,7	4,0	2.970	2.985	0,5	2.366,5	2.473,7	4,5
SUL	11.074,1	11.291,9	2,0	3.071	3.122	1,6	34.012,3	35.250,6	3,6
PR	5.224,8	5.386,8	3,1	3.294	3.416	3,7	17.210,5	18.401,3	6,9
SC	600,1	630,1	5,0	3.200	3.300	3,1	1.920,3	2.079,3	8,3
RS	5.249,2	5.275,0	0,5	2.835	2.800	(1,2)	14.881,5	14.770,0	(0,7)
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.607,5	7,5	2.890	2.926	1,2	12.388,2	13.481,2	8,8
CENTRO-SUL	27.806,4	28.581,5	2,8	3.016	3.113	3,2	83.854,4	88.977,9	6,1
BRASIL	32.092,9	33.189,0	3,4	2.999	3.087	2,9	96.242,6	102.459,1	6,5

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa dezembro/2015..

Figura 32 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..



Tabela 49 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	<ul style="list-style-type: none"> - leste de RO (G/DV) - Triângulo e noroeste de MG, exceto regiões pontuais no noroeste de MG (G/DV) - norte de SP (G/DV) - sudeste do SP, exceto regiões pontuais (G/DV) - leste, centro sul e sudeste do PR (P), exceto regiões pontuais - norte e sul de SC (P), exceto regiões pontuais - todo estado do RS (P), exceto regiões pontuais - todo estado do MS (G/DV), exceto regiões pontuais do centro norte e sudoeste - todo estado do MT (G/DV), exceto regiões pontuais - norte, centro e leste de GO (G/DV), exceto regiões pontuais- sul de GO (G/DV) - DF (G/DV) 	<ul style="list-style-type: none"> - sudoeste de SP (G/DV) - regiões pontuais do sudeste de SP (G/DV)** - norte, oeste e sudoeste do PR (DV/F) - regiões pontuais do leste, centro sul e sudeste do PR (P)** - oeste de SC (P) - regiões pontuais do norte e sul de SC (P)** - regiões pontuais do estado do RS (P)** - regiões pontuais do sudoeste do MS (G/DV)** 		<ul style="list-style-type: none"> - sudeste do PA (G) - todo estado do TO (G) - regiões pontuais do oeste do TO (G)** - sul do MA (G) - sudoeste do PI (G) - oeste da BA (G) - regiões pontuais no noroeste de MG (G/DV)** - regiões pontuais no estado do MT (G/DV)** - regiões pontuais do centro-norte do MS (G/DV)** - regiões pontuais do norte, centro e leste de GO (G/DV)**

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no início de novembro seu quadro de oferta e demanda mundial. Neste relatório estima que a safra norte-americana de soja em grãos deverá ser de 108 milhões de toneladas, e em que pese à redu-

ção do mês anterior, passa a ser, em volume, o maior valor nos Estados Unidos. Assim, os estoques de passagem que já estavam altos, passam a ser, também, os maiores da história daquele país.

Tabela 50 - Produção mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
Estados Unidos	84,29	82,79	91,39	106,88	105,81	108,35
Brasil	66,50	82,00	86,70	96,20	100,00	100,00
Argentina	40,10	49,30	53,50	60,80	57,00	57,00
China	14,49	13,05	12,20	12,35	11,50	11,50
Índia	11,70	12,20	9,50	9,00	11,00	9,50
Paraguai	4,04	8,20	8,19	8,10	8,80	8,80
Canada	4,47	5,09	5,36	6,05	5,95	5,95
Outros	14,84	16,20	16,31	19,30	20,44	19,91
Total	240,43	268,82	283,15	318,68	320,49	321,02

Fonte: USDA.

Nota: Novembro/2015.



Tabela 51 - Estoque final de soja mundial - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 setembro	2015/2016 outubro
Argentina	15,95	20,96	26,05	32,25	33,43	32,90
Brasil	13,02	15,33	15,95	18,71	18,15	19,74
China	15,91	12,38	14,43	17,55	16,15	16,15
Estados Unidos	4,61	3,83	2,50	5,21	12,26	11,56
Índia	800,00	1,14	606,00	458,00	833,00	583,00
outros	3,61	2,54	3,24	3,79	4,16	4,21
Total	53,91	56,17	62,77	77,97	84,98	85,14

Fonte: USDA.

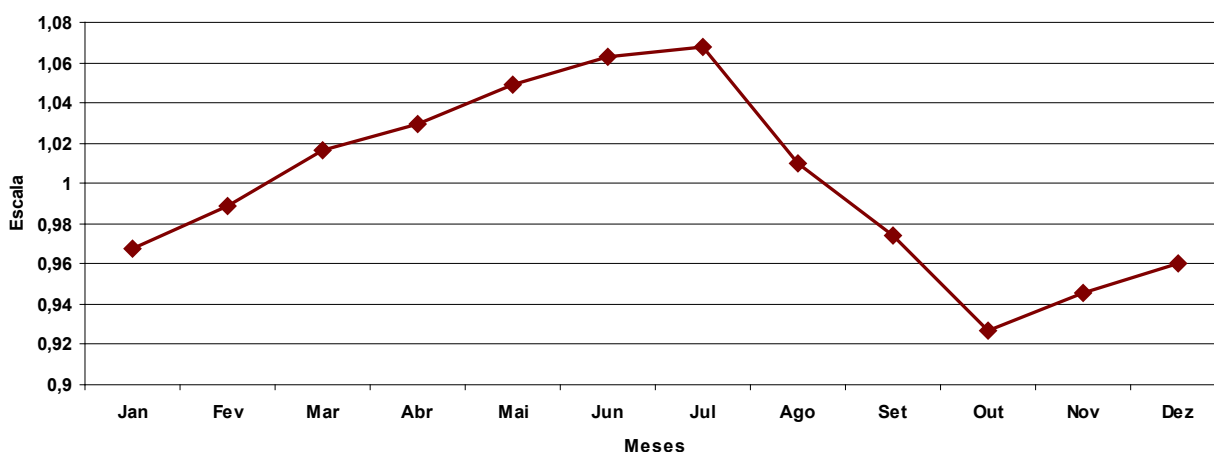
Nota: Novembro/2015.

Para corroborar com estes altos estoques as vendas para exportações estão abaixo da média prevista e, apesar dos esmagamentos em alta, estão afetando os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) que, em novembro, chegaram a ser cotados a UScents 857,40/bu (US\$ 315,11/t), a menor cotação dessa *commodity*, desde 2009. Para os próximos meses, caso não haja

nenhuma novidade no mercado, os preços devem girar perto desse valor.

Conforme o quadro estático abaixo os preços para os próximos meses devem subir e conforme preços futuros (CBOT), os preços para janeiro, março e maio de 2015 são maiores que o preço praticado hoje.

Gráfico 71 - Comportamento dos preços internacionais de soja (CBOT) - 2004-2015



Fonte: CME Group/CBOT.

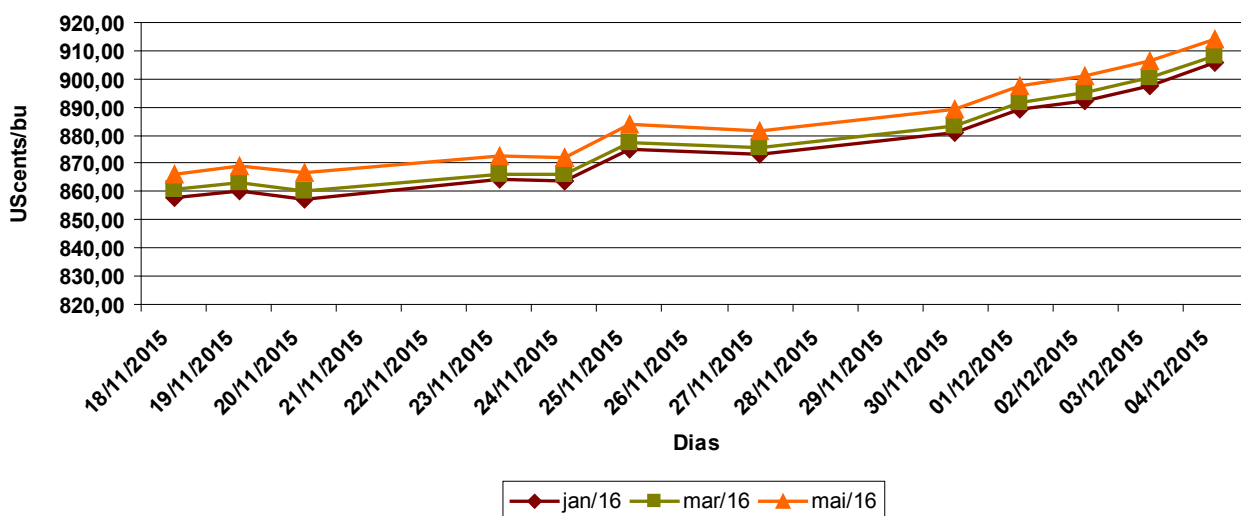
Gráfico 72 - Soja - preços internacionais 2015(FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: CME Group.



Gráfico 73 - Preços futuros (CBOT)



Fonte: CME Group/CBOT.

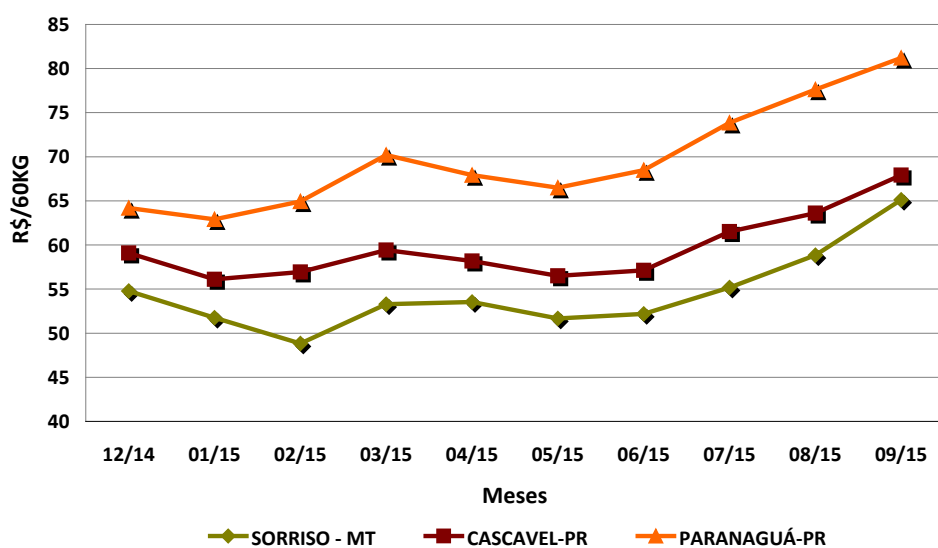
Mercado nacional

Apesar do pequeno atraso no plantio de soja o Brasil já ultrapassa o plantio de 90% da área estimada. Segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Aplicada (Imea) no Mato Grosso o plantio já ultrapassa os 95%, no Paraná o Departamento de Economia Rural (Deral) estima que a área plantada já ultrapasse os 91% e no Rio Grande do Sul, segundo a Emater/RS, o plantio alcançou apenas 58% de toda área estimada, contra 65% da média dos últimos cinco anos. Este atraso ocorre devido ao excesso de chuva na região,

que vem dificultando o plantio na Região Sul. Em todas as regiões do país o desenvolvimento das lavouras é considerado bom ou excelente.

Apesar dos baixos preços internacionais os preços praticados internamente continuam acima da média histórica, devido à alta do dólar frente ao real. Em novembro fechou com média de R\$ 65,11/60kg em Sorriso(MT), R\$ 67,72/60kg em Cascavel(PR) e R\$ 80,05 em Paranaguá(PR).

Gráfico 74 - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses - em R\$/60kg



Fonte: Conab.



Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex) as exportações dos 20 dias úteis de novembro foram estimadas em 1,44 milhão de toneladas. Este valor é superior em mais de sete vezes ao exportado no mesmo período do ano de 2014, e duas vezes mais que a

média dos últimos cinco anos deste período. Com isso, as exportações brasileiras de grãos de soja já ultrapassam os 53 milhões de toneladas e devem fechar o ano, próximas de 54 milhões de toneladas.

Tabela 52 - Exportações novembro

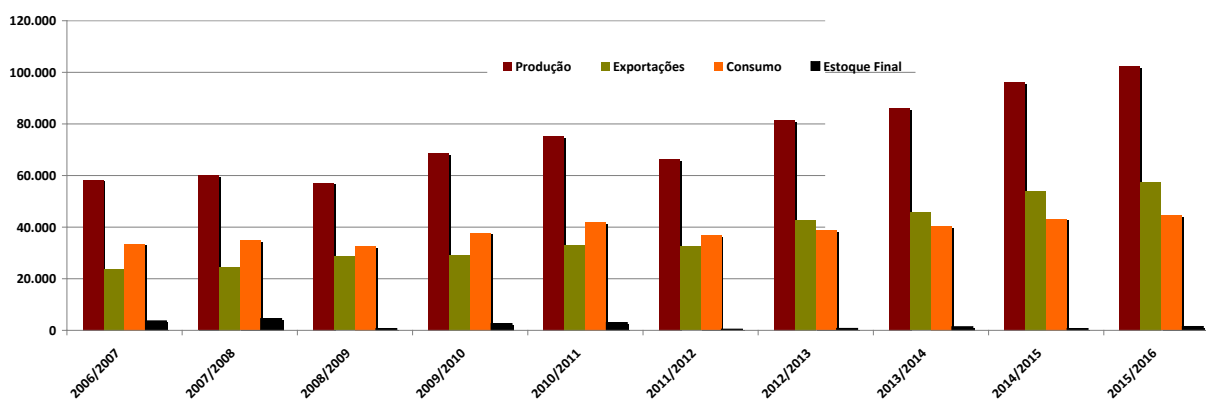
Mês/ Ano	2014				2015				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	Quant.	Valor	%	Preço	Quant.	Valor	%	Preço	Quant.	Valor	%	Preço
	(t)	US\$1000FOB		Médio	(t)	US\$1000FOB		Médio	(t)	US\$-1000FOB		Médio
JAN	30.606	17.810	0,07	581,90	85.336	35.103	0,16	411,35	183.528	85.668	0,44	466,79
FEV	2.789.650	1.385.832	6,11	496,78	868.659	346.160	1,62	398,50	1.276.231	612.397	3,08	479,85
MAR	6.229.305	3.147.580	13,63	505,29	5.592.087	2.211.790	10,44	395,52	4.465.647	2.143.217	10,76	479,93
ABR	8.250.901	4.134.746	18,06	501,13	6.550.977	2.534.258	12,23	386,85	6.295.423	3.029.029	15,17	481,15
MAI	7.609.783	3.866.209	16,65	508,06	9.341.009	3.612.717	17,44	386,76	7.497.774	3.606.873	18,07	481,06
JUN	6.893.162	3.571.995	15,09	518,19	9.810.092	3.762.211	18,31	383,50	6.519.115	3.119.069	15,71	478,45
1º sem.	31.803.405	16.124.172	69,60	507,00	32.248.160	12.502.239	60,20	387,69	26.237.718	12.596.253	63,22	480,08
JUL	6.043.523	3.151.183	13,23	521,42	8.440.388	3.224.053	15,75	381,98	5.601.971	2.705.166	13,50	482,90
AGO	4.119.263	2.135.355	9,02	518,38	5.161.857	2.004.886	9,64	388,40	4.155.859	2.072.919	10,01	498,79
SET	2.669.833	1.347.500	5,84	504,71	3.705.391	1.429.975	6,92	385,92	2.864.765	1.419.295	6,90	495,43
OUT	740.839	363.993	1,62	491,33	2.594.100	989.567	4,84	381,47	1.431.743	697.417	3,45	487,11
NOV	176.556	81.601	0,39	462,18	1.422.900	551.100	2,66	387,31	853.027	405.270	2,06	475,10
DEZ	138.581	73.573	0,30	530,90					446.208	220.812	1,08	494,86
2º sem.	13.888.594	7.153.206	30,40	515,04	21.324.636	8.199.581	39,80	384,51	15.264.331	7.476.717	36,78	489,82
Total	45.691.999	23.277.378	100	509,44	53.572.796	20.701.821	100	386,42	41.502.049	20.072.970	100	483,66

Fonte: Secex.

Para 2016 as exportações de soja em grãos são estimadas em 57,48 milhões de toneladas. O consumo total brasileiro, estimado em 44,52 milhões de tone-

ladas, terminando o ano com o estoque de passagem de 1,47 milhão de toneladas.

Gráfico 75 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas 10 safras - mil t

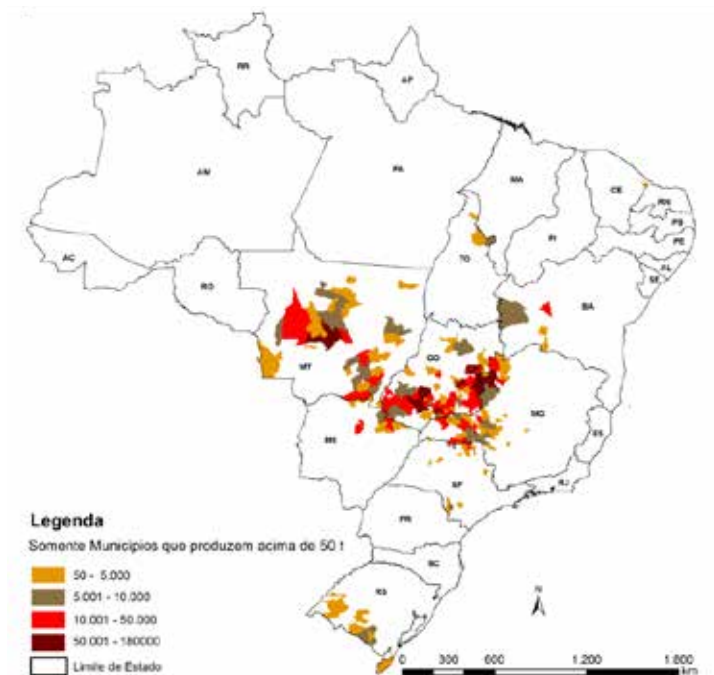


Fonte: Conab.



8.1.9.SORGO

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 54 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 55 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	21,4	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	(1,5)
TO	21,4	21,4	-	1.849	1.822	(1,5)	39,6	39,0	(1,5)
NORDESTE	155,7	169,9	9,1	871	1.110	27,5	135,6	188,6	39,1
PI	6,2	6,2	-	2.548	1.888	(25,9)	15,8	11,7	(25,9)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,6	-	1.522	1.522	-	0,9	0,9	-
PE	6,2	6,2	-	430	751	74,7	2,7	4,7	74,1
BA	142,0	156,2	10,0	811	1.091	34,5	115,2	170,4	47,9
CENTRO-OESTE	360,6	360,6	-	3.356	3.157	(5,9)	1.210,1	1.138,4	(5,9)
MT	111,7	111,7	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	(5,0)
MS	13,0	13,0	-	3.700	3.339	(9,8)	48,1	43,4	(9,8)
GO	232,6	232,6	-	3.661	3.441	(6,0)	851,5	800,4	(6,0)
DF	3,3	3,3	-	5.763	5.384	(6,6)	19,0	17,8	(6,3)
SUDESTE	174,4	174,4	-	3.696	3.276	(11,4)	644,5	571,3	(11,4)
MG	160,6	160,6	-	3.700	3.243	(12,4)	594,2	520,8	(12,4)
SP	13,8	13,8	-	3.645	3.662	0,5	50,3	50,5	0,4
SUL	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
RS	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
NORTE/NORDESTE	177,1	191,3	8,0	989	1.190	20,3	175,2	227,6	29,9
CENTRO-SUL	545,5	545,5	-	3.447	3.181	(7,7)	1.880,1	1.735,2	(7,7)
BRASIL	722,6	736,8	2,0	2.844	2.664	(6,3)	2.055,3	1.962,8	(4,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.2 CULTURAS DE INVERNO

O inverno de 2015 no sul do Brasil pode ser considerado atípico devido a vários fatores, entre eles a temperatura e chuvas acima da média. As consequências da soma desses fatores foram a alta incidência de doenças fúngicas na maioria das culturas de inverno, acentuada pela dificuldade de aplicação de fungicidas, aceleração do ciclo das culturas e perda de nutrientes devido à baixa eficiência dos adubos químicos. O agricultor, em geral, teve dificuldades de entrar na lavoura para realizar o manejo adequado.

O comportamento do clima em novembro, no Rio Grande do Sul, caracterizou-se pela alternância de dias secos e claros, com sol e temperaturas mais elevadas e períodos de turbulência, com chuvas fortes, raios e ventanias. As temperaturas mantiveram-se relativamente elevadas durante o mês. Quanto aos volumes acumulados de chuva, os maiores foram na região noroeste, englobando as missões e região celeiro.

No Paraná as precipitações ocorridas ao longo de novembro apresentaram volumes muito acima do nor-

mal. As áreas mais ao norte e oeste do estado registraram os maiores volumes acumulados, com totais acima dos 400 mm em algumas localidades. Somasse a isso, rajadas de ventos, queda de granizo, além de muitos dias nublados a encobertos que prejudicam as culturas. Quanto às temperaturas, devido ao excesso de dias nublados a encobertos, as temperaturas máximas têm registrado valores abaixo da média histórica para o mês. Já as temperaturas mínimas ficaram entre a média e ligeiramente acima do normal para a época do ano.

Em Santa Catarina o quadro não é diferente. Os maiores volumes de chuvas ocorreram do oeste ao norte, principalmente, alcançando de 50% a 80% do esperado para o mês. Apesar de os volumes de chuva terem diminuído em relação aos meses anteriores, a frequência continua além do normal, o que tem dificultado as operações agrícolas, haja vista que a umidade do solo permanece alta. A colheita das culturas de inverno também tem sido prejudicada, pois o excesso de umidade das plantas dificulta a debulha, além



de reduzir a qualidade dos grãos devido ao ataque de doenças. As temperaturas estão um pouco abaixo do normal

Diante do quadro exposto acima observou-se relatos de aparecimento das principais doenças que atacam as culturas de inverno em todo o sul do Brasil, tais como: Giberela - *Gibberella zeae*, Brusone - *Pyricularia grisea* (Cooke) Sacc. ou *Magnaporthe grisea* (T. Hebert) e Oídio - *Blumeria graminis* f. sp. *tritici*. Conforme VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale¹, as duas primeiras doenças são altamente influenciadas pelo ambiente e elas se desenvolvem sob condições de molhamento contínuo (superior a 10 horas) do início do emborrachamento até o final do enchimento de grãos. A Giberela (*Gibberella zeae*) é uma doença de infecção floral e de controle difícil, altamente influenciada pelo ambiente. As condições ambientais requeridas à infecção são temperatura de 20°C a 25°C e duração contínua do molhamento superior a 48 horas. O oídio, embora não seja veiculado pela semente, pode ser controlado em cultivares suscetíveis, pelo tratamento de sementes que também previne ao aparecimento do carvão (*Ustilago tritici*).

Além dos danos causados por agentes biológicos há também as perdas físicas, causadas pelo granizo e vento, por exemplo. Por tudo isso espera-se que os números previstos inicialmente não sejam alcançados.

Na Argentina a área plantada de trigo é pouco superior aos 4 milhões de hectares. Isso significa 24% menos do que a safra passada. Estima-se uma produção total entre 10 e 12 milhões de toneladas ante aos 13,9 milhões de toneladas da safra 2014. Segundo informações do Ministerio de Agricultura, Ganaderia

y Pesca² daquele país, as lavouras estão evoluindo normalmente, com aparecimento de algumas doenças fúngicas, consequência das constantes chuvas. Há relatos de brotamento do trigo provocado pelo excesso de chuva no noroeste argentino. Até o momento estima-se que 6% do trigo esteja colhido.

No que se refere a cevada, a análise é similar ao trigo. Esta cultura sofreu com o excesso de umidade, estimando-se a perda de 80 mil hectares que foram destinados ao pastoreio. Houveram ajustes da área plantada em relação aos dados divulgados em outubro estimando-se em 1,05 milhão de hectares, 4,4% superior à safra passada. Atualmente espera-se um volume final de 3,1 milhões de toneladas, aumento de 6,9% quando comparado com a safra 2014.

As informações sobre a cultura do centeio nos últimos levantamentos realizados pela Conab são insuficientes para uma análise mais aprofundada, pois a cada ano reduz-se a área plantada. No Paraná a área cultivada será de apenas 1,2 mil hectares, no Rio Grande do Sul serão cultivados 0,5 mil hectares, demonstrando que esta cultura possui pequena importância econômica no cenário agrícola brasileiro.

A mesma situação ocorre com o triticale. No Paraná (10,9 mil hectares) e São Paulo (4,3 mil hectares) há redução de 14,8% e 78,6%, respectivamente, na área plantada. No Rio Grande do Sul (5,7 mil hectares) e Santa Catarina (0,6 mil hectares), há uma estabilidade da área plantada. A principal explicação é pelo baixo valor comercial do cereal que é geralmente utilizado para ração. Diante deste cenário a redução de área plantada no Brasil, em relação à safra passada, será de 45%.

8.2.1. AVEIA

A área cultivada com aveia no Brasil terá um acréscimo de 23,3%, atingindo 189,5 mil hectares, a segunda maior área plantada entre as culturas de inverno, ficando apenas atrás do trigo.

No Rio Grande do Sul, estado com maior área plantada, o aumento estimado é de 33% em relação à safra passada, alcançando 118,4 mil hectares.

A colheita está praticamente encerrada. A produtivi-

dade e a qualidade do produto ficaram muito aquém das expectativas iniciais. A maior parte do produto colhido não serve para alimentação humana, depreciando a comercialização. Devido a essa condição o preço no mercado despencou, baixando até R\$ 0,19 por quilo para aveia de baixa qualidade. A produtividade final prevista é de 1.840 kg/ha.

No Paraná, como a maioria das culturas de inverno, a aveia branca sofreu bastante ataque de doenças fún-

1 Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale (2014: Canela, RS). Informações técnicas para trigo e triticale – safra 2015 / VIII Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale ; Gilberto Rocca da Cunha e Eduardo Caierão, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2014. 229 p.

2 Referências extraídas documento “Estimaciones Agrícolas/Novembro 2015”, publicado pelo Ministerio de Agricultura, Ganaderia y Pesca, Subsecretaría de Agricultura, Dirección Nacional de Información y Mercados. Disponível em: <http://www.siiia.gob.ar/_informes//Estimaciones_Agrícolas//Mensual/151119_Informe%20Mensual%20Estimaciones%20-%20Nov-2015.pdf> Acessado em 05/12/2015.

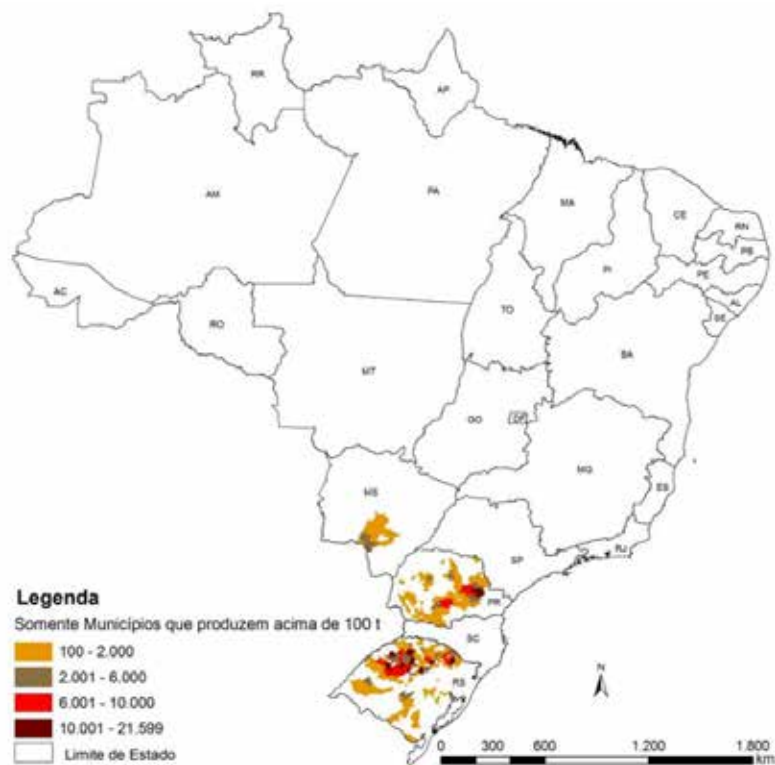


gicas e teve a produtividade e a qualidade prejudicada. Com praticamente finalizada, a comercialização do cereal está em pleno andamento. Porém, diante dos valores oferecidos pelo mercado, constata-se a baixa lucratividade das lavouras, pois chega-se a comercializar a saca de 60 kg por R\$ 14,00, principalmente se o produto não apresentar uma qualidade superior, o que tem ocorrido devido aos problemas enfrentados

durante o ciclo da cultura.

Os números apontam para um aumento de área de 1,8%, chegando a 58,1 mil hectares. Levando-se em conta uma produtividade média de 1.959 kg/ha, a produção total no Paraná será 113,8 mil toneladas, 18% inferior.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 56 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Figura 35 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Tabela 57 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia		- sul e leste do PR (C) - todo estado do RS (M/C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab.

Tabela 58 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,0	1.470	1.500	2,0	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	176,5	20,8	2.027	1.879	(7,3)	296,2	331,7	12,0
PR	57,1	58,1	1,8	2.429	1.959	(19,3)	138,7	113,8	(18,0)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	1.840	4,0	157,5	217,9	38,3
CENTRO-SUL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2
BRASIL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de dezembro/2015.



8.2.2. CANOLA

A estimativa da safra da canola no Brasil é que haja uma produção de 54,9 mil toneladas, que representa um aumento de 51,2%. Dessa forma, mesmo com a redução de 0,7% na área plantada, o ganho na produtividade, a qual estima-se em 1.236 kg/ha, aumento de 54,9% em relação à safra 2014.

No Rio Grande do Sul a área plantada nessa safra é estimada em 36,5 mil hectares, com produtividade média de 1.200 kg/ha. O resultado econômico foi considerado satisfatório devido ao preço de comercialização, que é equiparado ao preço da soja, e o custo de produção menor do que a maioria dos cultivos de inverno, embora ocorresse diminuição da produtividade, por causa de problemas climáticos e caracterís-

ticas morfológicas dos frutos, que prejudicam o rendimento ao abrirem-se durante a colheita.

Conforme informações, esta cultura possui um grande potencial de expansão, principalmente pela sua rentabilidade, benefícios potenciais na rotação de cultura e estruturação do solo, por exemplo. Um ponto que é corrente entre os informantes é a necessidade de se buscar variedades com maturação mais uniforme e com menos propensão a abertura das siliquis no momento da colheita. Os resultados obtidos nessa safra são suficientes para concluir que o cultivo da canola é viável no estado, principalmente quando comparada com outras culturas de inverno.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Canola

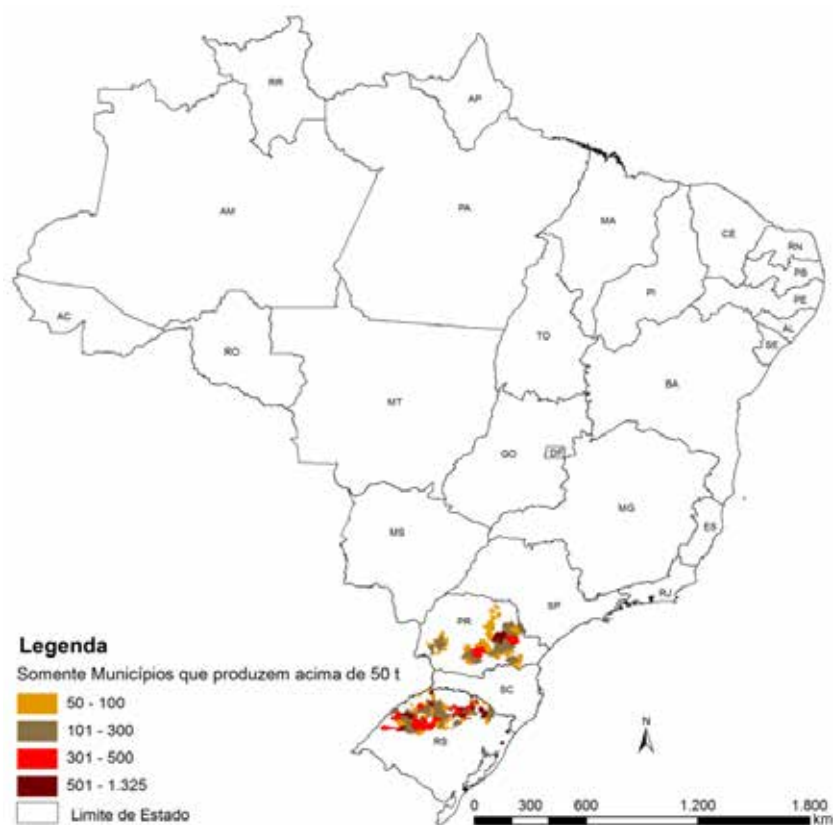


Tabela 59 – Calendário de plantio e colheita – Canola

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul	C							P				C
PR	C							P				C
RS	C							P				
Centro-Sul	C							P				
Brasil	C							P				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 60 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

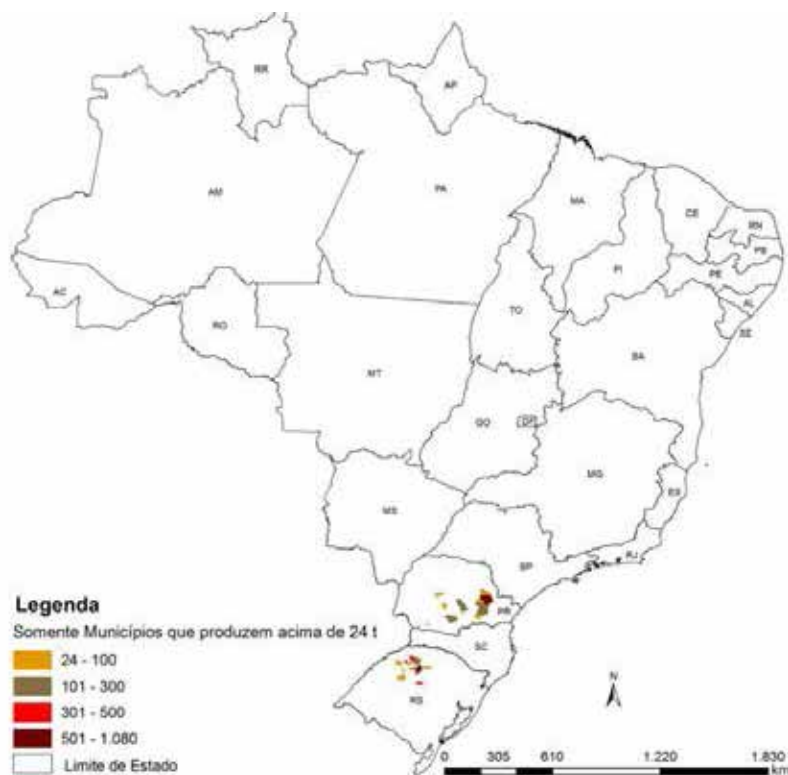
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
PR	5,7	7,9	38,6	1.436	1.403	(2,3)	8,2	11,1	35,4
RS	39,0	36,5	(6,4)	720	1.200	66,7	28,1	43,8	55,9
CENTRO-SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
BRASIL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.2.3. CENTEIO

Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 61 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		09
	PrimaveraV			Verão			Outono			Inverno		
	OutN	Nov	Dez	Jan	Fev	MarA	abr	Mai	Jun	Jul	AgoS	Set
SulC									P			
P RC									P			
R SC								PP				
Centro-Sul		CP										
Brasil		CP										

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 62 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
PR	1,3	1,2	(8,0)	2.103	1.890	(10,1)	2,7	2,3	(14,8)
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.200	(20,0)	0,8	0,6	(25,0)
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
BRASIL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.2.4. CEVADA

O Brasil deverá produzir 264,7 mil toneladas de cevada em 102,4 mil hectares. Com isso, a produtividade média será de 2.585 kg/ha, 6,6% maior do que a safra 2014.

No maior estado produtor do país, o Paraná, a produção total será de 184,8 mil toneladas, o que representa redução de 2,1% em relação à safra passada. Mesmo com um aumento de 4% na produtividade, a redução de área plantada impactou significativamente na redução da produção total.

Os relatos indicam que a produtividade poderia ser ainda melhor. Os principais motivos apontados para não se atingir a produtividade potencial é a má qualidade da semente (que vieram com alto índice de doenças), pelas chuvas na semeadura e na colheita. As chuvas impactaram no atraso da colheita e ainda inviabilizou algumas áreas que foram perdidas. Parte da produção não alcançou o PH mínimo ou o índice de germinação para se destinar a produção de malte, servindo somente para ração ou forragem. Ou seja, a perda não foi só de produtividade (que caiu de 25% em relação ao levantamento anterior) mas principalmente em qualidade.

A principal região produtora do estado, a centro-sul, ainda não havia finalizado a colheita nas datas do levantamento, porém indicam que houveram áreas de cultivo de cevada que foram abandonadas e não serão colhidas. A produtividade foi reduzida, todavia, estimativas de qualidade ainda são escassas, já que a colheita ainda não foi finalizada. Pode-se afirmar, porém, que até o momento já foram contabilizadas perdas na qualidade do grão, fazendo com que algumas cooperativas não recebam grãos de baixa qualidade.

No Rio Grande do Sul a cultura da cevada foi amplamente atingida pelas intempéries. Agregando-se à redução de área, que foi de 21,4%, a queda da produtividade será de 16,7% em relação à safra anterior e a produção total será 34,5% menor do que a safra 2014, chegando a 74,3 mil toneladas.

O problema, sobretudo, é que a qualidade do cereal foi sobremaneira atingida, principal preocupação dos produtores e da indústria. Estimativas da indústria cervejeira apontam para o aproveitamento para produção de malte de apenas 30 mil toneladas, menos do que a metade da produção. O restante será destinado para ração por não apresentarem qualidade exigida



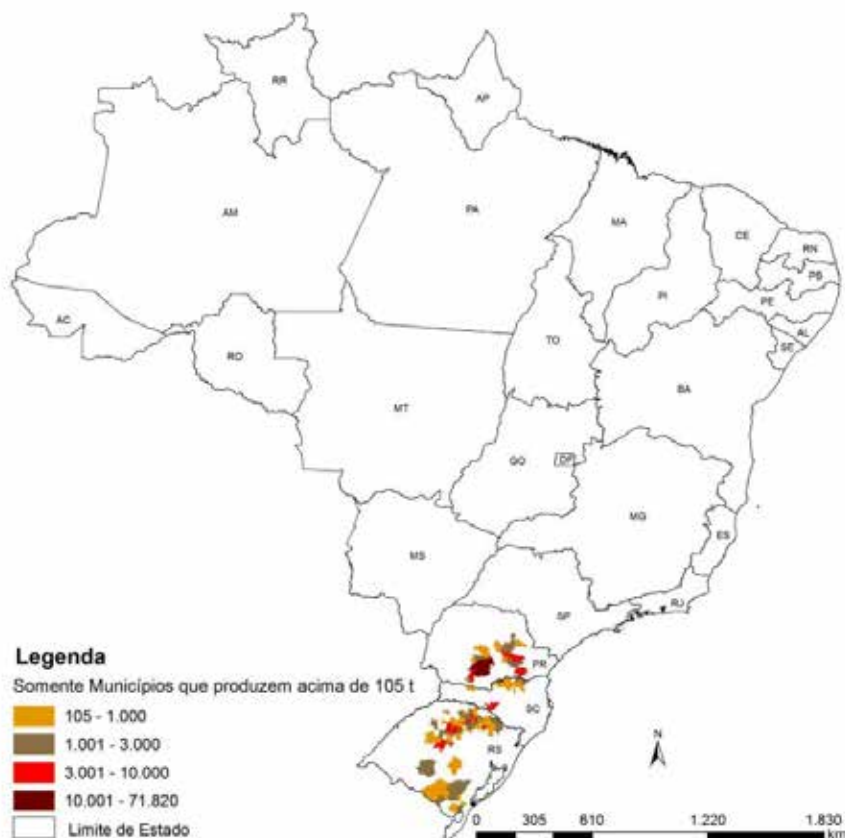
para a indústria, e com isso, o preço recebido pelo produtor fica muito aquém das expectativas iniciais.

Da mesma forma, a cultura da cevada em Santa Catarina foi duramente afetada pela instabilidade climática durante grande parte de seu ciclo. Excesso de chuva no momento da semeadura, estiagem no desenvolvimento vegetativo, geadas no período reprodutivo e chuvas constantes ao final do ciclo foram os grandes

responsáveis pela redução da produtividade e qualidade dos grãos. Em algumas regiões houve perda total de algumas lavouras que, sequer, foram colhidas.

Na grande maioria das lavouras o rendimento ficou abaixo do custo de produção, e o produto, de baixa qualidade, deve ser destinado à produção de ração, pois não tem qualidade suficiente para ser aproveitado na indústria cervejeira.

Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 63 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Figura 39 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 64 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada		- centro sul, sudeste e leste do PR (C) - norte do RS (M/C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade

Tabela 65 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.585	(0,8)	305,4	264,7	(13,3)
PR	53,2	50,1	(5,8)	3.547	3.689	4,0	188,7	184,8	(2,1)
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	1.986	(39,8)	3,3	5,6	69,7
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	1.500	(16,7)	113,4	74,3	(34,5)
CENTRO-SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.585	(0,8)	305,4	264,7	(13,3)
BRASIL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.585	(0,8)	305,4	264,7	(13,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.



8.2.5. TRIGO

Os dados da cultura do trigo produzido no Brasil indicam que haverá redução da área plantada em 11,3%, ficando em 2,45 milhões de hectares. Mesmo com a produtividade 6,3% superior, a produção total será 5,7% inferior à safra passada, ficando em 5,63 milhões de toneladas.

No Paraná a redução de área será de 3,7%, impactando na produção total no estado que será 3,4 milhões de toneladas.

A redução da produtividade chega, em algumas regiões, a 12,5% em relação à safra passada. Problemas climáticos como excesso de chuvas em julho e na colheita em determinadas regiões foram decisivas na queda da produtividade e afetaram, da mesma forma, a qualidade do cereal. Em algumas regiões do estado não houve perda expressiva de qualidade pois não houve chuva na colheita, como exemplo, na região ao sul do estado. Além disso, boa parte do trigo plantada é do tipo melhorador e mesmo com perda de qualidade ainda se enquadra como tipo pão.

A safra de trigo 2015 terá um resultado semelhante ao da safra 2014 no Rio Grande do Sul. Com a aproximação do final da colheita é possível confirmar a tendência mostrada no relatório anterior sobre a queda da produtividade e da qualidade do trigo colhido na safra 2015. Com mais de 98% da área colhida no estado, a produtividade média apurada até o momento do levantamento é de 1.731 kg/ha, com variação de zero (lavouras que nem foram colhidas) a 3.000 kg/ha, que deve gerar uma produção total de 1,5 mil toneladas. Desse total estima-se que apenas 33,57%, 530 mil toneladas poderão ser utilizadas na panificação. Pelas informações coletadas, aproximadamente 40%, ou seja, 120 mil toneladas poderão ser usadas diretamente na panificação. O restante, 318 mil toneladas poderão ser utilizadas pela mistura com trigo de melhor qualidade para aproveitamento para a panificação.

O resultado negativo foi consequência das adversidades climáticas que atuaram desde a semeadura até a colheita, com agravamento no terço final do ciclo da cultura. As características negativas encontradas no trigo colhido são várias, desde a cor característica, o Número de Queda [*Falling Number* - medida indireta da concentração da enzima alfa-amilase, determinada em trigo moído, pelo método 56-81 B da American Association of Cereal Chemists (2000)³] mínimo que é de 250 para uso na panificação, índice “W” baixo (for-

ça de glúten) e Peso hectolitro (PH) inferior ao mínimo exigido.

Para melhor entendimento dividimos a zona de produção no Rio Grande do Sul em cinco regiões delimitadas pelas características geográficas, calendário de semeadura e danos sofridos.

A primeira região compreende Santa Rosa em direção a Ijuí, seguindo para Oeste até a fronteira. Nessa região como a lavoura é semeada mais cedo (início de maio), por ocasião da geada de setembro, a maior parte do trigo estava se aproximando da maturação e consequentemente, os danos foram menores. Na região descrita são cultivados mais de 400 mil hectares de trigo, representando mais de 40% da área total semeada no estado. Nessa delimitação ocorreu o melhor resultado da safra 2015 no estado. Mais de 40% da produção foi de trigo passível de ser usado na panificação. Essas quantificações são todas estimativas com consolidação final prevista para o próximo levantamento.

A segunda região abrange Palmeira das Missões, Frederico Westphalen em direção a Cruz Alta, Passo Fundo e Erechim. Nessa região ocorreram as maiores perdas devido à geada. Nessa região apenas 15% do trigo produzido oferece condições mínimas de uso na panificação. Várias áreas nem foram colhidas e os produtores recorreram ao seguro, tanto Proagro como outros. Foi a região com os piores índices: produtividade, qualidade, Falling Number, cor e aproveitamento para panificação.

A terceira região começa em Lagoa Vermelha, passando por Vacaria, seguindo até Caxias e adjacências. Nessa região a colheita ainda não foi concluída. Embora melhores que em outras regiões, a produtividade e qualidade do produto ficaram aquém do esperado.

A quarta região abrange a região central do estado, passando por Santa Maria, Julho de Castilhos até Tupanciretã. Foi nessa região que ocorreram as maiores perdas causadas pela instabilidade climática. Em Tupanciretã, por exemplo, o granizo provocou perdas superiores a 50%. Em Santiago o vento forte e o granizo provocaram estragos irreversíveis superiores a 60%. Nos demais municípios há uma variação muito grande entre produtividade e qualidade do produto.

A quinta região corresponde a Zona Sul e Campanha.



A colheita está encerrada e o resultado não é diferente das demais regiões afetadas pelo clima. Há uma diversificação muito grande em relação a clima e solo nos diversos municípios que a compõe e não é zona preferencial para produção de trigo.

Em Santa Catarina a cultura do trigo encontra-se em final de ciclo, entre maturação e colheita e o atraso na colheita é em função das chuvas frequentes que ocorreram em todas as regiões produtoras. A safra atual encaminha-se para um resultado negativo em todos os aspectos.

A produtividade apresenta queda acentuada em função das más condições climáticas que perduraram por grande parte do ciclo da cultura. Chuvas excessivas dificultaram o plantio. Na sequência houve falta de chuva e logo em seguida, geadas tardias. Ao final, as precipitações excessivas por longo período, ora acompanhadas de granizo, reduziram ainda mais a produtividade que deve ficar em 1.980 kg/ha, 35,4% menor do que a safra anterior. Além da produtividade, os problemas climáticos causaram perdas da qualidade do grão devido ao ataque de doenças.

Estima-se que grande parte da produção tenha ficado abaixo do padrão para produção de farinha, analisando-se o PH alcançado na maioria da região, o qual deve variar de 70 a 75, em muitos casos. Ainda, boa parte da produção deve se destinar à fabricação de ração, haja vista o produto ter sido enquadrado como “triguilho”, o qual não tem potencial para produção de farinha. Em alguns casos o produtor deve desistir de colher algumas lavouras devido ao baixo rendimento

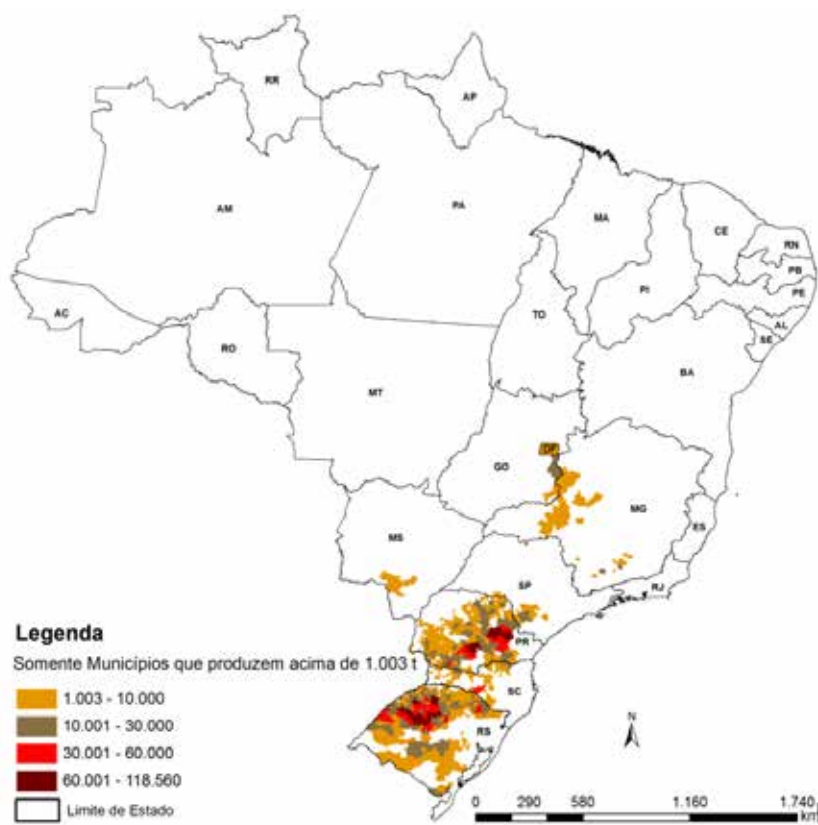
e qualidade, os quais não cobrem o custo da colheita.

A área plantada de trigo no Mato Grosso do Sul foi 25% superior à da safra passada, sendo cultivados 15 mil hectares. Este aumento de área ocorreu em função das boas condições de comercialização do produto no mercado regional, pois os preços ficaram atrativos. A cultura encontra-se com a colheita encerrada e a produtividade manteve-se estável em 2.000 kg/ha. Não foi superior, pois em algumas localidades há uso de sementes de produção própria e ocorreu plantio realizado precocemente, que expuseram as lavouras a condições climáticas desfavoráveis. Esses fatores contribuíram para aumentar a incidência de doenças fúngicas como a Bruzone e Giberela.

Em Minas Gerais o plantio de trigo foi realizado em março, abril e maio. Estima-se uma área plantada de 82,2 mil hectares, 20,9% maior em relação à safra anterior. Da área total cultivada, 65% a 70% é conduzida em regime de sequeiro e o restante sob irrigação. O crescimento da área de plantio ocorreu sobre as áreas de feijão segunda safra devido ao difícil controle de mosca-branca, e sobre as áreas de feijão terceira safra e olericultura, conduzidas sob pivôs. O prolongamento das chuvas favoreceu o desenvolvimento das lavouras, mas concorreu para intensificação de problemas com brusone, causando perdas na produtividade e qualidade dos grãos. A colheita já foi encerrada e a produtividade média fechou em 2.982 kg/ha, 0,7% menor em relação à safra passada. Para a atual safra a produção de Minas Gerais foi de 245,1 mil toneladas, que representa um aumento de 20% em relação ao ano anterior.



Figura 40 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 57 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Figura 41 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 58 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo		- sul e leste do PR (C) - oeste e sul de SC (M/C) - todo estado do RS (M/C)		

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.

Fonte: Conab



Tabela 59 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	156,4	19,8	2.717	3.247	19,5	354,6	507,8	43,2
MG	68,0	82,2	20,9	3.004	2.982	(0,7)	204,3	245,1	20,0
SP	62,5	74,2	18,7	2.404	3.541	47,3	150,3	262,7	74,8
SUL	2.604,2	2.264,0	(13,1)	2.124	2.224	4,7	5.530,7	5.036,2	(8,9)
PR	1.388,5	1.337,7	(3,7)	2.731	2.558	(6,3)	3.792,0	3.421,8	(9,8)
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	1.900	(35,4)	222,5	123,5	(44,5)
RS	1.140,0	861,3	(24,4)	1.330	1.731	30,2	1.516,2	1.490,9	(1,7)
CENTRO-SUL	2.758,0	2.446,6	(11,3)	2.165	2.302	6,3	5.971,1	5.632,1	(5,7)
BRASIL	2.758,0	2.446,6	(11,3)	2.165	2.302	6,3	5.971,1	5.632,1	(5,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa dezembro/2015.

8.2.5.1. OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

A produção de trigo estimada pela Conab passou de 7.070,3 mil toneladas na primeira avaliação de agosto de 2015, para 6.230 mil toneladas em novembro, e para 5.632 mil toneladas em dezembro, ou seja, recuo de 20,3% frente à estimativa inicial. Dessa forma, fica claro o dano causado pelo clima nas culturas de trigo nas zonas de produção da Região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Os danos causados na safra de 1,4 milhão de toneladas vão exigir maiores importações, na ordem de 5,75 milhões de toneladas, acréscimo que deverá ocorrer no primeiro semestre de 2016, não obstante a redução do consumo interno, porque não haverá trigo de boa qualidade para todos os moinhos a partir de janeiro.

Espera-se, pois, a substituição de importações da Região Nordeste por trigo nacional devido ao câmbio elevado que torna o produto doméstico muito competitivo frente ao estadunidense. A Região Nordeste é tradicional importadora da commodity, em volume próximo de 2 milhões de toneladas anuais. Todavia,

atualmente, há uma forte demanda dos moageiros do Sul do Brasil por trigo de boa qualidade do Paraguai.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo, a previsão da moagem industrial foi estimada em 10 milhões de toneladas, igual às estimativas da Abitrigo.

Por outro lado estima-se que as exportações deverão ser de 1,3 milhão de toneladas, abaixo do número anterior de 1,5 milhão de toneladas; menor disponibilidade interna devido à quebra da safra em quantidade e qualidade e maior demanda pelo produto nacional pelos moageiros do Brasil explicam esse comportamento.

Nessa conjuntura o consumo interno deverá ser de 10,3 milhões de toneladas, ante 10,7 milhões de toneladas, viabilizando um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 881 mil toneladas, equivalente a um mês de consumo.





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 6o - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	3,0	2.004,3	820,0	790,0	394,3
	2015/16	394,3	1.503,1	5,0	1.902,4	800,0	740,0	362,4
Arroz em casca	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	650,0	13.966,9	12.000,0	1.250,0	716,9
	2015/16	716,9	11.921,3	800,0	13.438,2	12.000,0	1.100,0	338,2
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.184,6	110,0	3.598,4	3.350,0	90,0	158,4
	2015/16	158,4	3.316,5	110,0	3.584,9	3.350,0	90,0	144,9
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	350,0	96.857,9	55.959,5	29.689,0	11.209,4
	2015/16	11.209,4	82.043,6	500,0	93.753,0	58.197,9	28.000,0	7.555,1
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.692,0	1.414,8
	2014/15	1.414,8	96.243,3	300,0	97.958,1	43.238,9	54.000,0	719,2
	2015/16	719,2	102.459,1	300,0	103.478,3	44.526,0	57.482,0	1.470,3
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,0	1,0	30.761,8	15.100,0	14.700,0	961,8
	2015/16	961,8	31.185,0	1,0	32.147,8	15.500,0	15.500,0	1.147,8
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	12,0	8.314,5	6.359,2	1.530,0	425,3
	2015/16	425,3	7.897,5	12,0	8.334,8	6.407,8	1.400,0	527,0
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,8	1.527,7
	2013	1.527,7	5.527,8	6.642,4	13.697,9	11.381,5	47,4	2.269,0
	2014	2.269,0	5.971,1	5.328,8	13.568,9	10.713,7	1.680,5	1.174,7
	2015	1.174,7	5.632,1	5.750,0	12.556,8	10.375,0	1.300,0	881,8

Nota: Estimativa em dezembro/2015./ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

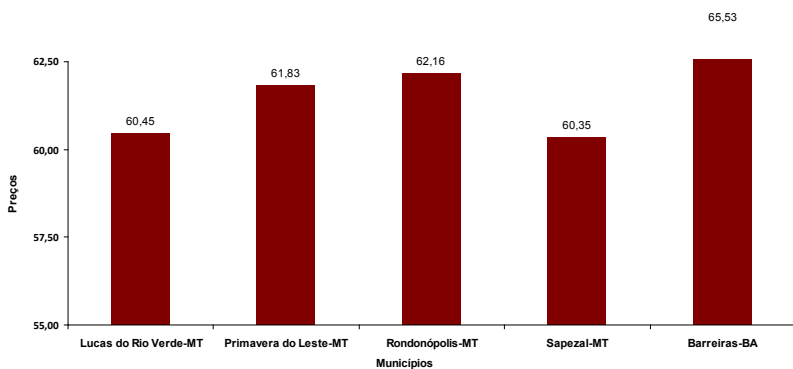
Fonte: Coneb.





10. PREÇOS

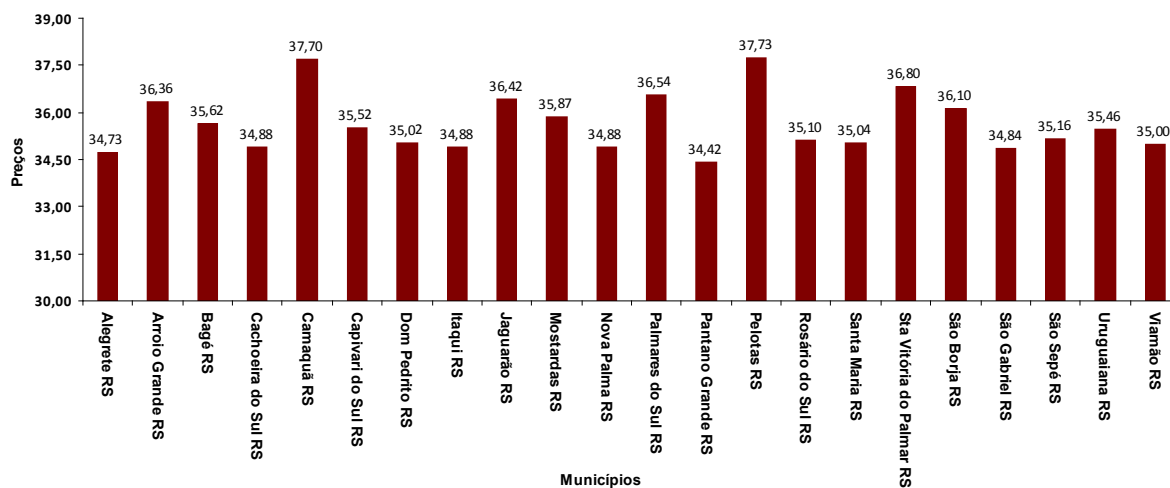
Gráfico 76 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

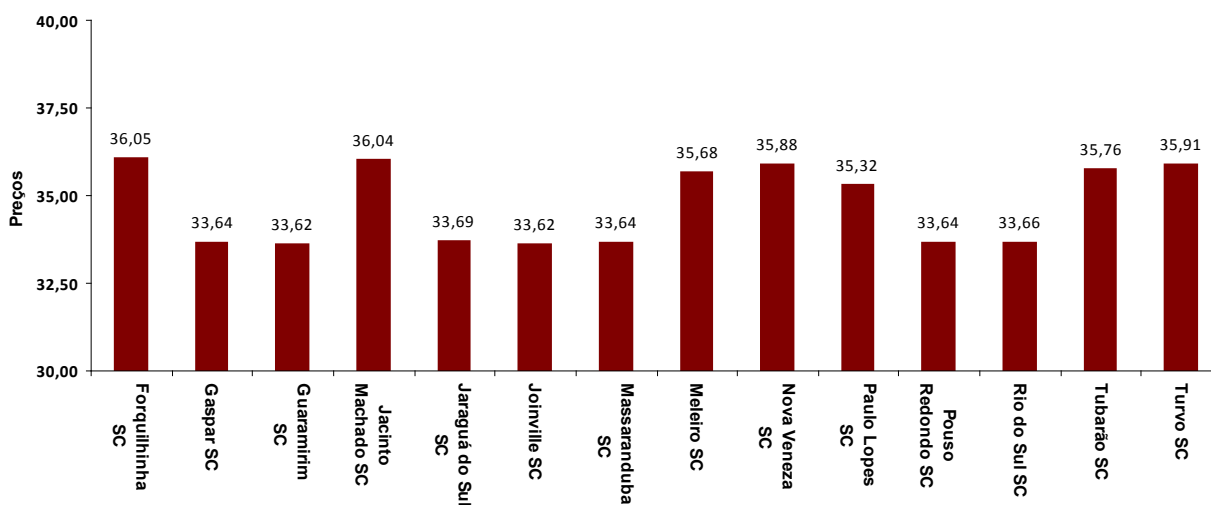
Gráfico 77 - Preço médio por município - SC (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

Gráfico 78 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

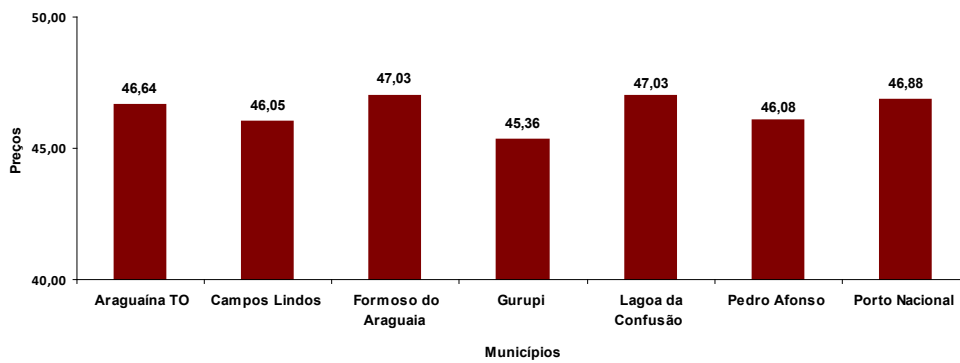


Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.



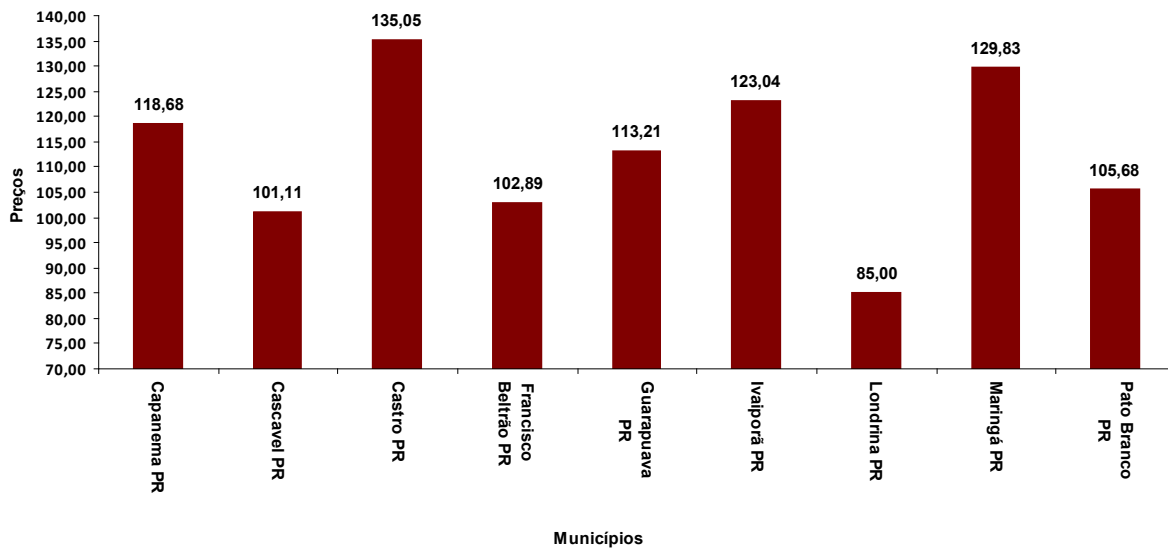
Gráfico 79 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

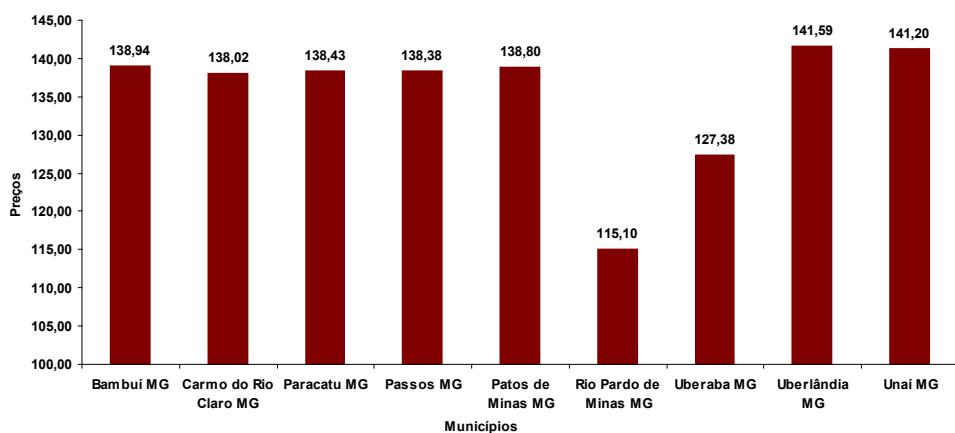
Gráfico 80 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

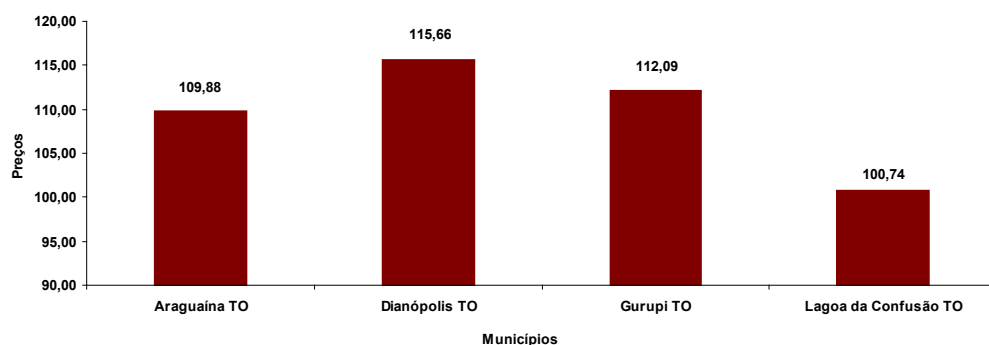
Gráfico 81 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

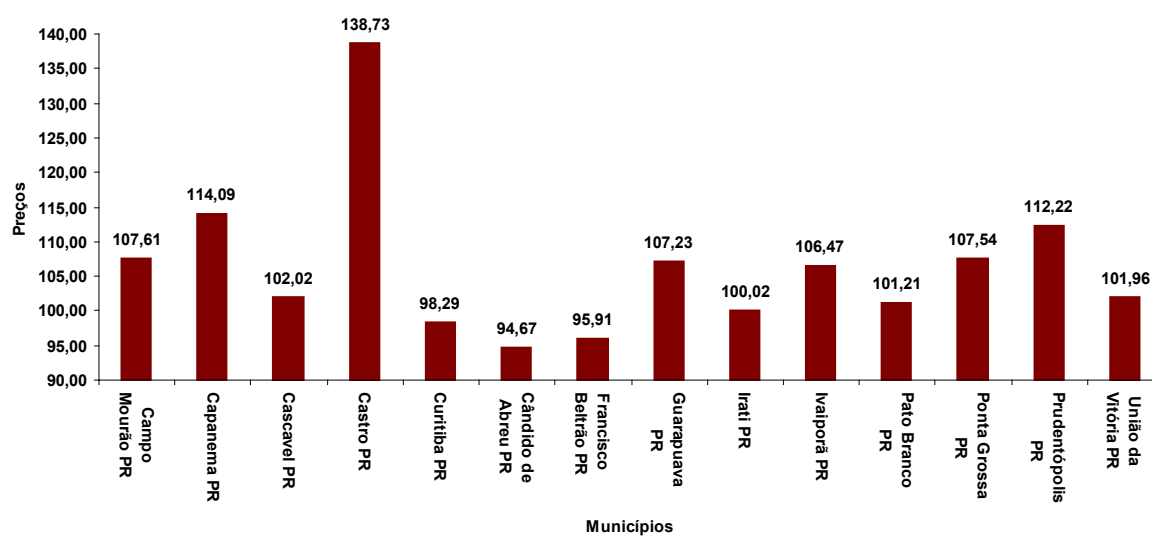
Gráfico 82 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

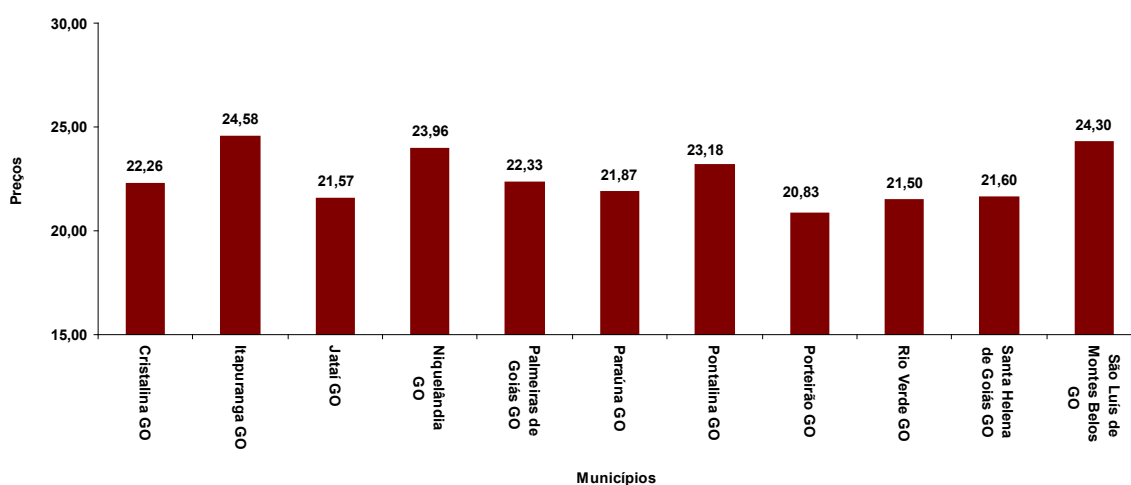
Gráfico 83 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

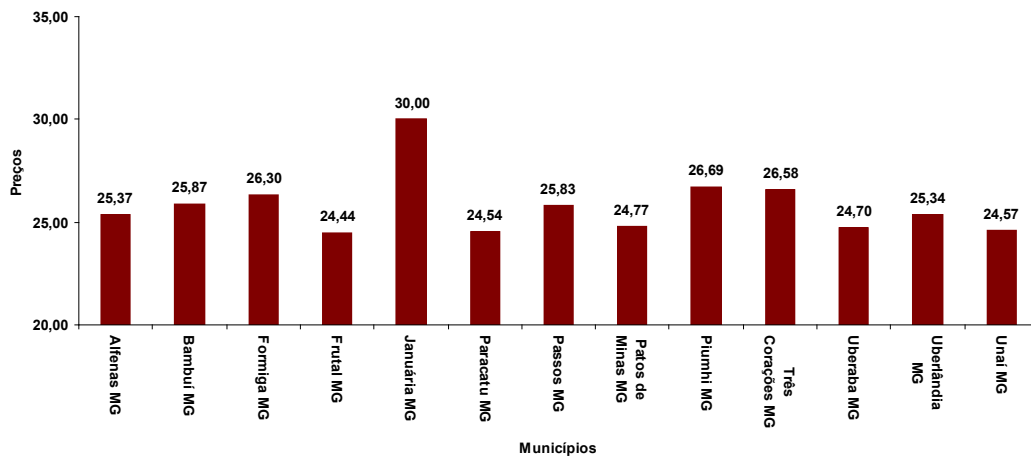
Gráfico 84 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

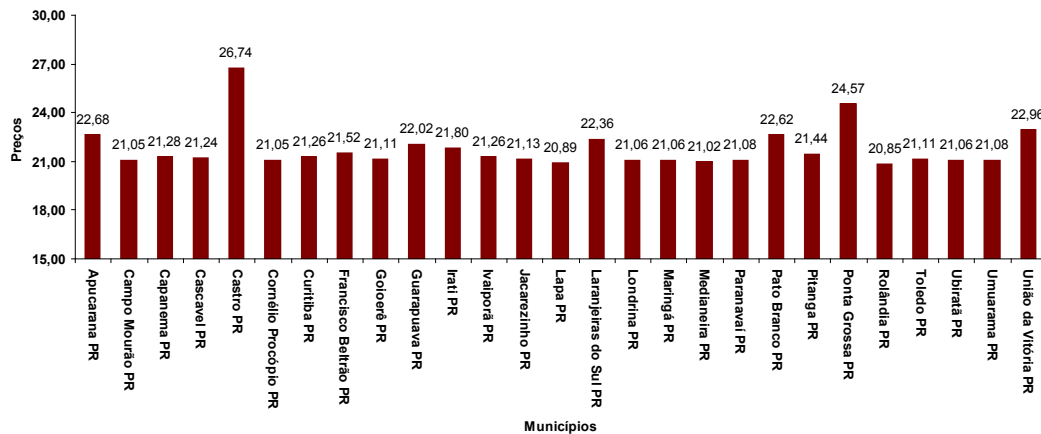
Gráfico 85 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015

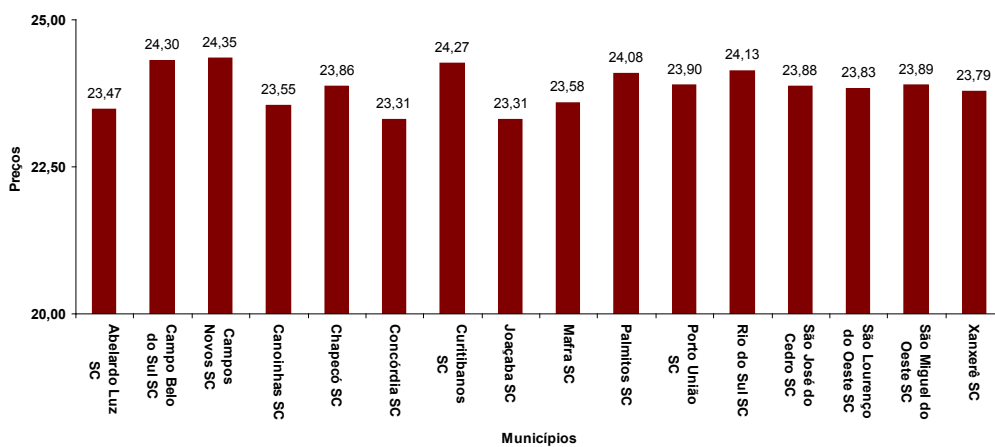
Gráfico 86 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015

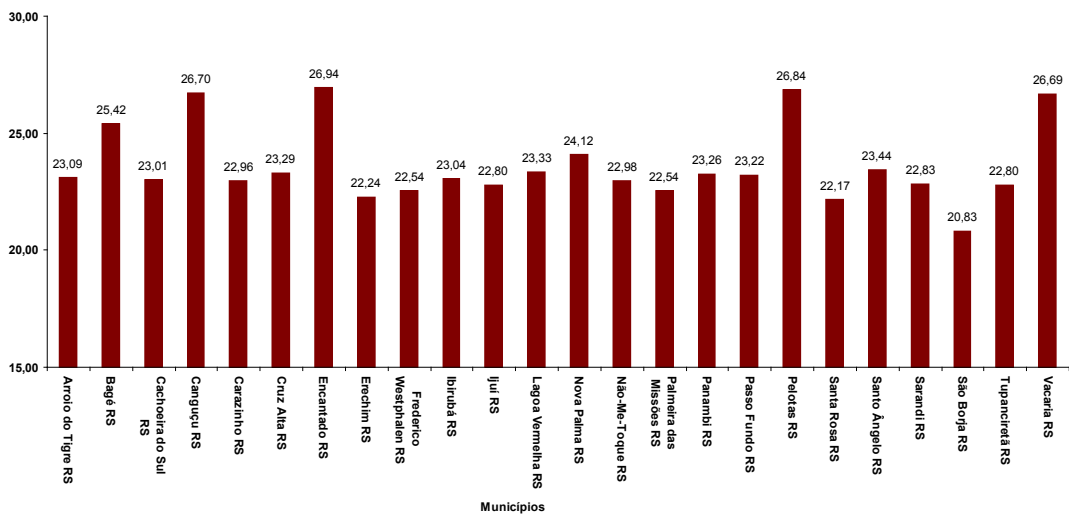
Gráfico 87 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

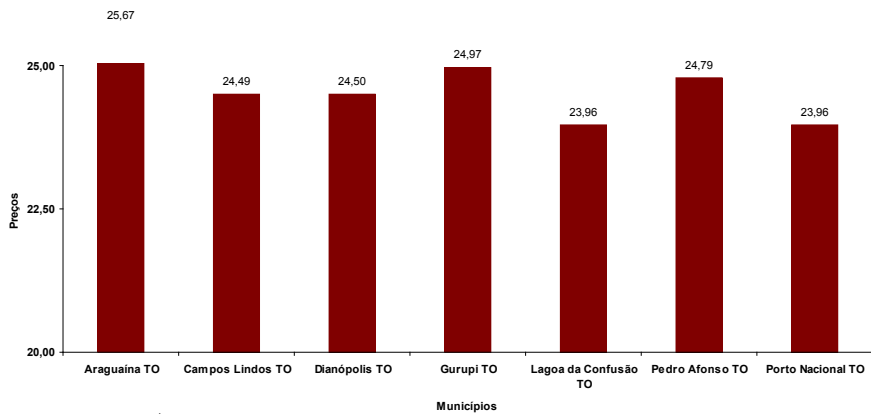
Gráfico 88 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: novembro 2014 a novembro 2015

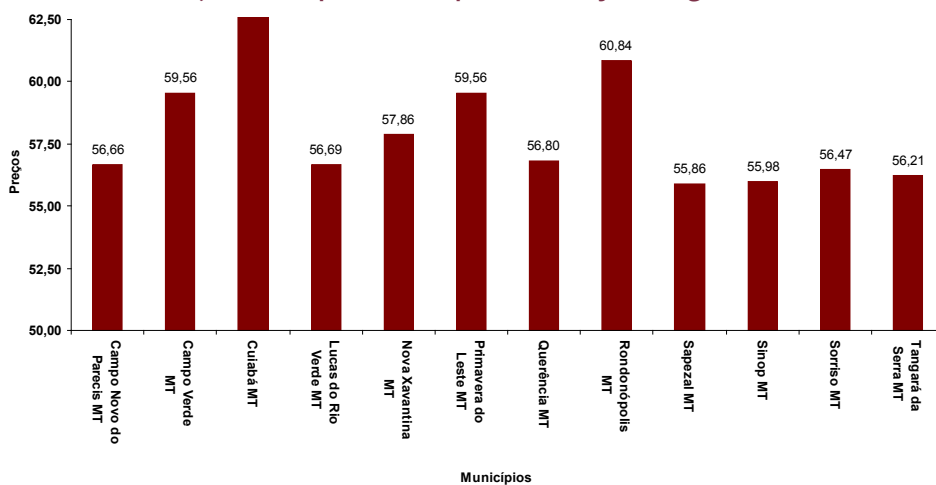
Gráfico 89 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

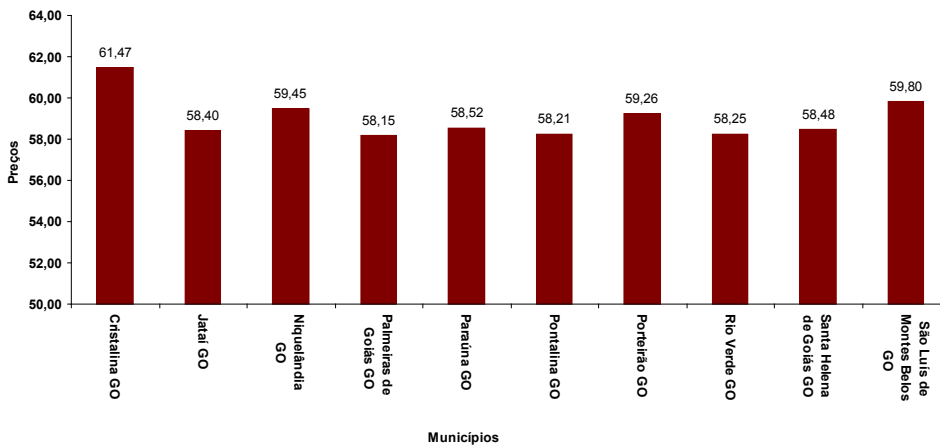
Gráfico 90 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015

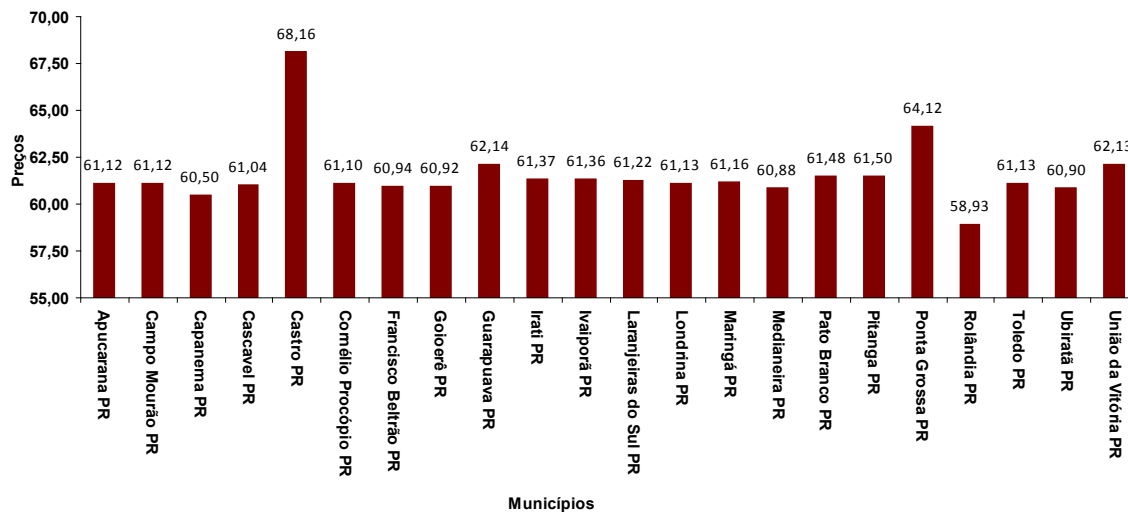
Gráfico 91 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

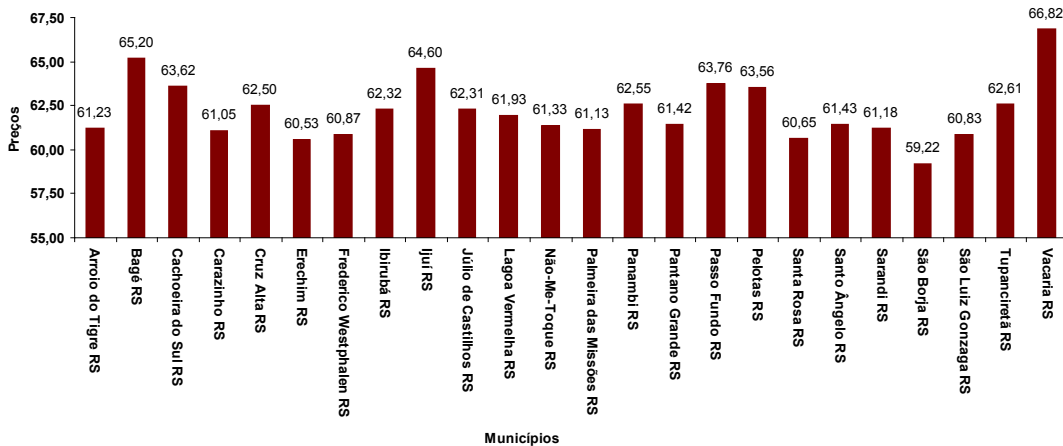
Gráfico 92 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

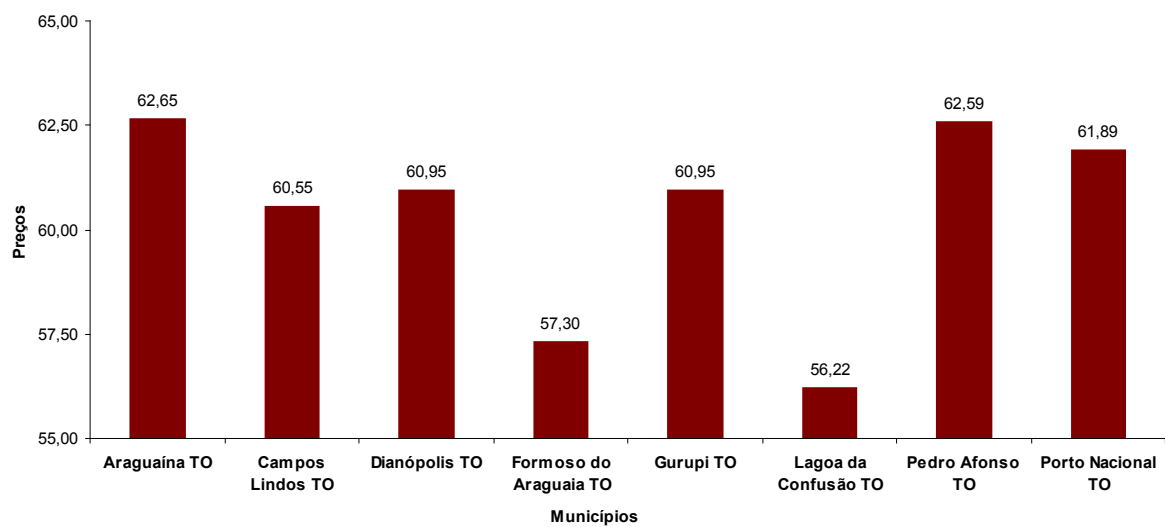
Gráfico 93 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

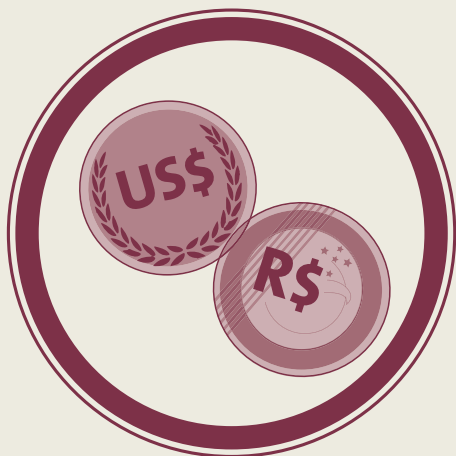
Nota: novembro 2014 a novembro 2015.

Gráfico 94 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

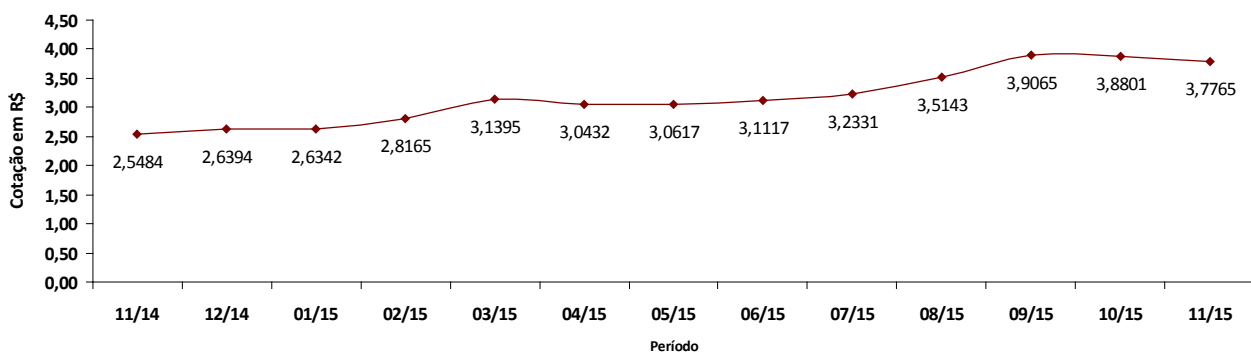
Nota: novembro 2014 a novembro 2015.



11. CÂMBIO

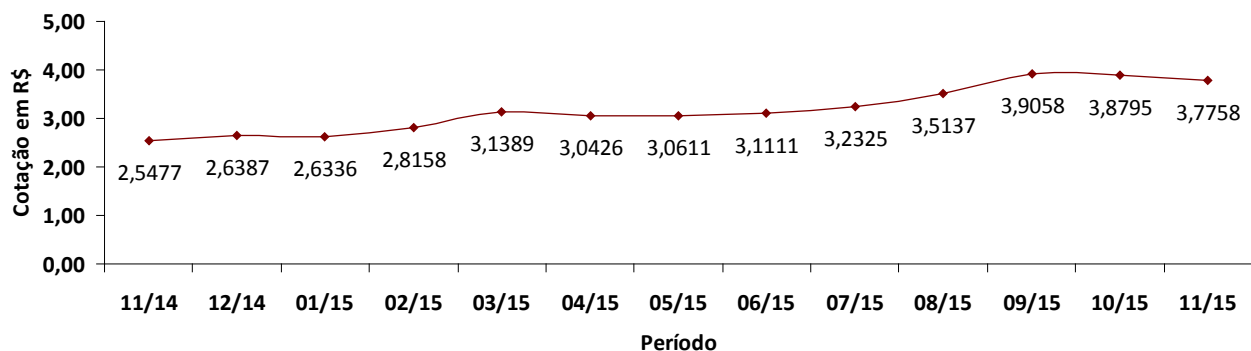
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de novembro de 2014 a novembro de 2015.

Gráfico 95 - Câmbio venda - Novembro 2014 a novembro 2015



Fonte: Bacen.

Gráfico 96 - Câmbio compra - Novembro 2014 a novembro 2015



Fonte: Bacen.



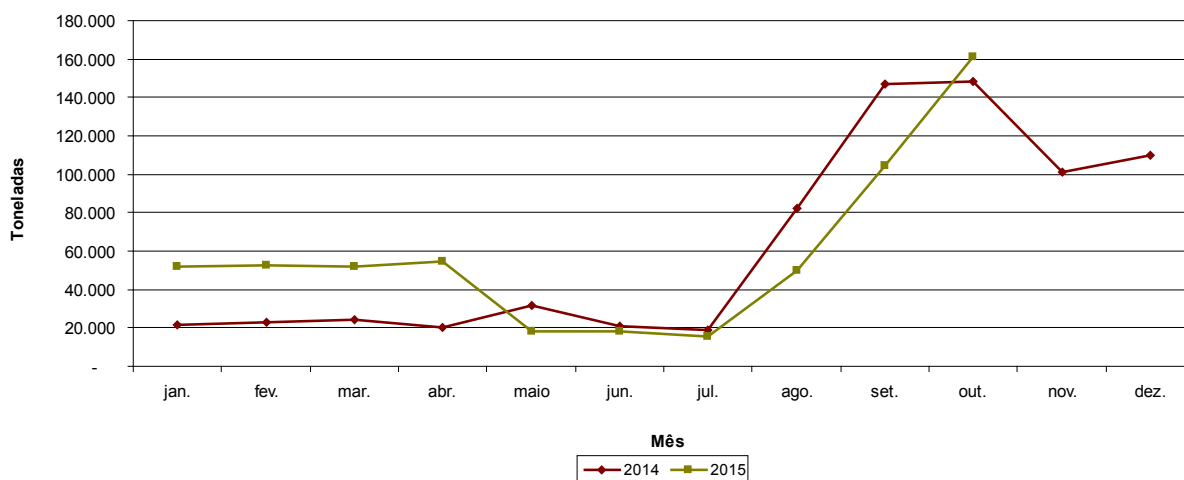
12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

O comércio internacional de produtos agropecuários é parte do processo de escoamento da safra nacional de grãos. Por outro lado, a importação de produtos com deficit de produção é fundamental para o equilíbrio do suprimento da oferta.

Historicamente, o país é exportador de produtos agropecuários. Para fins desse relatório, que trata da produção de grãos, pode-se destacar a soja e o milho como culturas que têm indicativos de incremento de exportação neste ano de 2015, como pode se observar no texto abaixo, que também comenta outras culturas.

A exportação de algodão bruto em 2015 atingiu em outubro 578,5 mil toneladas. No ano de 2014, no mesmo período entre janeiro e outubro, a exportação era 537,8 mil toneladas.

Gráfico 97 - Exportações brasileiras de algodão



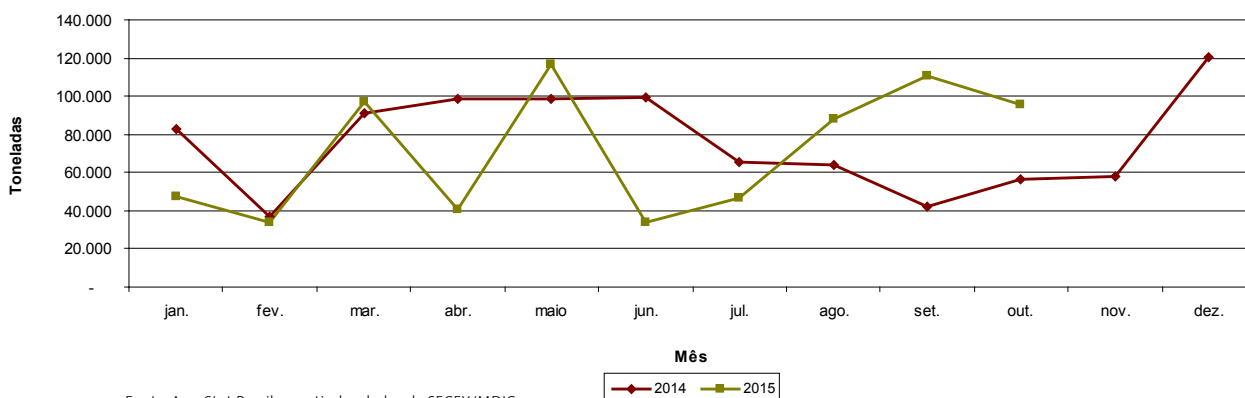
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

O comportamento da exportação de arroz em 2015 é diferente de 2014. Mesmo tendo o quantitativo muito próximo para o período de janeiro a outubro (2015 –

711 mil toneladas e 2014 – 736 mil toneladas), o tempo da exportação observou outra dinâmica, como se observa do gráfico a seguir.

Gráfico 98 - Exportações brasileiras de arroz



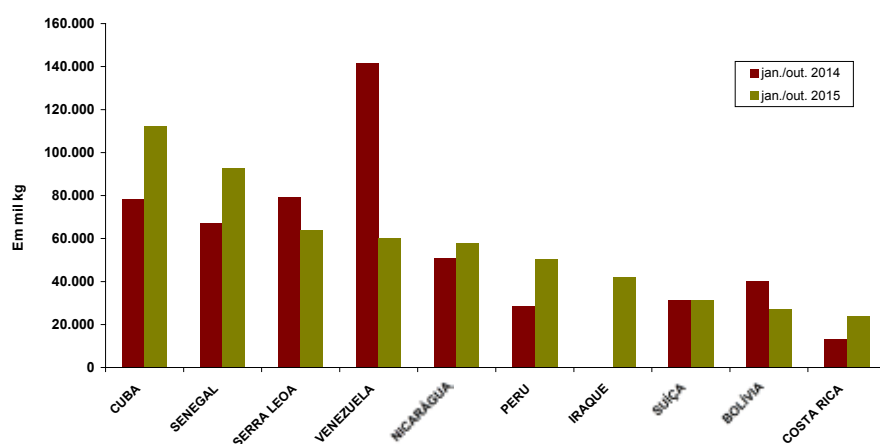
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

A explicação pode estar relacionada com o destino do arroz nacional. Observa-se, comparando o período de janeiro a outubro de 2014 e 2015, houve redução de exportação para a Venezuela (57,61%), Bolívia (32,58%)

e Serra Leoa (19,42%). Por outro lado, para o mesmo período, houve aumento da exportação para Costa Rica (81,87%), Peru (75,40%), Cuba (43,18%), Senegal (38,46%) e Nicarágua (13,91%).

Gráfico 99 – Exportações brasileiras de arroz – Principais países importadores



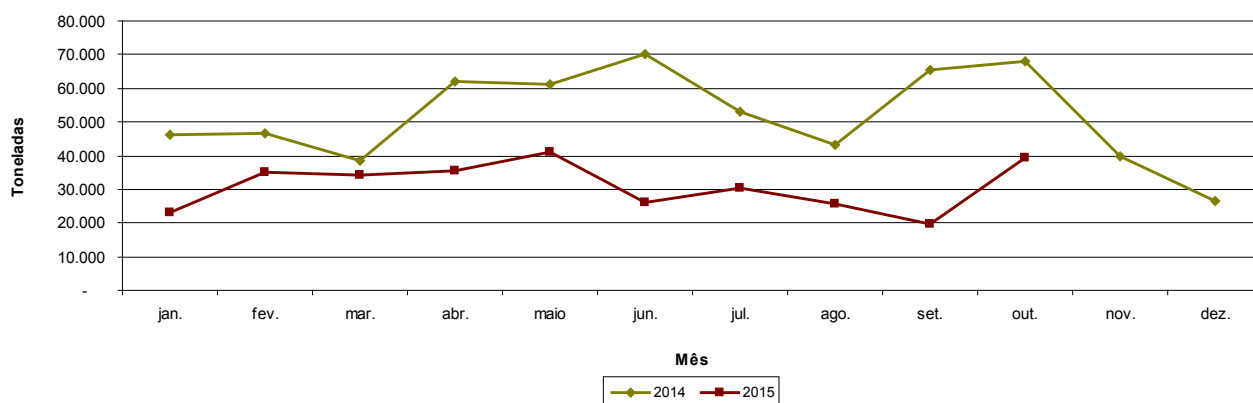
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

A importação de arroz também foi inferior ao período de janeiro a outubro de 2014 e 2015. Os gráficos abaixo

demonstram a redução do quantitativo importado.

Gráfico 100 – Importações brasileiras de arroz



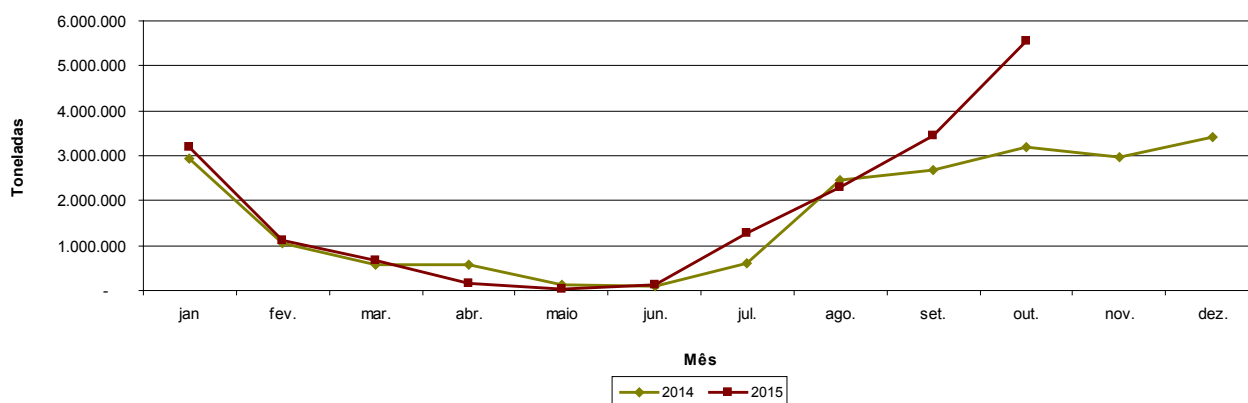
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

A exportação de milho no período de janeiro a outubro de 2015 é 3,1 milhões de toneladas superior em comparação com o mesmo período de 2014. O gráfico abaixo demonstra que o comportamento da exporta-

ção tem semelhança com o ano de 2014 até setembro e outubro de 2015, quando há o incremento no embarque do produto.

Gráfico 101 - Exportações brasileiras de milho



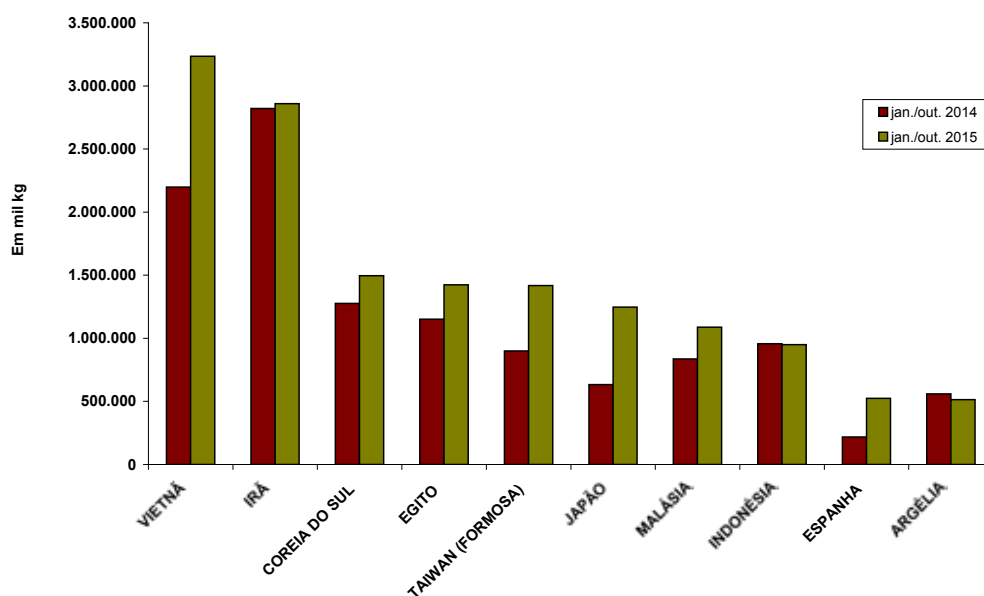
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

Quando se observa o gráfico abaixo, pode-se registrar que em praticamente todos os destinos o quantitativo de milho supera o ano de 2014, destacando-se a Es-

panha (140,56%), o Japão (96,94%) e Taiwan-Formosa (57,72%). O Vietnã e o Irã continuam sendo os principais destinos do produto.

Gráfico 102 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores



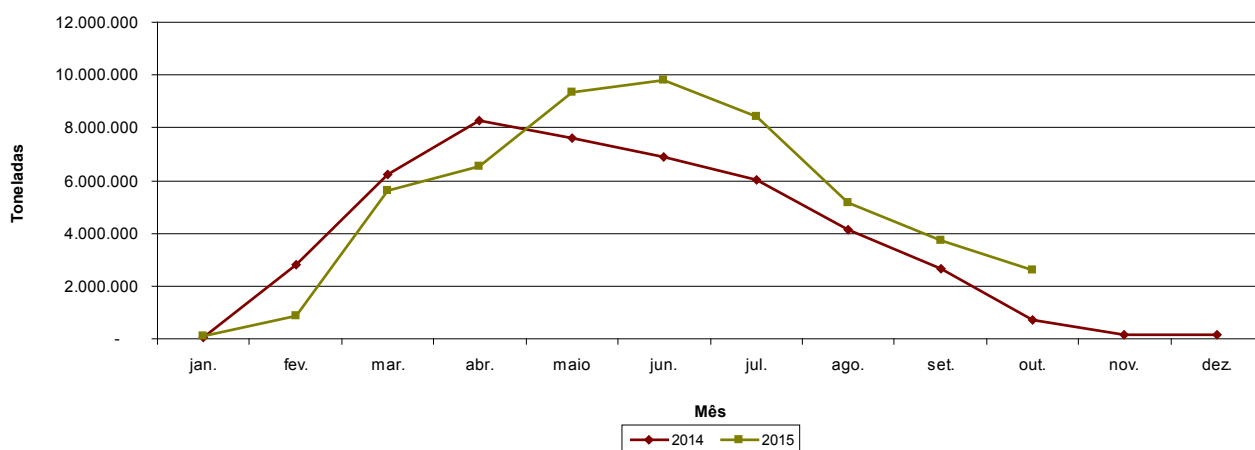
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

A exportação de soja de janeiro a outubro de 2015 tem tido comportamento superior ao mesmo período de 2014, como se observa do gráfico abaixo. Deve-se des-

taçar que a exportação de soja atinge 6,5 milhões a mais do que todo o ano de 2014.

Gráfico 103 – Exportações brasileiras de soja em grãos



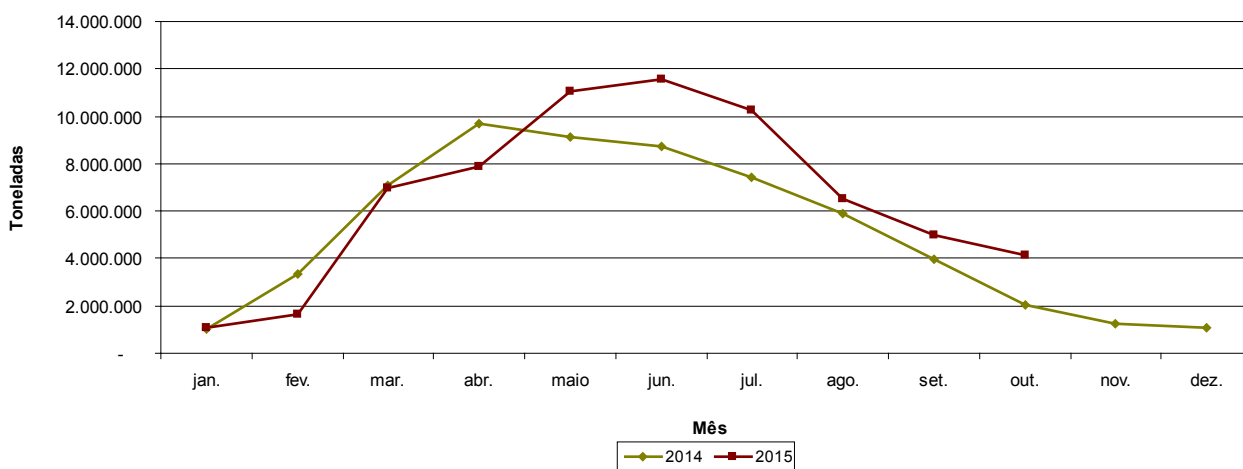
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

Para o complexo soja, no ano de 2015 já foram exportadas aproximadamente 66 milhões de toneladas para o período de Janeiro a Outubro, o que representa

mais de 10% da quantidade exportada em todo o ano de 2014.

Gráfico 104 – Exportações brasileiras do complexo soja (grão, farelo e óleo)



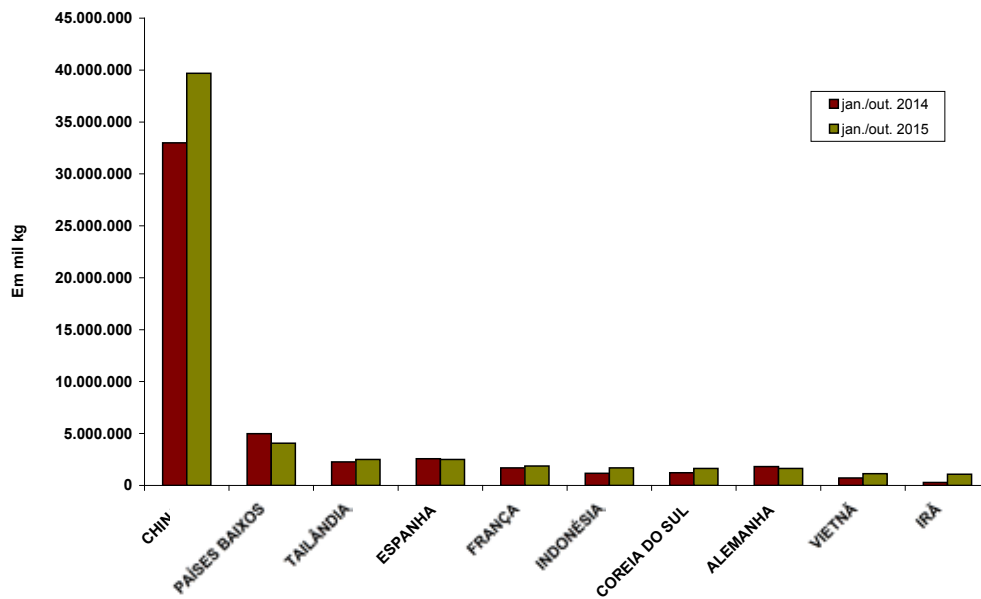
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

Dentre os principais países importadores do complexo soja, destaca-se a China que aumentou em 20,38% o quantitativo do produto, comparando o período de janeiro a outubro de 2014 e 2015. Cabe observar que

nesse mesmo período registrou-se incremento de embarques do complexo soja para o Irã (282%), Vietnã (57%), Indonésia (44%), Coreia do Sul (34%) e França e Tailândia (10%).

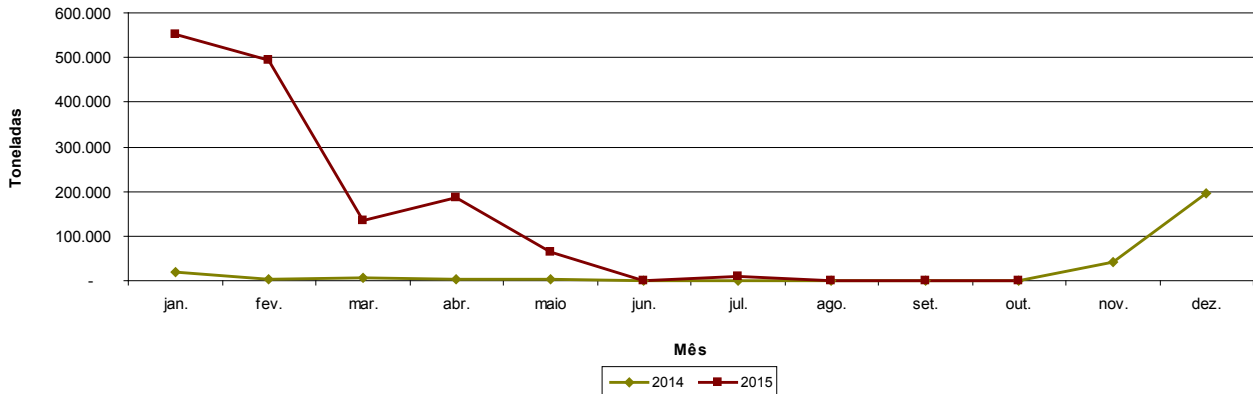
Gráfico 105 – Exportações brasileiras do completo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.
Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

O Brasil, no período de janeiro a outubro de 2015 importou 4,2 milhões de toneladas de trigo, quantidade 17,36% inferior para o mesmo período de 2014.

Gráfico 106 – Importações brasileiras de trigo – toneladas - janeiro 2014 a outubro de 2015

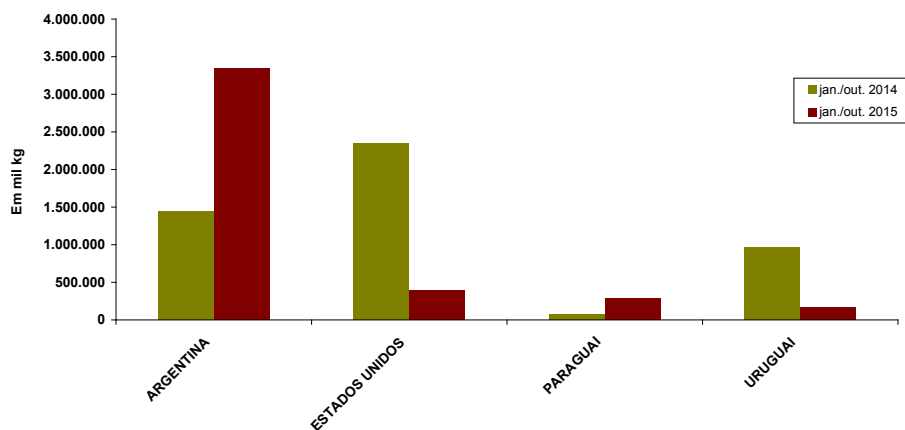


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.
Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.

Pode-se observar que no período em análise o Brasil aumentou a importação de trigo da Argentina (291%) e do Paraguai (132%), reduzindo as compras dos Estados Unidos e do Uruguai (aproximadamente 82%).



Gráfico 107 – Importações brasileiras de trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a outubro de 2015.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

